

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Número 11

Manaus — Amazonas ❀ Maio de 1963

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS PATRONOS

OCUPANTES

N.º	1 Péricles Moraes	Cosme Ferreira Filho
"	2 Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier
"	3 Gonçalves Didas	Agnello Bittencourt
"	4 Sílvio Romero	Aderson Andrade de Menezes
"	5 Araújo Filho	André Vidal de Araujo
"	6 Adriano Jorge	João Nogueira da Mata
"	7 Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
"	8 Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
"	9 Machado de Assis	Francisco Pereira da Silva
"	10 Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
"	11 José Veríssimo	Djalma Batista
"	12 Olavo Bilac	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
"	13 Tobias Barreto	(vaga)
"	14 Barão de Sant'Ana Nery	Moacyr Rosas
"	15 Graça Aranha	João Mendonça de Sousa
"	16 João Leda	João Crisóstomo de Oliveira
"	17 Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
"	18 Jonas da Silva	Aristophano Antony
"	19 Coelho Neto	Genesino Braga
"	20 João Ribeiro	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
"	21 Tenreiro Aranha	Plínio Ramos Coelho (eleito)
"	22 Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
"	23 Cruz e Souza	Nunes Pereira
"	24 Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
"	25 Araújo Lima	José Bernardino Lindoso
"	26 Rui Barbosa	Waldemar Pedrosa
"	27 Lafayette Pereira	(vaga)
"	28 Aníbal Teófilo	Américo Antony
"	29 Capistrano de Abreu	Carlos Almeida Barroso
"	30 Castro Alves	Thiago de Mello.

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XLV

N.º 11

1963



Manaus — Amazonas

DIRETORIA

Presidente	— LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA
Vice-Presidente	— ANDRÉ ARAUJO
1.º Secretário	— MAVIGNIER DE CASTRO
2.º Secretário	— JOÃO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA
Tesoureiro	— MOACYR ROSAS
Bibliotecário	— ALMEIDA BARROSO

Presidente de Honra

General NELSON DE MELLO

Diretor da Revista

Padre NONATO PINHEIRO

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

S U M Á R I O

1 —	Após um lapso	7
2 —	Elogio de Rui Barbosa — Salignac e Sousa	9
3 —	Subsídios para uma ecologia da Amazônia — Agnello Bittencourt	16
4 —	Encontro Final — Álvaro Maia	34
5 —	Razões cristãs da glória de D. Henrique — André Araújo	40
6 —	Poesia e humorismo — Aristophano Antony	54
7 —	Na Poltrona n.º 25 — José Lindoso	60
8 —	Resposta a José Lindoso — Aderson de Menezes.	76
9 —	Na Poltrona n.º 29 — Almeida Barroso	84
10 —	Idéias gerais sôbre a ecologia do homem amazônico — Djalma Batista	104
11 —	Presença sempre de Coelho Netto — Genesino Braga	113
12 —	João Leda e Cândido de Figueiredo — João Crisóstomo de Oliveira	118
13 —	Em louvor do Solimões — Mavignier de Castro	123
14 —	Transmigração — Mário Ypiranga Monteiro	124
15 —	Deus — Mitrídates Correia	126
16 —	Sumaumeira — Mitrídates Correia	129
17 —	Catarina de Ataíde — Moacyr Rosas	130
18 —	LÍNGUA PORTUGUESA — Padre Nonato Pinheiro	139
19 —	Na Poltrona n.º 1 — Cosme Ferreira Filho	140
20 —	Resposta a Cosme Ferreira Filho — Alvaro Maia	151
21 —	Noticiário Acadêmico	170
22 —	Plínio na Poltrona 21 — Genesino Braga	172
23 —	A Caminho da Acrópole Literária — Padre Nonato Pinheiro	174
24 —	História da Academia — Entrevista de Salignac e Sousa	177

Após um lapso de quase três anos, apresentamos mais um número da REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Os que conhecem a situação financeira dos sodalícios culturais em nosso país, cujos membros de ordinário só dispõem do ouro da inteligência, não estranham tais colapsos.

Não ficaram, entretanto, inativos os sócios de nossa Acrópole Literária. Honraram os brasões do Silogeu em brilhantíssimas tertúlias e em magistras colaborações literárias, na imprensa local.

Devemos ao Exmo. Sr. Acadêmico PLÍNIO RAMOS COELHO, Governador do Estado, a publicação deste número, num gesto que mais uma vez o distingue e caracteriza como verdadeiro Mecenas, interessado na promoção cultural do Amazonas.

A Sua Excelência, os agradecimentos comovidos da ACADEMIA.

Elogio de Rui Barbosa

SALIGNAC E SOUSA

Deveis imaginar os embaraços que assaltariam a alma de um pintor, a quem, hoje, se solicitasse reconstituir, no apuro das linhas e das côres, o retrato de um dos gênios da própria Arte.

Oferecessem-lhe, para um comprovante dos méritos, este-reotipar, na tela, não apenas o conjunto fisionômico e os traços complementares do personagem, mas também as paisagens cromáticas do pensamento a se exteriorizarem numa incessante orgia de claridades intensas e multiformes.

Só um mago, de certo, receberia o poder miraculoso de arrancar, do sudário do passado, o realismo de perfís em que a Natureza procurou imprimir o sêlo de sua complacência e, simultaneamente, inflamá-los daquelas mesmas energias fecundantes e criadoras.

Onde se encontraria o artista divino que, a um tempo, retratasse a fúlgure trindade da Renascença, simbolizando o excelso humanismo de Vinci, a pulcritude serena de Rafael e as cambiantes dramáticas e trágicas de Miguel Ângelo?

Aparecesse outro Angiolotto di Bondone, o dileto amigo de Dante e de cujo pincél se plasmaram as exaltações e os delíquios, a expressão e o movimento dos sêres, todos os surtos passionais da vida, e, então, sim, teríamos um deus a retratar outros deuses!

Quem, de nós, porém, mesmo que houvesse já percorrido a imensa e radiante via do Direito, desde o período romântico, quando, entre nuvens comburentes, no Horeb, Moisés recebeu as Tábuas da Lei, reproduzida a alegoria, no paganismo, através do oráculo de Delfos e da profetiza Egira, até à codificação romana e, daí, à multiplicidade dos institutos e doutrinas jurídicas, poderia num quarto de hora, oferecer ao menos uma idéia paupérrima sôbre RUI BARBOSA, um condor do pensamento que

transformou a clâmide do jurista num régio manto de soberano pontífice do Direito e da Lei !

Nele, como veremos, aquele conceito, tão celebrado, de Heráclito de Efeso, de ser a nossa alma produto do fogo e um sôpro rápido, transformou-se numa antítese, porque a alma de RUI, embora com os revérberos genésicos de um sól e o lucilar de uma constelação, deixou o sôpro perene do "Fiat" na estrutura das sociedades e das nações que, ainda agora, lhe revocam as máximas na preservação das prerrogativas próprias e das de seus membros.

Ajusta-se-lhe, portanto, o juízo de Lamartine de que "o pensamento humano faz o mundo à sua imagem, como Deus"; e, na verdade, foi, da inteligência olímpica do Mestre, que, para o cerne da República, do Brasil, saíram conjugadas as seduzentes trilógicas, festejadas n"Os Girondinos" :

"a soberania do direito sôbre a fôrça;
a soberania da inteligência sôbre os preconceitos;
a soberania dos povos sôbre os governos;"
colorários soberbos da :

"Revolução nos direitos, gerando a igualdade; da
Revolução nas idéias, criando o raciocínio em substituição
à autoridade; da

Revolução nos fatos, erigindo o reinado dos povos". Um evangelho dos direitos sociais. Um evangelho dos deveres. Uma carta da humanidade", assim definiu Lamartine a conquista superna da Revolução Francesa, em cujo idealismo o sangue e o fogo, da luta emancipadora dos Est. Unidos, de que participara Lafayette, trazendo-lhe a centelha da doutrina original de Montesquieu, concretizada no Estatuto de Filadélfia, se transfundiram em estímulos radicalmente liberalistas.

Aqui, em nosso país, RUI foi não sòmente o precursor das instituições federativas, através de erudita e convincente propaganda no "Diário de Notícias", da metrópole, como o autor do projeto da Constituição, remetido, pelo Govêno Provisório, à Assembléia Constituinte.

A profundeza de conhecimentos em tôrno do sistema político anglo-saxônio, revelada aquela fase preparatória da consciência popular para o alvorecer de tão luminosos direitos institucionais, credenciou-o ao desempenho de um papel cívico-patriótico de aspectos dignificantes, ou singularmente honrosos, qual seja o de, sòzinho, estruturar, no setido jurídico-político, uma nacionalidade !

Sim, o trabalho vertido da genialidade do construtor de nossa Democracia, recebeu, sem alteração na substância, conservada, quase integralmente na Magna Carta, poema de amor à Liberdade, de insaciada volúpia pelo Direito, deslumbradora harmonia entre o pensamento e a forma que fez de RUI um legítimo escultor da imagem da Pátria.

* * *

Ele não foi apenas o artista que, à obra prodigiosa, transmitisse a energia soberana dos ideais filosóficos, ou fascínio das tradições, ou a fôrça augusta da fé ou a apoteose da Justiça, desabotoando-se na igualdade e na fraternidade. Não! Sentiu que o seu modelo se animou, estuante de vida, e apaixonou-se, ligando-se-lhe de corpo e alma, enciumado como um Otelo.

Ninguém a susceptibilizasse de leve, ninguém se arriscasse a arranhá-la, fôsse o pretexto invocado, porque RUI, na ardência instintiva do espírito latino, transformando a palavra numa bramante ravina e o pensamento em relâmpagos, contínuos e ofuscantes, surgia na defesa do que estimava como o florão maior de seu **ego**. Era a hóstia em que se consubstanciavam todas as suas vibrações estelares!

* * *

Quando Floriano, arrimando-se à salvaguarda do regime, determinou a prisão de três outros marechais, um vice-almirante, parlamentares e catedráticos, incriminados de sedição, o Mestre, cheio de sensibilidades, lanceado no seu afeto pela enamorada, que êle pressentira em perigo iminente, renuncia a tudo e, no primeiro habeas-corpus da República, lança a tese da competência do Judiciário no exame dos atos do Executivo, praticados sob o estado de sítio.

Os argumentos sugestivos do petitório, inspirados na dogmática do direito público estadunidense, deixaram de ter a ressonância na consciência dos julgadores, não o compensando, portanto, dos labores de escutar a jurisprudência da Suprema Côrte norte-americana, nem da pesquisa beneditina de perquirir e sumular a crítica dos doutrinadores.

A denegação do remédio constitucional, baseado em razões inconsistentes, sem se apreciarem os fundamentos cintilantes que corporificavam as teses, sobretudo a das prerrogativas do excelso pretório do país em assunto de tamanha relevância, longe de abater o campeador, incitou-o a defendê-los, escandindo os efeitos em detrimento do próprio Judiciário e apontando o êrro

palmar do relator, ao justificar o voto no ruidoso caso *Marbury versus Madison*, cristalizado nos conceitos intangíveis de Marshall.

O brilhante autor de "**O advogado Rui Barbosa**", snr. Rubem Nogueira, assim o recorda: "A doutrina consagrada nas premissas dessa decisão, escrevia RUI, reportando-se ao aresto de Marshall, "longe de favorecer os meus antagonistas, constitui, pelo contrário, o mais bem sortido arsenal de armas utilizáveis em auxílio da causa que advogo".

Abriram-se, daí por diante, as comportas impiedosas do espraiaimento daquela têmpera oceânica, inquieta, esbravejante, envolvendo frondes e cordilheiras, sempre que um ato governativo trouxesse o remoto propósito de macular a pulcritude do regime.

Outros habeas-corpus flutuaram como vexilos protetores das liberdades públicas e das prerrogativas de cidadania. Nas instâncias inferiores, o advogado desdobrava-se na propositura de ações destinadas a reparar direitos patrimoniais.

Outras teses se desgastaram daquele inesgotável talento de concepções pompeantes, derretendo, em verdadeiras tempestades elétricas, as muralhas seculares do direito pátrio, arejando-o e transmutando-o na esmeraldina rechã, larga e infinita, onde, lançadas as sementes de um verbo sagrado, brotaram fulvas searas. Ele, como o José do Egito, previra a fase da crise do Direito, substituído o **imperium legis** pelo automatismo da Fôrça, e cuidou de nutrir a ditosa geração que viveu um ciclo de ouro nas refulgências de eternas belezas.

Bastaria referirmo-nos ao conceito extensivo da proteção possessória aos direitos pessoais, sustentado em esplendores de erudição e de indômita bravura, na defesa dos professores da Escola Técnica, do Rio, suspensos por ato ministerial de quinze de julho de mil oitocentos e noventa e seis.

Não fiquemos no exame doutrinário do pedido, porque RUI, como de outras vêzes, esgrimiou com os opositores, refutando-lhes as discordâncias e procurando comprovar as suas deduções no juízo dos melhores doutrinadores.

A questão do Acre Setentrional, o primeiro esbulho sofrido pelo Amazonas, o primeiro golpe desferido no seu patrimônio territorial, num dos elementos sagrados da organização política de um povo, encontrou, em RUI BARBOSA, desde a propositura da lide, o vigoroso e gigantesco patrono, invencível ou inexcedível no desenvolvimento e sustentação dos motivos históricos, das características estatais, num esbanjamento de sabedoria, que

abrangeu de Ulpiano aos civilistas modernos europeus e americanos.

* * *

Parece incrível que, de alma torturada pelos iterativos melindres à Constituição, semelhante a Hércules no amor à Djanira, assim atraído frequentemente ao setor do direito público, pudesse ainda forrar o espírito das iluminuras de todos os panoramas das ciências jurídicas, tanto mais quanto se a eleita de seu mundo afetivo não lhe vestiu a túnica de Nesso, obrigou-o, no entanto, a aceitar a coroa de espinhos do martirologio, perseguido e forçado a expatriar-se.

Vêmo-lo no rumoroso pleito do Conde Penteado e sua Companhia de Aniagens versus Com. Nacional de Tecidos de Juta, enfrentando galhardamente Carvalho de Mendonça, o príncipe dos comercialistas brasileiros, e, nos lances da peleja, nivela-se aos maiores especialistas da matéria, obtendo memorável triunfo ao se julgarem os embargos na última instância.

O conceituado publicista, de quem nos informámos das mais singulares contendas, nas quais se filtraram os clarões do espírito portentoso de RUI, relembra, dentre os já apreciados, a questão Minas-Werneck, condensando proposições magníficas e até estudos de psicologia, a da "São Paulo Northern" e o habeas-corpus em favor de Deleuze, cingindo objetos jurídicos interessantíssimos.

Mas, Senhores, se o parecer no projeto do Código Civil, se a definição ampla e rebrilhante do sítio, se o credo político, se a oração aos moços e se aquêle soberbo parecer, alusivo ao papel legal do Prefeito em Minas Gerais, nos Municípios de águas-minerais, transcrito na Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo, completam a trajetória, no ambiente interno da Pátria, de uma inteligência que se habituou aos vãos das alturas, donde se refletia como uma chuva de estrelas, nós o encontramos, finalmente, nesses mesmos impulsos dominadores no

Cenáculo de Haia !

O gênio é como o sol, que se esparge, atravessa as superfícies hialinas, introduz-se pelas frestas, penetra, até certo ponto, nas camadas líquidas, e refrange de encontro aos obstáculos, purifica a atmosfera e fornece os elementos complementares à germinação na terra.

Na refração, as ondas de luz se espalham em tôdas as direções, produzindo, sobretudo em se decompondo nos prismas,

tonalidades cambiantes, enquanto, no páramo, sôbre as nuvens, esplende em silhuetas e quadros esmaltados !

Eis o símbolo exato de RUI no salão dos Cavalheiros de Binnenhof, entre os delegados dos povos continentais, excetuando-se a Abissínia, a Libéria, Honduras e Marrocos. Eis o Mestre, elevado à figura **alpha** de uma plêiade humana que, ali, se ostentava, o **sete-estrêlo** do mundo jurídico e sociológico do século : — Marschal, Nelidoff, Coate, Bourgeois, Rapos Mére, Tornielli e Rui Barbosa, mais tarde, à indicação do excelso patricio, aumentado de sir Eduardo Fry. Eis, reunidos, os aristocratas do pensamento, comprovando aquela verdade saída dos lábios de Lamartine, isto é, fazendo o mundo à sua imagem !

William Stead, em notas relativas ao memorável sodalício, contidas na obra "O BRASIL EM HAIA", e vertidas para o nosso idioma, por Artur Bomílcar, narra os episódios que destacaram a supremacia intelectual de RUI e lhe salientaram os sinceros pendores democráticos, e a tradutor divulga os dez principais discursos do soberbo jurisconsulto.

As impressões transmitidas pelo consagrado jornalista inglês, no curso dos trabalhos, bastariam, por si sós, tamanho o conceito em tórno de Stead, para se concluir do êxito de RUI nos debates atinentes aos problemas de maior complexidade na Assembléa das Nações.

Inicialmente, contraopondo-se a Marschal, representante da Alemanha, fortalecido pelo apóio dos Estados Unidos, sustentou, em irrecusáveis argumentos, ao fulgor da Lógica e à rigidês dos fulcros do Direito, a igualdade da soberania dos Estados, grandes ou pequenas potências.

Invocando as apreciações de Léon Bourgeois, na primeira das Conferências, em 1899, relativas ao desvio do arbitramento nos litígios internacionais, e o raciocínio de Halleck, na "International Law", suplementou a tese, convulsionadora do espírito dos líderes das principais nações, de sancionados princípios jurídicos, obtendo a extraordinária vitória de romper a solidariedade gérmano-estadunidense.

Não parou aí a marcha triunfal de RUI : patrocinou a abolição da captura; manifestou-se a propósito da transformação de navios mercantes em vasos de guerra; analisou o problema da cobrança da dívida dos Estados, criticando a doutrina de Drago e o direito de conquista; decidiu-se por se extinguir o pretense direito dos beligerantes, quanto aos contrabandos de guerra; fundamentou os votos, emitidos no caso do Tribunal de Presas e

no de Arbitramento e ainda no da Côrte Arbitral, em profundas lições de internacionalismo e diplomacia, ilustrando-as de juízos e exemplos impressionantes.

Afinal, interpretou o verdadeiro sentido da Política, quando, ao presidente da Conferência, justificou a sua conduta no apreciar os assuntos, discriminados na pauta, mostrando-lhe a improcedência de uma censura indireta ou velada. Traduziu-a no conceito amplo dos interesses dos Estados, dos direitos dos povos, como decorrência dos objetivos das relações internacionais, na paz ou na guerra, e influenciando na ambiência intrincada do direito privado.

Eis as credenciais do maior sábio de Haia !

* * *

A parábola de Jesus sôbre o semeador — **Ecce exiit qui semināt, seminare**, abrindo um dos mais rutilos sermões de Vieira, adapta-se perfeitamente à pessoa e à obra de RUI, porque, dentro e fora da Pátria, a sua palavra foi a semente divina, brotando na árvore imponente da Justiça, em cujas ramagens frutificaram a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade !

Salve, RUI, pontífice do Direito e da Lei !

Subsídios para uma Ecologia da Amazônia

- I — **O ambiente físico e o homem :**
Solo — Água — Floresta — Calor
- II — **Decorências ecológicas :**

Dubiedade — Isolamento, mas não insociabilidade — Amor à liberdade — Religião e panteísmo — Mansidão nas atitudes — Desambição nos negócios — Apêgo ao extrativismo e imprevidência.

Considerações preliminares

AGNELLO BITTENCOURT

Nos domínios das ciências biológicas, a palavra "ecologia" era somente usada, outrora, nos estudos da Botânica para designar as relações da planta com o seu ambiente. Mas, quando na aurora do presente século, a Geografia Humana tomou os foros que lhe deram Ratzel, Lespagnol, Vidal de la Blache, Brunhes e outros, aquele termo passou a exprimir as mesmas ocorrências referidas ao homem.

Não foi mais do que equacionar, em condicionadores cada vez mais objetivos, o problema do "determinismo" geográfico em contraposição ao "possibilismo". Realmente a natureza e o homem são forças que nem sempre vivem em harmonia. Este afasta-se no caso de não poder triunfar pela inteligência. Tais correntes, enfrentando-se, têm razão, cada qual, na amplitude de suas resistências.

Faça-se justiça às vitórias do possibilismo, em face do progresso da engenharia e da higiene, oferecendo recursos para a realização de grandes obras no campo, visando um sentido econômico, militar ou político. Aterros, desaterros, perfuração de montanhas, açudagens, drenagens, substituição de matas

impenetráveis e de desertos como o Texas estadunidense, certas áreas da Argélia, da Índia, e, mais recentemente, do Estado de Israel, mudam o panorama desolador em centros de produção, onde se formam agrupamentos humanos, cidades, vilas e fazendas, nas quais se desconhece a miséria. É que o possibilismo venceu ajudado pelo dinheiro, pela ciência e pelas energias cooperativistas.

Todavia, nem sempre é assim, em toda parte, porque o ambiente físico, duro demais, ainda não achou ou jamais achará sua oportunidade. Há asperezas que a lixa não desgasta. Neste caso, faz-se mistér procurar normas de adaptação, se é possível transigir. Volta-se ao determinismo ou mais precisamente à ecologia humana, e verifica-se que agentes considerados imponderáveis não deixam de efetuar decorrências veementes, no conjunto das transformações que ela determina.

A influência do meio molda os seres que nêle vivem. E, no homem, define-lhe o pensamento, a linguagem, os traços de sua arte, e é imperante no seu regime de trabalho, como veremos adiante.

A ecologia, capítulo da Geografia Humana, estuda e equationa todos os fenômenos de correlação, prevenindo os que possam ser danosos.

I — AMBIENTE FÍSICO E O HOMEM

Solo — Água — Floresta — Calor.

SOLO. A Amazônia é uma planície sui generis pela sua grandeza, constituição geológica, cobertura florestal, regime das águas, largo acesso de seus caudais e, por isso, facilidade dos seus transportes até os pontos mais longínquos. Abrange uma área de, aproximadamente, 7.000.000 de quilômetros quadrados, dos quais 4.778.000 no Brasil, sob a jurisdição dos Estados do Amazonas, Pará, parte de Mato Grosso, Territórios do Acre, Rondônia, Amapá e Rio Branco. É a Hiléia de Humboldt, na amplitude mais expressiva da bacia amazônica.

Sob o ponto de vista topográfico, ou, mais propriamente, altimétrico, o solo da região no seu retalhamento fluvial e lacustre, está praticamente dividido em terras altas ou "terras firmes", e terras baixas ou "varzeados", ou simplesmente "várzeas". A diferença consiste em que as primeiras não são atingidas pelo fluxo das enchentes fluviais, de todos os anos. Mas, não passam de ligeiros dorsos seccionados que acompanham os "estirões" e as curvas das margens, não se elevando a mais de 200 metros

acima das enchentes médias. Às vêzes, alargam-se para o interior com o nome de "terras gerais".

As várzeas são as superfícies que o dilúvio anual submerge, nos seus intumescimentos excepcionais. Os rebeirinhos ainda fazem uma distinção para designar as terras comumente traga-das, dizendo-as "várzeas baixas", sôbre as quais o lençol líquido leva mais de dois meses para descer. São consideradas impróprias mesmo à agricultura de pequeno ciclo, por sua excessiva humidade.

Ainda não se pôde verificar as áreas das terras firmes e dos varzeados, mutáveis anualmente conforme a amplitude das enchentes. Acreditamos que, em média, êsses varzeados ocupem, nos seus limites com as terras altas, nada menos de 40% da bacia, bastando saber que as enchentes habituais sobem a 10 metros, e as de apogeu a 15. Dêste vulto apenas duas, neste século: as de 1922 e 1953.

Estamos tratando de um solo de extrema instabilidade. É tão frouxo que as correntes fluviais e as infiltrações o arrastam com facilidade, provocando o que ali se chama de "terras caídas". Desfiguram-se as silhuetas das margens de maior embate, sem precisar que haja ímpeto de correntes.

Nos rios vagueantes na Planície, como no Baixo Purus e no Baixo Juruá, fazem-se cortes nas curvas mais pronunciadas, dos quais resultam os "sacados", canais de retificação, que encurtam as viagens. É a falta de solidez da terra que permite essas roturas.

De tal modo são moles os varzeados que não podem suportar o pêso de um edifício de alvenaria, de um ou dois pavimentos, a menos que o local seja profundamente estaqueado.

As terras firmes, ao contrário, têm suas camadas compactas, seguras.

Enganam-se os cientistas de gabinete, supondo e proclamando que os varzeados da Amazônia não possuem poder vegetativo, porque os julgam varridos ou erodados pelas águas fluviais. Pura suposição, sem fundamento razoável.

Reflita-se no seguinte fato: o vai-e-vem das águas, nas enchentes e vasantes, fora dos leitos, nos igapós, é vagarossíssimo sob as florestas que cobrem as terras aluviais, não dando para arrastar os troncos, os galhos e folhagens caídas e acumuladas. As várzeas restituem o que retiraram do solo. A' a lei da compensação. Com os detritos vegetais lançados ao solo úmido e sujeitos às reações fisioquímicas da transformação da matéria orgânica, forma-se uma camada de humus, de surpreendente fertilidade, que ali vai ficando, no proveito da própria floresta.

Os nossos roceiros não querem outras terras já que, à maneira das ribas do Nilo, em razão do fluxo das águas, são fecundadas anualmente. E, por isso, não precisam de adubação artificial, permitindo, as menos alagáveis, uma cultura de dez meses.

As terras firmes da região, ao contrário das outras, esgotam-se facilmente, após dois plantios consecutivos. Daí, o caboclo ir sempre para diante, abrindo novas clareiras, até que um dia, anos depois, os velhos terrenos de suas roças, já revestidos de "capoeiras", possam receber novo cultivo. Neste ponto das considerações formuladas sobre as terras da Amazônia, ao têmos idéia da permistão de "terras firmes" e "várzeas", estas mais abundantes na parte setentrional da Planície, inferimos que o meio físico há de apresentar sensíveis diferenças, no enquadramento da vida humana. Veja-se a bacia particular do Rio Negro, com suas ondulações mais acentuadas, com suas florestas de um verde-escuro mais pronunciado, rios de águas negras, mas límpidas em pequenas porções, lentidões nas correntes, margens (no verão) cobertas de pedras escuras e praias alvíssimas. E em vez de várzeas, igapós sobre massapê, ao contrário do que se observa no Solimões, Juruá, Purus, etc.

Integrando a bacia do Rio Negro, que um jornalista, Antônio Rodrigues dos Santos, visitou e descreveu recentemente, chamando-o **Rio das Sombras**, há um notável afluente, o Rio Branco, atravessando no seu superior vastas áreas de natureza peculiar e contrastante, sem florestas e sem águas negras. Aí, o homem não pode ser seringueiro, castanheiro, madeireiro, pescador, mas somente "vaqueiro". É uma região excepcional da Amazônia.

ÁGUA. O elemento líquido, como já o fizemos sentir, infiltra-se e esquadrinha toda a bacia, valorizando-a, principalmente dentro do nosso território. Também afirmamos, em outro lugar, não se percorrer uma extensão de meia dúzia de quilômetros, próxima ou distante das margens dos rios e lagos, sem que se deparem dois ou três igarapés, paranás e pântanos, os quais se tornam caudalosos à época dos invernos. E, sobre as várzeas, unem-se todos, formando um infinito lençol líquido, apenas interrompido, aqui, alí, pelas aludidas terras firmes.

Louís Agassis, quando esteve no Amazonas (1865), observou o fato e viu diante de si um "oceano de água doce que tende para o oceano salgado", desde que lhe tirem o exuberante revestimento vegetal dos aluviões.

Configurar-se-ia um vasto arquipélago semeado num mar de pouca profundidade, mas apresentando braços tentaculares em todas as direções.

Nos seus negócios e trabalhos extrativos e agrícolas, o amazônida é um quase anfíbio. Quando nos referimos aos filhos da gleba, incluímos em seu número os ádvenas adaptados sob as influências do meio.

Quem não possuir uma canoa para ir à faina diária ficará insulado. Para cada família, há sempre duas ou mais embarcações: "montarias" para os homens irem "mariscar", para as mulheres se dirigirem às roças, as crianças à escola, bem como as "igarités" para o transporte de pequenas cargas.

Ao contrário do que se pensa no resto do Brasil, as enchentes, na região do Rio Mar, são lentas. Começando em novembro, avançam até junho (dia 24, mais ou menos). E, extraordinariamente, até princípio de julho. São oito meses de subida e quatro de descida. A antecipação e o retardamento do fluxo e do refluxo dependem do tempo e da intensidade das precipitações pluviais. Como se infere, compreendendo-se a vastidão da planície, as águas sobem mais lentas do que descem, mas nunca em precipitação perigosa a ponto de arrancar plantações, casas, criação, etc. como se supõe aqui, no sul do País.

Não há movimentos torrenciais. Ninguém morre surpreendido pelas águas.

O regime das enchentes e vazantes, ali estabelece um calendário para as atividades das colheitas agrícolas, da extração de produtos naturais, da caça, da pesca, da navegação, etc.

Bem acertado o pensamento do amazonólogo Leandro Tocantins, ao referir-se às atividades dos habitantes do rio que lhe emprestou o nome: "o Tocantins comanda", expressão de um imperativo determinista generalizado em tôda a Amazônia.

O dia em que se nota a "queda das águas", ou seja, o início da vazante, é de alegria para o glebário, como o da primavera para o europeu: comêço do melhor período de trabalho, de abastança e de festas.

Uma das maiores riquezas da região é a sua fauna ictiológica. Mais de 500 espécies, algumas formando enormes cardumes, povoam os meandros fluviais e lacustres, constituindo a fonte principal de alimentação. De tôdas essas espécies, destaca-se o pirarucu, pesando, os adultos, mais de cem quilos. Salgado em forma de "mantas", figura, em milhares de toneladas anuais, nas estatísticas de exportação, sem se contar com a maior parte consumida pela população local. É uma riqueza que está se extinguindo rapidamente, pela maneira brutal e anti-econômica das pescarias, exatamente na época em que o pescado se acha criando os filhotes, logo sujeitos à voragem de outros peixes.

Nas águas da incomparável bacia, outra riqueza imensa tende à completa extinção: é a tartaruga, o alimento mais procurado de toda a gente da planície. Há cerca de 20 anos, um exemplar, pesando 30 quilos, era vendido por Cr\$ 25,00, na quantidade que se quisesse, no período da vazante. Hoje (1959) as tartarugas são raríssimas de se encontrar custando, cada uma, Cr\$ 2.000,00, se não mais.

Como veremos adiante, quando tratarmos de florestas e extrativismo, o glebário da Amazônia é um devastador das riquezas da terra.

FLORESTA. A floresta amazônica tem características que lhe são exclusivas: capacidade, complexidade e riqueza. Como a água, nas suas múltiplas influências no indivíduo e na economia da região, ela infundiu algo de seu na personalidade daquela gente, nas energias e nos hábitos planiciários.

Não se pode considerar o caboclo, direta ou indiretamente, livre do mundo vegetal que o cerca, alimenta e agita. A floresta é a sua mais poderosa defensora, bem como do próprio solo, contra as erosões. Grande atenuante da canícula, permite noites frescas e agradáveis. Faz, ainda, a oxigenação do ar, reduzindo os efeitos das impurezas emanadas dos pântanos.

Alguns viajantes ilustres verberaram a monotonia daquelas selvas. Essa opinião deve ser tomada num sentido bem relativo, pois a uniformidade proclamada está apenas num golpe-de-vista do conjunto; basta verificar a contextura do revestimento das várzeas e das terras firmes para, imediatamente, se registrar sua diferença, no porte dos exemplares, no verde da folhagem e na "pestanda" das matas. Ademais, cada trecho marginal tem o seu desenho, sua paisagem própria.

Nesta ligeira apreciação, convém lembrar que a área em aprêço não é, por toda parte, vestida da mataria opulenta, mas coberta, muitas vezes, de campos naturais dominados por gramíneas e vegetação arbustiva à beira de pequenas lagoas, como se vêem no Baixo Amazonas, no Purus, no Rio Branco, etc., zonas, por sua natureza, destinadas à criação de gado.

Como quer que seja, a Amazônia é, de um modo geral, um deserto verde apenas interrompido pelos seus cordões d'água e, de longe em longe, por algumas cidades, vilas e povoações, num território que vale por metade do Brasil, com uma densidade demográfica no cômputo de 0,52, por quilômetro quadrado.

Há mais de dois séculos, o glebário civilizado e o índio domesticado exercem aí suas atividades econômicas. Este último,

da "selva selvaggia" e das águas, retira todo o seu bem-estar, representado nas palhoças em que mora com a família, nas essências medicinais que apanha e nas pescarias que efetua, principalmente na época das vazantes. Mas, nada resiste à devastação. Sobretudo a floresta, duplamente vítima do fogo e do machado. Sofre a espoliação dos extratores que vivem das espécies preciosas, como a seringueira, o caucho, o pau-rosa, a sorva, a castanheira, as madeiras, etc., tôdas sem replantio. Os cauchais já desapareceram e assim vai acontecendo com os fibras, o pau-rosa, a maçaranduba e as plantas medicinais. Um grande número de seringais, esgotados pelo exagêro dos golpes, não mais existe; outros ficaram reduzidos a meia dúzia de árvores. Os castanhais, outrora tão produtivos, vão se extinguindo, pela idade. Não se plantam outros. Ninguém, na Amazônia, ajuda a natureza.

A floresta, no que tange àquelas essências, está se empobrecendo, ano a ano. Dizem-no as estatísticas do consumo interno e da exportação.

Mesmo assim, um tanto desfalcado, o nosso reino vegetal não tem rival no planeta, não somente pelo vulto e variedade dos seus recursos, como pela facilidade de exploração de alguns espécimes, e seus meios de transporte. Seria fastidioso enumerar aqui todos êsses recursos. Mas, continuemos a definir a floresta no seu aspecto mais impressionante e econômico.

A vegetação mais compacta é a dos varzeados, onde as árvores, de um tecido vascular mais frouxo e, por isso, mais abundante de seiva, não oferecem madeiras de resistência e durabilidade: é o reino das seringueiras.

Nos massapês situados pouco acima das enchentes médias, outros vegetais acham o seu "habitat" preferido: é o império da castanheira.

As madeiras de lei vivem nas zonas enxutas, sendo que as mais valiosas para carpintaria e marcenaria se encontram sobranceiras nas chapadas dos terrenos mais altos. No entanto, há plantas comuns a tôda a bacia, não lhes importando a elevação do solo e sua estrutura, tanto quanto o grau de umidade. Dentre tantas, aparecem o cedro, a itaúba, a acaricuara e uma grande variedade de louros. A própria hévea mantém-se riquíssima (como se observa no Acre), em lugares inatingidos pelas enchentes fluviais, porque as árvores permanecem envoltas numa atmosfera super-úmida, quer no inverno, quer no verão. É que o estado higrométrico que lhes míngua nas raízes, têm-na pela folhagem.

A samaumeira é o gigante das selvas amazônicas, elevando-se a 50 metros, sendo guarnecida, na parte inferior do tronco, de "sapopemas", raízes adventícias em forma de tábuas, que se estendem lateralmente no solo sedimentário como esteios para sustentar o colosso. A samaumeira é o nosso baobá. Aquelas nossas florestas são dificilmente penetráveis, nos seus limites, nas margens dos rios, lagos e paranás. Uma orla de vegetação arbustiva, compacta, entrelaçada, que os naturais chamam "cerrado", bloqueia-lhes a penetração. É para os botânicos, a "pesta da mata", que os caboclos assaltam a facção, abrindo uma vereda, sempre que a querem transpor.

Uma visita ao interior da floresta oferece enseio de se constatar em lugar sombrio, encimado por uma umbela verde. Troncos eretos, de todos os portes, desganhados por alguns metros, avizinham-se, não permitindo um descortínio visual. Durante as primeiras horas da manhã e as últimas da tarde, faz-se ali uma penumbra espessa. O sol é um vencido, nesse ambiente tétrico.

Já nos referimos à abundância e complexidade dos espécimes florestais. Num hectare, aglomeram-se muitas centenas de exemplares. O Dr. Jacques Huber, renomado botânico que esteve no Amazonas em 1910, declarou que o número de plantas vasculares então conhecidas ali podia ser computado em cerca de 10.000. "A vida de um homem — disse ele — mal chegaria para ter idéia exata de um quilômetro quadrado de mata virgem, quanto mais de uma área de três milhões de vezes maior".

A promiscuidade em que se acham as árvores dificulta a exploração das que são procuradas e se destinam às serrarias. Damos um exemplo: deseja-se formar uma jangada de cedro; escolhe-se o lugar e penetra-se na floresta, onde abundam exemplares da espécie, e encontra-se o primeiro, um tronco gigantesco, de 15 metros, mais ou menos. Corta-se. Não desaba, seguro que ficou, ao alto, no entrelaçado dos galhos portentosos, das outras árvores igualmente grandes, mas não procuradas, no momento. Essas companheiras, talvez umas 15, precisam ser também decepadas; de outra maneira, o tronco de cedro não cairá. Está concluída a operação? Engano. Faz-se mistér nova derribada de árvores, na abertura de uma vereda pela qual aquêle tronco seja compelido, sôbre rolos, até a margem do rio, onde se vai compor a jangada. Esse trabalho cansativo, demorado e perigoso repete-se tantas vezes quantos os troncos a conduzir. A floresta defende-se...

Em outras regiões do País, não se dá esse fato, pois que as associações vegetais são homogêneas e de exemplares menos

aglomerados, como se vêem no Paraná e outros Estados, com referência à imbuia, ao pinho, à peroba, etc.

Na Amazônia, a fertilidade do solo e o calor são os agentes da exuberância de suas florestas, manifestada no seu constante vigor clorofiliano e eterna juventude.

CALOR. Se não fôsem circunstâncias contensoras, poder-se-ia dizer que a vida, na planície amazônica, tem uma característica de exaltação, no homem, nos animais, nos vegetais. Todos são súditos, se não escravos, do seu reino material. Com um céu quase todo sem nuvens, verifica-se ali uma forte luminosidade, nas clareiras abertas pelas cidades e vilarejos, pelos rios e lagos, e por alguns campos naturais e artificiais.

Não há alternativas acentuadas de estações, mas apenas dois períodos de maior e de menor quantidade de chuvas: o "verão", de junho a outubro; o "inverno" de novembro a maio. Neste último, as descargas pluviométricas são mais abundantes. As precipitações não chegam a 3.000 mm. anuais. Chove bem menos do que se pensa. Conforme observação oficial, registrou-se, apenas, para todo o ano de 1957, uma queda de 1.793, mm.

Exagera-se a temperatura da região. Quem não a conhece, supõe-na torrificante, senegalesca. Em média compensada, gira entre 26 e 27 graus centígrados. Referente àquele ano (1957) que foi normal, registraram-se: para o Amazonas (Manaus) 26,7° c.; para o Pará (Belém) 27,3°; para Rondônia (Pôrto Velho) 25,5° c.

As "friagens", que ocorrem em fim de junho ou em começo de julho, fazendo baixar a temperatura a 18, 16 e 15 graus centígrados, pelo espaço de três ou quatro dias, não têm importância, ali, para a vida humana. Seus efeitos são muito transitórios, apenas fatais a certas espécies ictiológicas.

São mais frisantes as alternativas de temperatura entre os dias e as noites, do que entre os verões e os invernos, pois a madrugada é parte da manhã permitem horas agradáveis, segundo o testemunho de viajantes ilustres, fazendo esquecer que se esteja em zona equatorial. Deve-se êsse fato à presença das florestas e à continuidade dos ventos de Leste.

Nesta perfunctória apreciação do ambiente físico da "terra imatura", apreciação que encerra premissas para as nossas conclusões, muito teríamos a acrescentar sôbre o conjunto de aspectos compreendidos no fator **clima**, se não fôsse o propósito de restringir êste trabalho.

II — DECORRÊNCIAS ECOLÓGICAS

Dubiedade — Isolamento, mas não insociabilidade — Amor à liberdade — Religião e panteísmo — Mansidão nas atitudes — Desambição nos negócios — Apêgo ao extrativismo e imprevidência.

Na feitura topográfica de uma região, máxime de uma região de modelado complexo, não são somente o solo, com seus relevos ou não, os rios e os lagos, as florestas ou campos e as camadas geológicas da superfície, que se nos apresentam nas decorrências ecológicas. Outras muitas aparecem na lista dos fatores determinantes de costumes, sentimentos, profissões, tendências espirituais, etc. Para o fim que temos em vista, não traçando o perfil do caboclo da Amazônia, mas procurando ressaltar as vantagens e os defeitos de sua personalidade, em face do grupo social de que faz parte, bastam-nos os elementos mesológicos do capítulo anterior, mesmo porque, na região, os demais são relativamente menos coercitivos.

DUBIEDADE. Fique bem claro que nos referimos aqui, preferencialmente, ao homem das zonas rurais, o mais exposto às contingências da natureza e, portanto, usufrutário ou vítima do determinismo geográfico.

A par de excelentes predicados de inteligência e de caráter, o amazônida incorpora defeitos. Dentre êstes, está a dubiedade. Nas suas conversas e atos, êle a manifesta sempre. Jamais afirma categoricamente. Nas palavras "paresque" (parece que) e "disque" (diz-se que) patenteia uma dúvida às vêzes a respeito até do que sabe não ser falso. Tem conhecimento, por exemplo, de que o castanhal está carregado de frutos, não porque lhe disseram, mas porque o constatou. Se lhe indagarem o que pensa da "safra" a ser realizada, responderá: "disque" será abundante.

Na linguagem regional, o "talvez" substitui quase sistematicamente o "sim" e o "não".

A dubiedade, um tanto maníaca, provém, queremos crer, da influência da instabilidade do solo, nos varzeados em que nasceu e vive. Também pode ser da incerteza dos dias em que começa a enchente ou a vazante, como das épocas em que a frutificação é pobre ou abundante. A respeito desta, tratando da produção da castanha, por exemplo, podemos acentuar que há grande disparidade nas colheitas.

Como se apresentam irregulares as "colheitas normais", imaginem-se as esporádicas.

Argumentando com os fatores citados conclui-se que foi a natureza, isto é, o meio físico que ensinou ao caboclo e a todos os ádvenas adaptados aquela dúvida que mora no seu pensamento e transparece em tôdas as suas atitudes.

Não olvidamos que, embora sem ambição de fortuna, o caboclo tem o pensamento adstrito às safras, quando vagamente se lembra do lado econômico e financeiro da vida.

A dubiedade também pode ter sua gênese na frouxidão dos barrancos, nas "terras caídas", tantas vêzes tem sucedido aos ribeiros, com suas famílias, serem vítimas, arrastados inesperadamente no vórtice da corrente, devido ao solapamento e desabamento da margem que ocupavam. Alta noite, dormindo em suas rêdes, acordam no bulício das águas.

Felizmente, o fenômeno não é geral, mas não deixa de influir em boa parte dessa gente,, que parece não se arreçar da fatalidade.

A Amazônia, sendo, como se mostra, uma das terras "mais novas" do Planeta, e achando-se ainda naquela fase caótica de que nos fala o autor de "Os Sertões", uma região em que os rios, em certos trechos, ainda serpenteiam, procurando uma diretriz, o homem, seu habitante, há de possuir, no seu modo de compreender os acontecimentos, alguma cousa de muito vulnerável à influência do ambiente.

A insegurança que sente a seus pés sobe-lhe à cabeça, em forma de dubiedade. É interessante constatar-se-lhe, para um estudo psicológico, o seguinte aspecto de sua personalidade: enquanto tem mêdo das assombrações, evitando encontros com o "curupira", o "mapinguari", o "navio encantado" e as almas do outro mundo, enfrenta a onça, o jacaré, o bando de lontras, se assim fôr preciso.

Acovarda-se na idéia dos mitos mas retempera sua disposição de ânimo ao lutar com a perigosa realidade.

ISOLAMENTO, MAS NÃO INSOCIABILIDADE. A dispersão demográfica da Amazônia, nos seus intérminos sertões, mas sempre de forma ribeirinha, não é assertiva de egoísmo. É contingência crematística.

Quem já' perlustrou aquêles páramos ou teve informações sôbre a dispersão dos recursos naturais de que vivem os respectivos habitantes, sabe que essas fontes econômicas não permitem

aglomerações de trabalhadores. São raros os casos em que haja necessidade de reunião de muitas famílias, para a faina das safras. Essas mesmas não duram senão o tempo das colheitas.

Não tem conta o número de vêzes que o extrator de borracha se isola, por três ou quatro meses, no seu "tapiri", somente tendo contato com os companheiros aos domingos ou em dias santificados, nos "barracões" de seus "aviadores", sempre distantes. Repete-se êste movimento, que patenteia um forte espírito de sociabilidade, nos demais extratores de outros produtos naturais.

Seringueiros, castanheiros, madeireiros e pescadores costumam, em geral, possuir duas residências: uma permanente, onde vivem com suas famílias; outra temporária, a do trabalho mais lucrativo. Convém frisar que, na Amazônia, atendendo que as safras (pesca e borracha, no verão; castanha e madeiras, no inverno) se processam em épocas diversas, os extratores, chegados de uma colheita, seguem logo para outra. E só não se fazem acompanhar dos de sua casa para não privarem os filhos da freqüência escolar e não deixarem ao abandono suas pequenas roças. O "sítio", habitação efetiva, compõe-se, quase sempre, de três palhoças: uma casa ampla, cozinha e "casa da farinha". Naquela, há uma sala espaçosa destinada às festas e às reuniões de "vizinhos" todos conhecidos e amigos. Muitos sítios têm sua "ramada", de chão bem batido ou de soalho, especialmente destinada às danças. Prova inequívoca de que o caboclo é visceralmente sociável. Durante essas reuniões, come-se e bebe-se na melhor ordem, até o fim. Na hinterlândia reina a fraternidade. Se os "vizinhos" (alguns separados por duas horas de viagem, em canoa) não são parentes pela consanguinidade, fazem-se espiritualmente, em tórno das fogueiras de S. João.

Visitamos alguns lugares do interior, nos quais, em época própria, as "ladainhas", pretexto para os folguedos, não faltavam aos sábados. O convite consistia em três disparos de "ronqueira" às 8 horas da manhã.

Mais positivas provas de sociabilidade são as "novenas" consagradas à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, a Santo Antônio e S. João. Nessas, os convivas permanecem na "casa da festa" durante vários dias, mesmo que termine o período litúrgico. A função continua até que se esgotem a "munição de boca" e a bebida (café e cachaça). Só então é que cada um retorna à sua casa, à espera de outra festa, enquanto não chega o dia de seguir para a safra.

A natureza regional encerra numerosos exemplos de "associação", nos reinos vegetal e animal. Quando, atrás, demos um golpe-de-vista nas florestas, acentuamos o entrelaçamento das frondes e o emaranhado de cipós, formando a campacidade da umbela verde, que os raios solares mal podem atravessar. Não se trata de tipos uniformes, mas do que há de mais heterogêneo em botânica. Ali, as diferenças não se repelem. Parece, até, que se amam, na festa comum. Os peixes, os mais diversos, grandes e pequenos, formam densos cardumes, que sobem os rios à procura de praias ou pedreiras para a desova.

São curiosos os tamuatás, que vivem em colônias enormes nos pântanos, em solapos recônditos, nos igarapés, escondidos de outros peixes, e do homem. Pelo tempo de verões prolongados, quando pressentem o esgotamento absoluto, retiram-se num só instante, coleando, por terra, sob a floresta marginal, rumo ao lago ou ao rio mais próximo, no que são auxiliados por uma orla de escamas laterais.

É uma demonstração cabal de instinto de previsão e de associação.

São famosos, pelo culto e beleza, os bandos de pássaros que cortam os ares da Amazônia, notadamente as garças, os guarás, os periquitos, as marrecas e outros palmípedes. Não se dispersam. Que sentido de associação os agita, sem discrepância de um exemplar!

Nas florestas, os macacos e certos quadrúpedes, como as capivaras e os porcos, agrupam-se em bandos consideráveis, possivelmente numa atitude de mútua defesa.

Em face de tantos exemplos naturais, no solo, nas águas e nas florestas, os homens planiciários, não obstante o imperativo de sua vida econômica a isolá-los em seus sítios, não podiam ser, e não são eremitas.

AMOR À LIBERDADE. As áreas empregadas entre montanhas limitam os passos, a vista e a imaginação do homem. Ao contrário, nas planícies, o descortínio material e intelectual não tem medida. Obviamente, a Amazônia está neste caso. Os rios da região, até onde esta alcança os primeiros degraus dos sistemas orográficos do Norte, do Oeste e do Sul, deslizam numa baixada sem socalcos, na direção da calha principal. E esta é livre como os seus afluentes. O anfiteatro da bacia acha-se muito longe.

Os ventos alíseos Leste-Oeste entram e correm sem obstáculos.

O espaço amplo é amigo da liberdade. As montanhas são, até certo ponto, barreiras ou restrições ao espírito.

Na extensão da Planície enquadra-se a largueza do pensamento espontâneo da gente que a habita.

Os amazônidas, dentro de suas pirogas, vencem a amplidão, em meses consecutivos, e não lhe chegam ao fim. Para toda parte eles acham caminhos, assim queiram ou tenham necessidade de viajar. É do seu temperamento moral não sofrer pressão de qualquer espécie. Quando incapazes de resistir, retiram-se para muito distante, levando a família, abandonando a casa e as plantações. Consideram que êsses bens nada valem em troca de sua liberdade e sossêgo, pondo em prática o brocardo: "os incomodados são os que se devem mudar".

Uma das obrigações que mais assustam os rapazes é o serviço militar, não pelos ásperos trabalhos que pensam enfrentar. É a disciplina que lhes tirará a liberdade em que foram criados. Não podendo escapar ao chamamento da lei, apresentam-se, aquartelam-se e fazem o seu "tempo de serviço". Acabam estimando a vida que temiam. E os novos reservistas aprenderam, então, que o sentido da liberdade envolve tôdas as obrigações que a civilização impõe, no escôpo do bem-estar comum.

RELIGIÃO E PANTEÍSMO. No estado ainda dilucular de sua inteligência, os nossos patrícios daquela hinterlândia, de soturnas florestas e águas profundas, onde, segundo acreditam, há mistérios indecifráveis, seguem a religião católica apostólica romana geralmente num contubérnio panteísta. Tanto se crê em S. Tomé, protetor das roças, como no solitário e medonho "curupira", entidade maligna, rei das selvas. Acredita-se também no "mapinguari", de estatura e fôrça colossais, como na ajuda de S. Francisco, de S. Antônio e S. João. Os estrondos e urros que se ouvem, vindos de muito distante, patenteiam a existência de duendes em cólera. A pujança grandiosa e espetacular do ambiente criou, na imaginação semi-embrionária do caboclo, um estado de exaltação que se objetivou naquelas figuras, umas terrestres outras aquáticas. O número de superstições é avultado. Os mitos de todos os povos vão desaparecendo à medida que a cultura vai sendo divulgada. Está acontecendo êsse resultado na mentalidade daquela gente ribeirinha. As lendas assinalam estágios da imaginação. As crenças positivam-se e constituem as crendices.

MANSIDÃO DAS ATITUDES. Chega à displicência a fleugma dos planiciários. Vale afirmar que não se assustam. Não se lhes estremece o coração em face do perigo.

Mas é notória sua resignação. Conta-se que de uma feita, um filho da terra e um nordestino pescavam em companhia de amigos. Ambos são picados, no mesmo instante, pelo peixe-arraia cujo ferimento é dos mais dolorosos e prolongados. Enquanto o nordestino gritava e se contorcia, chamando o nome de vários santos, o outro, com a mesma gravidade do acidente, limitava-se a gemer e a chamar pelo "diabo", em voz muito baixa.

Os nossos patrícios da hinterlândia sòmente perdem a mansidão, isto é, aquela habitual atitude de calma expectativa, quando se embriagam. Ainda assim, mesmo exaltados, não são brigões.

A calma dessa gente é um reflexo da lentidão dos grandes rios que deslizam a seus pés. Pode ser também imanente da suavidade com que os alíseos sopram nas florestas penetrando as habitações. Não é para desprezar por sua vez, o espelho dos lagos, no revérbero de um céu sem tempestades.

E a lentidão com que se operam o fluxo e o refluxo das águas fluviais não terá, por seu turno influência na alma de quem sofre ou goza dos efeitos do fenômeno? E' o caso de repetirmos: "o rio manda, o ribeirão obedece".

DESAMBIÇÃO NOS NEGÓCIOS. A facilidade com que os amazônidas do interior provêm suas casas, indo ao rio, ao lago ou à floresta para retirar os alimentos e os gêneros que vendem, explica e prova a sua imprevidência e desambição. Seu maior trabalho é ir buscar, pois procurar nem é preciso. Fora os produtos agrícolas, sobretudo a farinha, que ainda têm que preparar, tudo mais lhes sai de graça. Sentem que não é necessário imitar a formiga da fábula. Sua despensa, que é a própria natureza, está sempre provida, no inverno e no verão.

APÊGO AO EXTRATIVISMO. Já se sabe que a base da economia planiciária está quase exclusivamente em colhêr, ou seja, em extrair os produtos das florestas e das águas. Daí, a expressão "indústria extrativa" ou "extrativismo", forma da atividade ali exercida desde os primórdios da conquista da região.

A natureza, no interior da Amazônia, compreendidas as áreas ainda não devastadas pelo homem, é uma ucharia. Aos seus usufrutuários, apenas o trabalho de apanhar e conduzir. Para positivar esta assertiva, registre-se o seguinte hábito: O

caboclo, sempre madrugador, levanta-se, toma o café ou mingau de banana, mune-se dos utensílios de pesca, embarca na sua "montaria" e diz à esposa: "Vou buscar o almoço e a janta". Antes das 11 horas da manhã, está de regresso, conduzindo os alimentos do dia. O estômago não lhe dá preocupações. Outrora havia o costume de o ribeirinho mudar sua residência para outro lugar de maior fartura, quando, nas vizinhanças da antiga, as águas iam ficando escassas ou "vasqueiras". Antigamente, tôdas as matérias primas exploradas se designavam sob o nome genérico de "drogas do sertão", quer fôsem plantas medicinais (salsaparrilha, puxuri, copaíba), ou não, as quais se escambavam por mercadorias importadas (tôda a espécie de manufaturas, grãos, sal, etc. etc.). Ditas matérias primas são, ainda hoje, como há mais de um século, as mesmas, em sua maioria; apenas, representadas pela palavra "gêneros". Gêneros de exportação, em lugar de "drogas do sertão" é o que, embora parecendo cousas diferentes, encontramos nas atuais e nas velhas estatísticas do comércio da Amazônia.

Compreendiam: borracha (outrora, "seringa"), salsaparrilha, puxuri e piassaba, óleo de copaíba, castanha, pirarucu salgado, banhas de peixe-boi e tartaruga, ovos, mixira, etc., produtos êsses alguns explorados só ultimamente, outros já hoje extintos. No presente século, sobrepujaram a todos, no seu valor comercial, a borracha, a castanha, a madeira e, mais modernamente, o pau-rosa. Eis, ontem e hoje, a base do extrativismo, que dá e vicia, gerando no extrator o permanente estado de expectativa das safras. Os lucros nos centros de produção, seringais e castanhais compensavam os sacrifícios de enfrentar as florestas distantes das cidades, suportar os mosquitos, o desconforto e os preços escorchantes das mercadorias.

Nos "barracões", pontos estratégicos do comércio e da navegação, nada faltava, inclusive artigos de luxo, como "champagne", charutos, jóias. Como as minas de ouro do Transvaal eram os seringais da Amazônia; na mesma época, com a diferença de que naquela região africana se ergueram várias cidades importantes, centros de civilização hoje muito prósperos e felizes. Na terra das héveas, nem sombra do passado... Nada, no seu interior.

Os saldos, todavia, sempre deram para cobrir tôdas as prodigalidades, mesmo para os patrões viajarem pela Europa.

Se o autóctone e o ádvena, ao começar de 1900, já eram imprevidentes e perdulários, pioraram ainda, quando lhes chegou o deslumbramento da maior valorização da borracha. Mais cedo

ou mais tarde, como seria óbvio, vivia a crise das cotações e do esgotamento das árvores. Foi o que sucedeu. É que todos os pensamentos se fixaram, sistematicamente, na floresta. Dêsse ponto morto saíram os proprietários, arrendatários e extratores.

Tôda sugestão de plantar seringueiras e castanhais, para não falar em outros vegetais preciosos, sempre foi repelida e, até, ridicularizada. Não havia necessidade de cultivar, diziam, se tinha muito no mato. Ademais, os nordestinos, constituindo o maior número de extratores, na esperança de enriquecerem depressa e, logo retirarem-se para a terra natal, exauriam as héveas no máximo da produção. Com êsse propósito, não podiam incluir no seu programa de trabalho plantar seringais e aguardar, durante oito anos, o comêço da colheita.

O extrativismo bloqueou a economia da região por todos os lados e por tôdas as formas.

DEVASTAÇÃO VANDÁLICA E IMPREVIDÊNCIA. A velha indústria extrativa da Amazônia é de função aniquiladora. É um possibilismo negativo, bem ao contrário dos demais, que aplainam a natureza em favor do homem.

É o efeito de colhêr, por processos danosos, tendo como resultado a extinção da espécie, vegetal ou animal. Seringais antigamente famosos pela abundância do látex, hoje não mais existem, ou ficaram reduzidos a meia dúzia de árvores definhadas, em consequência do excessivo golpeamento da faca ou da machadinha. É escusado dizer que, em lugar dos exemplares mortos, outros não foram plantados. Os grandes e pequenos castanhais explorados secularmente no Madeira, Purus, Solimões, Rio Negro, Baixo Amazonas e muitos outros pontos da região, caminham para o aniquilamento por natural senilidade.

É que não se tem a previdência do replantio, nem se deixa em baixo de cada árvore, no final da colheita, ao menos dois "ouriços" para sementeira. Coleta-se até o último.

Dentro de alguns anos talvez não mais existirão castanhais, uma das maiores riquezas da região.

Os balatais foram aniquilados em menos de trinta anos pelo sumário corte das árvores, cujos troncos eram lançados ao solo e golpeados, maneira de captar o látex. Com a sôrva e com o pau-rosa, aplicou-se o mesmo processo devastador.

Hoje é alarmante a redução das colheitas. As espécies animais, sobretudo quadrúpedes de couros ou de peles de valor comercial, têm o mesmo destino. Onças, queixadas, veados,

lontras, etc., tornaram-se raros nas proximidades dos lugares habitados.

Com o uso das "aigrettes" como adornos do vestuário feminino, os caçadores extinguiram bandos de garças. Felizmente a moda passou. Hoje, onde mais encontraremos as famosas "nuvens" de marrecas e patos selvagens de antanho?

Nas águas, as reservas eram fabulosas. A tartaruga e o pirarucu formavam a base da alimentação popular e de boa parte da exportação. Presentemente, todavia, as espécies estão a caminho do desaparecimento.

Não se conhecem, na Amazônia, leis mais inoperantes do que as consubstanciadas no Código de Caça e Pesca. Ali, tôda a fiscalização é anulada pelo menoscabo do povo e das autoridades, ou pela sua conivência nas infrações.

* * *

Como acabamos de ver, pelos acidentes geográficos e por sua influência na vida do homem, o amazônida não foge à regra do determinismo, com a qual continua a plasmar seus hábitos e pensamentos.

Concluí-se que é, acima de tudo, um submisso; jamais um possibilista, naquele bom sentido de dominar para mudar as suas condições de vida. Não é que lhe falte capacidade.

Ele é, no sentido econômico, um aproveitador, que não olha para o futuro. Embora, como já vimos, o indivíduo tenha sua vida moldada pelo meio, a exploração destrutiva está fora da reciprocidade ecológica entre a natureza que fornece o benefício e o homem que recebe e usufrui, mas tendo a obrigação de o defender.

A palavra "previdência" não se encontra no vocabulário daquela gente, quer se trate de autóctones, quer de ádvenas. Mais particularmente, o caboclo a quem não mínguam inteligência, atividade e bons sentimentos é um contemplativo, um imprevidente, dentro de sua vida simples de usufrutário da mãe comum — a natureza.

E tentar mudar esse estado de espírito é a tarefa que caberá aos jovens amazônidas de agora, responsáveis pelo futuro da região riquíssima que lhes servi ude berço.

ENCONTRO FINAL

ALVARO MAIA

I

Sem ti os sentimentos esmaecem
e o espírito jaz em sombras, absorto...
Contigo as esperanças resplandecem
e brotam rosas no caminho morto...

Os mundos anteriores reflorescem
em mundo novo, lembrando um horto...
— Quem sou? Quem és? — Os corações aquecem
aéreas visões, famintas de conforto...

Tudo isto, porque nasce de outras eras,
tecendo primaveras em sorrisos,
próprias dos que sofreram e se amaram...

E eu venho do equilíbrio das esferas
e páro, acrisolado a paraísos,
raros demais nos anos que passaram...

II

Porque fui mau em erros e defeitos,
tramados contra ti, eis-me a pagá-los...
Curvo a fronte à dor, como os vassalos,
chibatado, em silêncio, sem direitos.

Podem bramir os ódios de outros peitos :
suporto as provações para enfrentá-los.
E, como um barco em temporais e estreitos,
terei de enfrear os ventos e evitá-los.

No dia humilde em que mais nada tenho,
sinto a libertação niveladora,
pingando sangue num bendito lenho...

Na hora de exílio, à que ninguém responde,
trazes na voz a Luz Reveladora,
que enxerguei bem sei quando e bem sei onde...

III

Quando nos vimos, vi eternidades,
além das formas, que seduzem tanto
e se queimam ao fogo das maldades,
enquanto ascende a graça, em vago encanto...

Quando nos vimos, vi imortalidades,
e nos fitamos sem receio e espanto...
Guardas na frente o mito das idades,
em que os bons se insurgem contra o pranto...

Agora, neste encontro, caminhamos,
prendendo para sempre as nossas almas,
— forças fraternas que se procuravam...

Mesmo na morte, não nos separamos,
pois estivemos nas paisagens calmas
dos que, em vidas passadas, já se amavam.

IV

Nossa vivência em festas não se passa,
nem em loucos desejos se resume :
aspiramos na dor sempre um perfume
e colhemos alívio na desgraça...

Se desce a escuridão, conduz o lume
contra os males, girando-os em fumaça...
Se tomba contra nós pesado gume,
a fé em Jesus os golpes estilhaça...

Quando pensamos no fim, que é o começo,
escutamos apelos no infinito
e apertamos as mãos, sem um tropêço...

E, corpos sem valor volvendo ao nada,
marchamos, de olhos no alto, sem um grito,
— almas fulgindo à eterna madrugada...

V

Muito acima de cimos de montanha,
transpondo na escalada a órbita fria,
semeamos aos descrentes a alegria
e aos sem-teto e sem-pão, em terra estranha.

Guiados pelo amor, na luz tamanha,
semeamos as cadências da harmonia
aos que se esvoem em sêde e nostalgia,
aos que esbravejam maldições e sanha. . .

Medito em nossa vida, em tempos vários,
— eu, trapista e mendigo, em noite inteira,
ou cigano e corsário entre corsários. . .

— Tu, anjo-da-guarda isento de misérias,
eras a via-látea, em cuja esteira
fomos bater nas vastidões sidéreas. . .

VI

Só Deus sabe quem parte, mas espero
partir partir primeiro na espiral da morte :
já ouvi o seu aviso, como quero,
voando aos mundos, entre sul e norte...

Deixando os restos, em que me encarcero,
marcharei para a Lúcida Coorte...
E, em seus braços cairei, em clima a zero,
opondo à solidão nosso amor forte...

Seguir-te-ei, então, pela existência,
velando teu destino em tôda parte,
firme e invencível na sobrevivência...

E, em procura dos céus, quando partires,
estarei no êrmo azul para levar-te,
entre as estrêlas e as flamas do arco-íris...

Razões cristãs da glória de D. Henrique

ANDRÉ ARAUJO

O desenvolvimento do espírito da nacionalidade portuguesa se consubstanciou, através de séculos de lutas, gloriosamente heróicas, obstinadamente evangélicas e profundamente místicas.

Um olhar retrospectivo nesse passado de grandezas, prescrutando-se os documentos, os fatos, os movimentos de massa, as tragédias, as batalhas, a vida ética dos povos que se miscigenizaram na velha península ocidental, na comborente formação da pátria lusitana e do povo extraordinário de Portugal, — um olhar retrospectivo, — dizia, — mergulha no mistério sublime daqueles que, edificando reinos, passaram a Taprobana, com obras valorosas e se tornaram maiores pelas maravilhas que realizaram.

Há um mistério na vida dos portugueses, que somente a mística dos que sabem perder o sentido dos objetivos materiais, pode explicar e interpretar, — essa gloriosa mensagem, essa radiosa destinação da gente mais pacífica, da gente mais heróica, mais equilibrada e mais humilde que tem edificado, no mundo, tantos povos, tantas terras, tantas pátrias.

O gênio português, plantador de civilizações, tal como o semeador a que se refere o Evangelho de Cristo, saiu, por um imperativo misterioso a semear a bôa semente, desde a imprecisão dos tempos remotíssimos, lá na penumbra dos séculos, quando os fenícios comerciavam em Cádiz; lá, muito antes de Homero existir, antes mesmo das expedições dos cartagineses, nas primeiras fermentações sociais dos povos primitivos que habitavam a península, — lá Deus destinava para Portugal rumos eternos, os quais, contemplamos hoje, nós os que temos consciência, os que conhecemos história e sabemos medir a estrutura dos grandes povos, não através do seu poder econômico, capitalista, desumano e anti-cristão,, não pelo poder atômico de suas armas bélicas, não pela imensidade de seu território, mas pela função

pacífica e exemplar dessa gente, pela construção moral desse povo, pelo sentido humano de sua vida agrícola, pela ordem cristã de sua infraestrutura comunitária, como de sua superestrutura agrário-econômico e industrial.

Como as abelhas, nos mistérios das colmeias, — Portugal é, na Terra, o maior exemplo de ordem e perseverança, exemplo êsse dado por um dos menores países do mundo.

A figura assombrosa de Viriato é quase um exemplo único na história dos povos, pela sua fulguração, como guia dos povos romanos, e tanta glória teve seu nome, naqueles tempos, que sobre sua fronte irradiou, numa concessão augusta, o título nobre de AMICUS POPULI ROMANUS.

A mensagem de Portugal ao mundo é, verdadeiramente, uma mensagem humanamente cristã e eminentemente apostólica.

O mundo vivia uma época transcendental, em plena idade média, quando Portugal marca seu destino místico, com o ideal da evangelização dos povos.

Mas, muito antes de um Infante D. Henrique ser iluminado pela vocação cristã do povo português, dizem os cronistas mais afamados, que apóstolos de Cristo como São Tiago Maior percorreram a Península.

São Jerônimo, Santo Isidro, São Julião de Toledo, o venerável Beda, sentiram a alma apostolar do povo que nascia; e São Paulo, na Epístola aos Romanos, anuncia sua partida para as Espanhas.

As mais notáveis figuras do Cristianismo pisaram e missionaram, em todos os quadrantes, as terras abençoadas daquele rincão ocidental.

Vândalos e suevos, cartagineses e visigodos, fenícios e gregos, bárbaros e árabes lutavam pelo domínio ocidental da Espanha, mas, — diz João Ameal, — o verdadeiro e grande invasor era o Cristo que nascia para os homens.

Foi o cristianismo que lançou a semente da combustão e da efervescência na formação do povo português, que lutou decênios e mais decênios contra o Islam, — luta essa, cujo verdadeiro espírito tinha suas raízes eternas nas fontes eternas do Cristianismo eterno.

O fenômeno Viriato é algo fantásticamente assombroso; um episódio que encarna a força miraculosa do poder invencível e tenaz desses heróicos homens do mar e da terra, que navegaram

todos os mares, "pola ley, pola grey" levando na alma, no bojo das caravelas, no olhar faminto, a conquista, para a eternidade, de gentes de tôdas as espécies, de terras de todos os climas, para o Cristo e para Deus.

O que os apóstolos realizaram, depois de Pentecostes, pela sementeira do Evangelho, Portugal realizou, como nação apostólica, no semear o ideal do Cristo Vivo, através de uma política humana de conquista, de paz e de amor.

O aspecto guerreiro dessas emprezas não desvaloriza o espírito cristão dessas conquistas. Muito ao contrário de certas interpretações, que a malícia jacobina ou o despeito desmedido querem emprestar a êsses feitos, a essas emprezas, que por contingências humanas, foram mais violentas ou mais heróicas, — tinham uma função mística, profundamente cristã e altamente religiosa.

Nessas épocas, o espírito das gentes e dos povos coexistiu em função do espírito religioso embora êsse espírito tivesse, ao tempo, uma elasticidade variável.

Os próprios bárbaros, os vândalos, os suevos, os romanos, os islamitas, os árabes, os mosarabes, — todos tinham seu lastro religioso, desde que se compreenda ou que se dê ao sentido de religião, uma justa interpretação a êsses motivos; um sentido simbólico de certas forças, de certos sêres, de certas cousas e de certos homens, até divinizados como foram os Césares; de forças como a mitologia grega, como os símbolos florestais, as idéias antropomórficas, as crenças populares, os elementos, certos sentimentos, os aspectos pensamentais, — a tudo isso a que a fôrça humana das inspirações, das emoções e até da intuição, transforma, numa verdadeira mística, mística que é fôrça e motivo da evolução dos povos, da heroicidade dos homens, da beleza das pátrias e da sublimação das gentes.

Quem não sabe que Dom Afonso realizou uma profunda política religiosa? Quem não conhece as inúmeras Bulas Papais que se relacionam com a política religiosa exercida pelos Reis de Portugal? Quem não conhece o juramento de D. Afonso ao Papa Inocência II? Quem não conhece a história do legado Dalmácio, monge do Cluny e depois bispo de Compostela? Quem não conhece a influência benéfica de Cluny, com os seus monges penitentes em relação a certos imperadores e Reis? E tudo isso, na antiguidade longínqua, no século X, mais ou menos.

E a história de heróicos portugueses que se armavam cavaleiros de Cristo na Congregação de São João Batista, na Ordem

dos Hospitalários, chamados também Cavalheiros de São João de Jerusalém, e mesmo na extinta Ordem dos Templários, cuja finalidade encantadora homens ambiciosos torceram do sentido cristão puro?

Reis, nobreza, clero e povo integraram um profundo espírito de nacionalidade. Já ao tempo de São Mamede (1128), Portugal tinha uma personalidade acentuadamente cristã. A Sé de Braga era o centro de irradiação de intensa vida espiritual e ativo foco de apostolado cristão.

O papel dos portugueses, no heroísmo das Cruzadas, é altamente destacado. A Evangelização, face o problema tremendo dos muçulmanos, se impunha a uma Nação que fazia surgir para o mundo uma língua nova, rica e maravilhosa, fugindo até do domínio do Látio.

Paio Soares Taveiros e o grande D. Diniz já consubstanciavam a grandeza da língua portuguesa, que nascia.

As cruzadas davam um sentido específico à nova Pátria cristã que se engrandecia, cada vez mais, como Nação autônoma, sequiosa de liberdade e de amor pelos homens.

Portugal não vivia somente por instintos vitais. Tinha uma consciência acima de tudo. Quem analisar a personalidade de D. Fernando; quem estudar, historicamente a cultura do povo, suas muralhas de defeza, seus Castelos feudais, suas batalhas em Aljubarrota, em Valverde; quem pensar na nobreza heróica do mestre Aviz, de Nun'Alvares; o direito e o verbo de João das Regras, — vê, prevê, sente que essa Nação, que êsse Povo, que a Pátria Portuguesa, viveu e vive cheia das belezas imortais do cristianismo, cuja mística impunha aos velhos luistanos a ânsia do apostolado entre povos e terras distantes.

Devemos também considerar que, no princípio da era cristã, corria a versão de que São Paulo palmilhara a Península, pregando o Cristianismo contra o paganismo íbero-romano.

A fôrça profunda dessas pregações frutifica em pleno século VII, no gênio de um Santo Isidro de Sevilha, de São Martinho de Dume, teólogo extraordinário; de Idácio, Bispo de Chaves; de João de Biclara, em Santarém; de São Frutuoso, de Braga, semeador de mosteiros.

O que é verdade é que, a formação de Portugal, — fazendo-se na fermentação com que se processou, — dá-nos a idéia de que uma grande missão mística Deus preparava para essa

gente, que enfrentou tropas muçulmanas, que pôs abaixo califados, expulsou mouros, lutou com árabes, bérberes e moçarabes.

A missão de Portugal se consubstancia num ideal de reconquista cristã, de fundação de estados e pátrias cristãs.

Essa função religiosa sempre foi vivida, pelos seus estadistas, seus heróis, seus santos, seus mártires, seus soldados, seus marinheiros. Talvês essa atitude seja até um estado de alma das gentes de tôda a Península, tendo-se em consideração que um Fernando I, rei de Castela, um Afonso VI e muitos outros reis e imperadores, bispos, abades, senhores, condes e prelados, bem como a própria natureza da organização social com suas classes, consília, vilas, quintas, vilares, igrejas, abadias, — impregnaram a terra de um espírito cristão acentuado.

O estudo da história de Portugal, através de mestres notáveis como o imortal Alexandre Herculano, Alfredo Pimenta, António da Silva Rego, Júlio Cayolla, Elaine Sanceau, Manuel Murias, Damião Peres, Teixeira Botelho, Augusto Bouchot, Manoel Bernardes Branco, Henrique Galvão, Carlos Selvagem, Paulo Merêa, António Matoso e tantos outros nos fazem crer algo de misterioso na sua função apostólica de colonização.

E' que o espírito português foi formado em luta por um ideal teleológico. Sua ação nas cruzadas; seu contacto com o Papa, como no caso de Urbano II que teve de organizar exércitos para conter a fôrça do Islamismo, nas Cruzadas do Ocidente; que proclamou, primeiramente, a cessação de lutas e guerras privadas entre países e gentes cristãs, — em tudo, Portugal tem suas raízes profundas nos preceitos da Doutrina de Cristo.

A própria formação do povo português, mesmo nos seus estratos egeus, fenícios, gregos, cartaginezes, romanos, germanos, sarracenos e francos, tem sua continuidade moral, heróica, nas meditações que almejava crear em Portugal, uma Igreja que não dependesse das igrejas visinhas; embora brilhasse no ercebispado de Braga, um D. João Peculiar, homem de visão extraordinária.

D. Afonso Henriques quer a igreja portuguêsza ligada à Roma. E para isso, funda, já nesse tempo, de formação do povo, — mosteiros; jura vassalagem ao Papa Inocência II; restaura os bispados de Viseu e Lamego, sempre dentro do eterno espírito português, de tudo ser feito sob a proteção da Igreja e no espírito de conquistar tudo para Cristo.

Estudando-se a organização dêsse tempo, lá pelo século onze, vê-se que o espírito dessa organização é todo profun-

damente cristão. Se bem que estejamos, já nessa época, em plena idade média, com suas escolas, suas catedrais, seus monastérios,, colégios, a própria ciência do TRIVIUM e do QUADRIVIUM, com vultos como Santo António de Lisboa, Pedro Julião ou Pedro Hispano e Frei Álvaro Pais.

Formado o espírito místico, guerreiro, cujas linhas gerais esboçamos rapidamente, a pátria portuguesa sonha, olha o azul do céu e o verde do mar; o que desperta, no fundo da sua alma, a nostalgia do infinito ou a ânsia pela busca do absoluto.

Aos homens do mar verde, como Marco Polo, interessam a ambição pelas quintilharias; e os homens do infinito azul, como São Francisco de Assis, pregam a necessidade da volta ao Cristo e de tudo ser renunciado em Cristo.

E a Nação desperta para o mistério de sua verdadeira destinação, de sua vocação oceânica que se concretizará com o anseio de grandes construções navais.

D. Afonso III, D. Diniz, Afonso IV, D. Fernando, êste, principalmente, começaram a objetivar a função verdadeira da nacionalidade portuguesa: o mar e a colonização, e tudo pelo amor de Cristo. O problema de Aljubarrota e Castela estava resolvido. Só a idéia de Cristo e a necessidade de conter os muçulmanos, a bem do serviço da eternidade, agitavam a angústia portuguesa de buscar os mares e perlustrar outras terras: África, Ásia, Oceania e o Ocidente ignorado.

Aí a Nação se agiganta. A guerra islâmica, na Península Hispânica, ia ser transferida para a repressão à pirataria dos filhos de Mahomé.

É quando entra na alma dos portugueses a idéia da tomada de Ceuta. Daí, a sementeira espiritual toma novos rumos, tem penetração mais profunda. Já a armada numerosa, bastante acrescida por D. Diniz e seu sucessor está pronta, como se pode sentir nas considerações da bula da Cruzada do Papa Bento XII.

A vespéral de Aljubarrota marca, definitivamente, a alvorada de uma nação que se agiganta para Deus, com os vultos de D. João I, Nuno Álvares, Mestre de Aviz, João das Regras e tantos outros.

O reino se transforma como se tem transformado Portugal. A ordem, a moral, os costumes, a paz, o trabalho, todo o reino, sob o império de Cristo Rei, sonha e se levanta para a eternidade.

D. João I pensa na expedição para tomada de Ceuta, e arma com as armaduras esplendorosas de cavaleiros medievais, seus

três filhos mais velhos: D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique. É entretanto, a este último, o Infante D. Henrique, a quem o Rei confia a execução da tomada. Nuno Álvares crê na vitória. Ceuta será uma cidadela de Deus e de Cristo.

A figura do Infante se projeta milagrosamente. É um gênio ao serviço do heroísmo de uma gente gloriosa.

A Côrte se transforma num arsenal. Tudo trabalha pela glória de Portugal. A morte de D. Filipa em nada altera o plano. A excelsa senhora, na tranquilidade de seu traspasse, roga que se execute o plano da tomada de Ceuta. Pede ao marido que não vacile, e, a 25 de julho de 1415, parte dos recessos do Tejo, a grande armada, sob o comando do Infante D. Henrique. A nau capitânea hasteia o pavilhão do Infante.

A vinte de agosto, a esquadra está perante Ceuta, enfrentando os mouros. Durante a noite, até a alvorada do dia seguinte, a fortaleza é abandonada e a terra coberta de cadáveres. O templo mahometano é transformado imediatamente, em templo de Cristo. A cruz substitui o crescente islâmico. É que o espírito vence mais essa jornada, na luta contra os adversários da cristandade.

Mais um passo se dá para a concretização da liberdade da Terra Santa, do túmulo de Cristo. Ceuta não é somente uma glória dos portugueses, de suas armas; é uma vitória do espírito de todos os portugueses que viveram, que vivem e que viverão pelo serviço da Pátria, pela causa de Cristo.

Nuno Álvares, em Aljubarrota, nos heroísmos de Atoleiros, nos sacrifícios de Valverde, — rebrilha nos fascínios do Infante D. Henrique, em Ceuta.

A história do gênio dessa imensa figura da humanidade, evoca a exaltação de todos nós, portugueses e brasileiros, que deveríamos constituir uma só comunidade, tais os fatos e o espírito que nos prendem.

Acontecimentos excepcionais estão ligados à vida de D. Henrique, principalmente a mística que sempre animou a alma portuguesa nos seus feitos históricos, nas suas batalhas eméritas, nos seus descobrimentos assombrosos.

A plenitude do espírito de lusitanidade é uma das glórias do Infante. E o Infante se reveste, presentemente, de um incomensurável espírito de universalidade, dentro da história antiga, como presentemente na história de Portugal, no Portugal que se realiza que se condensa no espírito de epopéia, que sempre animou a história lusitana.

Sagres, que quer dizer sagrado, é o pedestal do monumento, onde um herói, dentre inúmeros heróis, ergueu sua figura imortal.

A história de Portugal, em Sagres, toma nova consciência, projeta-se para o infinito, criando o seu verdadeiro sentido místico de Nação apostólica, na difusão do reino de Cristo, sobre a Terra.

Portugal, com o Infante, nasce para a humanidade, para a eternidade, para o imponderável absoluto do Reino de Cristo.

A conquista de Ceuta é o início de outros rumos que Portugal vai tomar ante o mundo desconhecido. Sagres, o "sacrum promontorium" é a escola da transcendência do espírito apostolar dos portugueses.

A história, pelos seus mestres, conta-nos fatos assombrosos realizados ali.

Ceuta é a base do recuo do Islam, o ponto inicial para as Índias, para a África, para o Ocidente, para os mares tenebrosos e fabulosos, mas tudo dentro do espírito de Cruzada, dos propósitos de servir a Cristo.

Os planos, as técnicas, as táticas, nascem das consultas feitas aos mais afamados escritores de todos os tempos: Heródoto, Homero, Hesíodo, Aristóteles, César, Tito Lívio, Cícero, Salustio, Valério Máximo, Ovídio, Flávio Josefo, Ptolomeu, todos citados por João Ameal.

O Infante D. Henrique medita, busca a verdade, estuda, disciplina sua gente, adentra seus homens, prepara armadas, exercita capitães; não dorme, passeia, ora. Sua figura toma ares de mitológica, tal a respeitabilidade que desperta e a reverência que atrai.

Não somente o conhecer, o desejo de saber, a aspiração científica, a busca econômica da riqueza, os fatores de ordem econômica, mas, fundamentalmente o primado do espiritual, o pensamento cristão contra o Islam, foram as razões de ordem moral, a necessidade de espalhar o reino de Cristo sobre a Terra e de se colocarem, — o povo e a Terra, — ao serviço da ordem cristã.

As raízes dessas aspirações mergulham no profundo longínquo do passado, como procuramos assinalar no decorrer deste trabalho.

Tomada Ceuta, — D. Henrique passou a residir no reino do Algarves, no cabo de São Vicente, chamado também "sacro

promontorium", no cabo sagrado, que a corruptela popular passou a chamar "**Sagres**".

Aí fundou uma Vila com o nome de "Terçanabal" ou Vila do Infante.

Daí D. Henrique enviou navios para a costa da África, em busca do Ocidente e das Índias Ocidentais.

Foi aí, nesse promontório, que surgiu o sonho extraordinário de acelerar as gigantescas emprêsas de levar almas para Cristo, no magnífico serviço de Fé, dentro dêsse invulgar plano a se realizar através do Oceano :

- 1 — A conquista do território marroquino;
- 2 — A navegação para a Índia;
- 3 — No ocidente, o descobrimento das ilhas do Atlântico.

Convoca sábios de todos os matizes : astrônomos, cosmógrafos, geógrafos, cartógrafos, mareantes, viajantes, navegadores de tôdas as nações, diz Antônio Matoso. Estudou-se, leu-se, instruiu-se, meditou-se, planejou-se, inaugurou-se, e, tôda a Côrte ventilou a idéia de uma ocupação do mundo em nome de Deus.

Para que se tenha, em idéia, a enormidade e o vulto dos empreendimentos, basta que se saiba que o Infante convocou, segundo os historiadores mais célebres : judeus, genoveses, venezianos, flamengos, alemães, castelhanos, ingleses, franceses, um dinamarquês, um suéco, canários, abexins e índios. Dá-nos a idéia de que o mundo inteiro estava aos serviços do gênio Português, em favor de um bem maior, cuja idéia central residia na realização do cristianismo.

A graça divina enchia tôda a pátria divina. O Infante encarnava a voz apostólica da Nação ao serviço do mundo.

D. Henrique era um místico perfeito e um profundo asceta. A História no-lo diz. Religioso, revestido da idéia de que era um cruzado ao serviço da defesa do Cristo.

O Islam era a eterna ameaça do cristianismo. Essa luta tornou-se uma epopéia que foi concebida e intencionalmente planejada. Não houve acaso, nem na descoberta do Brasil.

Antonio Matoso chega a afirmar, com muita propriedade e profundidade, que o que encontramos nessas emprêsas de algo econômico, tinha por origem, a imperiosa necessidade de buscar recursos para a aplicação nessas próprias emprêsas, gigantescamente extraordinárias.

Não se podia perder tempo com leviandades. Daí os métodos observados nos trabalhos, o cuidado científico dentro do qual se elaborou o plano dessas ocupações, dessas viagens tremendas, que só a coragem dos portugueses e o seu heroísmo podiam realizar.

Circunavegaram a África. Alcançaram Guiné, Pôrto Santo e daí passaram à Madeira. Vão às Canárias com D. João de Castro (Crasto). Atingem Açores, Sta. Maria, São Miguel, Faial, Terceira, Pico, Flôres, Corvo e São Jorge.

A lenda do mar Tenebroso é destruída. Tôda a costa ocidental africana é quase palmilhada, pois as caravelas cheias de notáveis navegadores cruzavam o continente negro.

O Cabo Branco, a Ilha de Arguim, Lançarote, Tider, o Rio Senegal, Cabo Verde, tudo era atingido, pois o gigante D. Henrique não se engolfa na África. Vai além, procura o Atlântico, através desses gênios dos mares: João Gonçalves Zarco, Bartolomeu Perestrelo, Tristão Vaz Teixeira, Gil Eannes, Duarte Pacheco Pereira, Diogo Gomes, João de Castro.

João de Barros a quem consultei com o maior respeito, em suas "Décadas", nos apresenta a alma desses homens extraordinários com seus feitos.

Gomes Eanes Azurara, citado por Martins Afonso, mostra que, entre as cinco razões do imortal infante, a quinta era a seguinte:

"desejo de acrescentar em a Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, e trazer a ela tôdas as almas que se quisessem salvar".

A África, o Ocidente, as Índias foram buscados pela grande Cruzada marítima dos portugueses, sob o influxo da mística henriquina, que D. Afonso V, depois da morte do Infante, em 1560, continuou, sob o regime do "mare Clausum".

Tôda a obra portuguesa, que se desenvolveu depois com D. João II, com o heroísmo de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, tem por origem a Conquista de Ceuta, 1415. Ceuta é a alma real de uma nação que se desenvolve, que assombra o mundo, com a ocupação de Tânger, com as rotas abertas para o mundo por Vasco da Gama, com as expedições para o Ocidente, determinadas pelo Infante D. Henrique, — uma delas chefiada por Diogo Teive, por João Dulma, outra, já no reinado de D. João II.

Essas expedições foram anteriores à Viagem de Colombo à América, donde se conclue que o glorioso Infante antecedeu a Colombo no descobrimento do Continente Americano, em 1492,

mesmo com o apóio de Espanha, nação que deveria saber algo do que já se passava na cõrte portugûesa, em relação a essas emprezas marítimas.

Portugal estava melhor conhecedor das terras do Ocidente que os reis de Espanha.

Devemos, pois, considerar o próprio reinado de D. Manoel, o Venturoso, como uma consequência da obra iniciada pelo Infante D. Henrique. O Brasil é obra tão Henriquina como Manuelina. O desvio de Cabral com sua frota para o ocidente, não foi cousa accidental; mas, propósito, deliberação, plano genial portugûes, baseado nas idéias do Infante, na conquista de terras e gentes para Cristo.

A morte dêsse genial e extraordinário D. Henrique, em 1460, não pôs tẽrmo à obra das descobertas, naquele sentido místico que lhe soube emprestar o Infante.

A partida dêsses senhores feudais dos mares e dos oceanos era revestida de um alto cunho religioso. Vasco da Gama teve a população inteira de Lisboa, movimentada em solene procissão, na qual os marinheiros conduziam círios, iluminando as ruas da cidade.

Da ermida de N. S. de Belém, entre cânticos religiosos, acompanhados de padres e frades, partiram os navegantes que, em profunda humildade, em orações, receberam as graças para os que viessem falecer ao serviço da causa gloriosa de Portugal e da Igreja.

O chõro das gentes se confundiam com as vozes que oravam. As caravelas em movimento, o agitar das inúmeras bandeiras, os adeuses do povo, os gestos que abençoavam, o profundo da noite estrelada, a seriedade com que todos assistiam, certos e convictos de que Deus estava ali presente, para seguir com aqueles homens hercúleos e valentes, tudo era algo de místico e ascético, era o aspecto da espiritualidade que enriquece a história da Nação Portugûesa.

Os heróis recebiam do povo um mandado que tinha de ser cumprido, custasse o que custasse, em nome da Nação e de Cristo: "Pola Ley, Pola Grey".

Sob o famoso lema "TALENT DE BIEN FAIRE", o Infante Navegador sonhou com a expansão das quinas e da cruz de Cristo. Fascinava-o o engrandecimento da Pátria, através da expansão do reino de Cristo. Sabia rodear-se da gente mais ilustre. Riscos, recêios, temõres, não faziam recuar aqueles

homens que sabiam imolar-se pela fé, —acêsa a chama, a chama de todos os entusiasmos.

Religiosos, teólogos, filósofos, místicos, oradores, geógrafos, cosmógrafos, astrônomos, tudo se reuniu, —sob aquela legenda imortal, de sentido homérico: "Pola Ley, Pola Grey".

Grandiosa visão mística dos mistérios que consubstanciaram, no gênio do Infante, — a beleza moral e extraordinária dessa pequena nação, que guarda tôdas as grandezas de seus mais notáveis reis, príncipes, capitães, navegadores, soldados e marinheiros, nação que leva aos mais longínquos pontos da Terra, as quinas portugêsas e a cruz de Cristo.

É que a marcha de uma nação como Portugal, que atingiu a um ponto alto de estratificação mística, na sua função apostólica de semeadora do cristianismo, — não pára. Pode ter certas oscilações, como naquele desastroso período republicano de revoluções, o qual será tomado como uma renovação de busca dos seus eternos destinos.

A Fé e a Pátria, a Lei e a Grei, a Ordem e o Progresso, a serviço dessa vocação eterna, sob a inspiração do apostolado do amor, transformam homens, povos e pátrias humildes, pela transcendental e sobremaneira hercúlea presença, — em tôdas as éras e em tôdas as gerações.

Essa presença mística foi sempre renovada, e prolongar-se-á, pelas centúrias afora, porque Portugal é uma perene ressurreição através de seus heróis militares e apóstolos, como São Teotônio, Sta. Isabel, Sto. Antonio, S. João de Deus, S. Gonçalo Garcia, S. João de Brito e bemaventurados como Teresa, Sancha e Mafalda, Gonçalo de Amarante, Gil de Santarém, Gonçalo de Lagos, Nuno Álvares Pereira, o Infante D. Fernando, João de Meneses santificadora na ação de D. Afonso Henrique, que nas suas da Silva, Beatriz da Silva, a princesa Dona Joana e Inácio de Azevedo.

É que a Fé e o Império são também funções históricas dos missionários, dos colonisadores humanos, no longínquo das formações sociais das nações.

Uma eternidade para o reino de Cristo, no reino dos homens, é a que se pode resumir na glória da história, o mundo dêsse Portugal bendito, a que o mundo deve tanto e que à Fé tantos serviços prestou.

Mesmo entre as nações atuais, o papel dos portugêses é de consumada importância. Os que consideram que as fôrças espi-

rituais se empobrecem, se enfraquecem, não querem crer nesse poder do espírito e nessa grandeza do coração humano, ao serviço da Pátria e da Fé.

Vinte séculos decorridos, depois que Jesus cantou no Sermão da Montanha, o eterno poema das Bemaventuranças Evangélicas, sentimos ainda, mesmo ante o esplendor que a civilização, aqui e ali, empresta ao mal, — que a grandesa da vida está no amor, na beleza, na justiça, na caridade, na paz, na fôrça construtiva dos mandamentos da lei de Deus, na pobreza quase voluntária de homens e de algumas pátrias como Portugal; na humildade e na doçura de certas atividades humanas, ligadas ao mundo rural, nas comunidades agrárias; nas orações dos reis e dos príncipes, dos chefes e dos guerreiros que souberam orar ao Eterno pela sua gente.

Nos tempos místicos, a experiência do Destino assume um carater diferente do de uma época racionalista, disse Guardini, tratando do problema dos destinos humanos.

E' por isso, que a magnífica Nação Portuguesa se constitui hoje, uma unidade moral, política e econômica, onde a propriedade, o capital e o trabalho têm uma alta função social, cristã, humana, transcendente, dentro da grei portuguesa, na punjante e espiritual civilização que o Infante D. Henrique construiu, seguindo os eternos passos traçados pela sua nobre, destemida, heróica e honrada gente lusitana.

O poeta português Fernando Pessoa, um dos maiores gênios poéticos do mundo, em sua "Mensagem", grava em "brazão" êste poema para a consciência universal, em louvor do Infante D. Henrique :

"Em seu throno entre o briiho das espheras,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras
O único imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão".

Em profunda emoção, convicto, afirmo : Portugal tem sido, com a sua translúcida espiritualidade, um instrumento vertical de Deus, — cujo sinal de predestinação, — a meditação de sua história e de seus herois, como o sábio e o santo D. Henrique, — poderemos resumir na sua vida exemplar de grande místico, na consciência de sua gente, no heroismo de seus cavaleiros, na paciência de seus mártires, na obediência dos portugueses à

palavra de Deus, na caridade e no amor em relação aos pobres, na compaixão pelos inimigos, na humildade e na grandeza de sua devoção à esplendente Virgem de Fátima.

Grande Pátria!... E tão grande até... pela glória de Cristo!...

E' que ela tem consciência que "somos herdeiros de Deus" e "coherdeiros de Cristo".

Seu poder, sua fôrça, sua beleza, sua moral estão nessa mística, transluzem nessa graça profunda, transcendente e eterna, que é nossa encorporação no Cristo.

POESIA E HUMORISMO

ARISTOPHANO ANTONY

No seu "Rabelais et son temps", em que estuda a vida do humorista gaulês, diz Emil Ritter, com profundo poder de percepção crítica, que o "humor é incompatível com a crença. Não se encontra um só humorista entre os homens que têm fé" A afirmativa, por demasiado ampla, traz o cunho de psicologia humana, que se faz mister estudar em tôda a sua vastidão. Ademais, sabido de todos nos parece ser, que o fixador de "Pantagruel", depois de aprofundar-se na dissecação dos seres organizados, abandonou a cátedra de anatomia, para professar a doutrina católica, tornando-se cura de Meudon. Nesse pressuposto, o conceito se nos afigura paradoxal, até porque se não admite um sacerdote que seja desprovido de crença, de vez que esta é uma das três virtudes teológicas. O próprio Swift, que foi um dos clássicos do humorismo inglês, jamais deixou de ter fé, quando, político, defendia, referto de esperanças de liberdade, a causa da Irlanda. Dentre os nossos, Machado de Assis que, quando, político, defendia, referto de esperanças de liberdade, a causa da Irlanda. Dentre os nossos, Machado de Assis que, para muitos, é tido como expressão mais viva do nosso humor, nunca abjurou dos sentimentos cristãos e foi, com os sacramentos da Igreja, que baixou aos sete palmos de terra que se abriram para recebê-lo. Talvez que a Emil Ritter aprovesse fazer um conceito singular entre a incompatibilidade da crença e a jocosidade do espírito, não permitindo a conexidade das duas cousas. Bem ao revés, Thibaudet admitia, em casos análogos; o incoercível sentimento do pecado e o terrível sentido da malícia, sem desprimor da consciência cristã, que amalgamou as obras de Baudelaire, que é a característica profunda dos romances de Mauriac. Note-se que aquêle, num confronto com Chateaubriand, havido como o escritor "mais expressivo do sentimento religioso", para muitos se apresenta "mais alto e mais apurado", do que resultou não o poderem compreender em grande parte,

segundo acentua o nosso erudito Tasso da Silveira. Daí o negarem de início, embora o plasmador das "Flores do mal" tivesse, da missão do poeta, um conceito único, mencionado pelo ensaísta de "Caminhos do Espírito: —" O de ser alheio à negação do mundo e prêso à visão das realidades essenciais". Levando-se em conta êste enunciado, de logo se conclui que os humoristas, nos florilégios estúrdios de seu espírito, não são, originariamente, incompatíveis com a crença e, muito menos, inimigos da fé. Ainda que não o sejam na sua concepção intrínseca, serão pelo menos, no sentido da alegria, que nos faz esquecer as ingratidões terrenas e melhor ajuizar das realidades ambientes. Consubstanciam, assim a sua fé "por meio da calculadíssima técnica de sonoridades e de ritmos"; e, sabendo que são inteligências ordenadas "num mundo de inteligências em confusão", de tôdas elas arrancam, mesmo nos momentos de graves preocupações espirituais, aquêlo riso que o filho iluminado de Chinon achava que "era próprio do homem", embora no íntimo, bem à semelhança de Heino, tenha como êste, para o mundo, na sua alegria dolorosa, a amargura incalculável de um sorriso...

* * *

A jovialidade literária tem sido analisada, em páginas cintilantes, Sílvio Romero, Alcides Maia, José Veríssimo, Araripe Junior e, depois, Ronald de Carvalho, Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Josué Montello e muitos outros dela se tem ocupado, para explicar suas modalidades e aferir do merecimento daqueles que, nas letras nacionais, esgrimiram êsse gênero. A conclusão definitiva, salvante a excessão feita ao romancista de "Quincas Borba", foi de que, na realidade, não possuímos, como humoristas, nomes capazes de vencer a passagem dos anos. À época em que subscreveram seus capítulos, talvez tivessem os nossos críticos sobradas razões para suas assertivas. De mim, porém, estou com Humberto de Campos, no referir-se à obra de Bastos Tigre, que, valha a verdade, não pertence àquela geração distanciada, mas dignificou a sua pela verve e pelo talento. E, no esmiuçar-lhe o mérito, como humorista, menciona, com acêrto, o pesquisador de "O conceito e a imagem na poesia brasileira", que, "cada povo tem uma fórmula literária para expressão de sua ironia, e contentando-se com ela, porque é a única a traduzir e transmitir o seu sentimento com precisa naturalidade. Se todos os povos possuem suas maneiras de alegrar, pelo chiste, pela oportunidade dos conceitos, os seres humanos que vivem nos seus dias, porque nós, que somos uma raça caracterizada, devemos nos guiar e ter como padrão do nosso bom humor aquilo que nos legaram temperamentos de

outros climas e de raças dissemelhantes? Convenhamos que não há motivos para assim pensar, o que seria demasiado triste para quem já possui a sua personalidade própria. Não é dizer-se entretanto, que devemos arrolar no mesmo índice, tôda uma legião de pretensos humoristas, mas selecioná-los com critério. Há um pensamento de Panait Istrati que aqui aparece no momento justo: — "Quanto à arte, só a amo quando é de primeira qualidade como as estrêlas". Foi o que fêz o contista galante do "Tonel de Diógenes", no aludir às qualidades do poeta de "Moinhos de Vento", cuja arte humorística de versejar é de primeira qualidade. Antepondo-se, pois, à opinião já em desuso daqueles que o antecederam na crítica nacional, (Romero, Veríssimo e Araripe) Humberto de Campos como que deu ensanchas para o escritor de "Alegria Criadora" dizer, anos depois, num assomo de coragem: — "No Brasil, historiôgrafos e críticos até agora não atinaram com a definição do espírito brasileiro através da história das nossas letras. O mais que sabem dizer, dos diferentes movimentos literários que entre nós se processaram, é que são reflexos, com vinte ou trinta anos de retardo, dos movimentos europeus". E, causticante, mas profundo na asseveração: — "...em face de fisionomias expressivas de poetas e prosadores nossos, perdem completamente a capacidade de preferir um comêço de julgamento autônomo: põem-se, então, a repetir trivialidades..." Como quer que seja, a verdade sempre aparece e é, como a túnica de Cristo, clara e impoluída...

* * *

Elvio Nogueira, que a morte ceifou muito cedo, eclipsava, em pseudônimo plebeu, a realeza de um nome literário digno de apreciado para melhor compreendido. Ele foi,, no anonimato de seus dias, apenas conhecido por aquêles que, vencendo a intransigência do seu temperamento, sempre avêssos às manifestações publicitárias, se habituavam à sua modestia e à sua boêmia. No entanto, se alguém com êle conversava coisa séria, nas horas das esbórnias que a mocidade improvisa, logo lhe aquilatava o gôsto pelas altas e belas manifestações do espírito. Mas, passado o momento das interlocuções, em que dava relêvo ao talento que possuía e deixava um travo de ironia às interpretações, recolhia-se à simplicidade do eu interior, como que envergonhado de si mesmo e das lições de sabedoria que deixava extravazar, êle que escrevia com superior elegância e lia com inteligência! Para Elvio Nogueira, que, como os tímidos da sociabilidade, amava a sombra e o silêncio, era pudendo distribuir, nos interstícios das palestras, o ouro puro de seus conhecimentos, neste mundo onde muita gente, por vaidade, faz alarde

de sua própria ignorância. Da sua geração êle foi, para quantos o conheciam na intimidade, forte e vigorosa expressão de sensibilidade e inteligência. Poeta, as estrofes saiam-lhe fáceis, em sonetos joviolíssimos, onde o humor espontâneo se casava, inteira, à técnica impecável do ritmo. Dir-se-á, lendo-se-lhe os versos que distilam ironia e piedade, que são, na sua maioria, produtos de uma irracibilidade ingênita ou de uma revolta mórbida contra os preconceitos sociais. Seus heróicos ou seus alexandrinos poderão ter, como legenda, a afirmativa de que são para todos e, ao mesmo tempo, para ninguém, pois revestem a mesma filosofia desassombrada de Nietzsche. O livro que deixou inédito e lí, enternecido, autoriza-me essa opinião. Nesse livro que Elvio Nogueira estava para entregar à composição, ressalta um humor sadio, de par com a seleção dos motivos. Não se trata, evidentemente, de grosseiras alusões ou preconcebidas sátiras, mas de sutilíssimas rimas, rebuscadas tôdas elas com o gosto aprimorado dos gravadores florentinos. Isto porque nos oferecem delicadeza, finura maliciosa, facécia e, nesse conjunto, um traço especial de originalidade. Em muitos de seus versos é latente a similitude com os de Bastos Tigre, pois nos encantam como os do autor das "Bôlhas de Sabão" cuja pilheria não se ressentia de agressividade. Não era apenas humorista Elvio Nogueira. Em conjunto com êsse gênero em que exercitava, de preferência, seus pendores mentais, aparecia-nos também como lírico suave, o que demonstra, em si, uma feição nova e sobremodo atraente. Fazia-nos recordar Lope de Vega e Quevedo, que magníficos poetas humoristas, foram também, no seu tempo, excelentes líricos da Espanha sentimental. Fazendo os versos, na maioria jocosos, Elvio Nogueira era, em especial, um crente que jamais abandonou sua fé, o que contrariava o conceito de Emil Ritter. E, como o fervor dos crentes êle escrevia: — "Pelo amor de Deus": ou "Pedia a Deus que por favor mandasse", quando não afirmava: — "E o bom do Padre Eterno, incontinenti". Vivo, poderia contradizer o crítico, repetindo convicto, suas estrofes repassadas de fé:

"Inda sou hoje o mesmo que era ontem
E que serei, sem dúvida, amanhã".

* * *

Na sua "Folosophia da Vida", no capítulo que Will Durant dedica à mocidade, encontra-se êste trecho que, como todo o propósito, me permito transcrever: — "A infância pode ser definida como a idade do brinquedo; porisso algumas crianças

nunca são jovens e alguns adultos nunca deixam de ser crianças". E mais adiante: "A mocidade é a transição do brinquedo para o trabalho, da dependência familiar para a dependência de si próprio". Elvio Nogueira (que morreu no verão luminoso da existência, quando esta desabrochava à luz da sabedoria e da bondade, nos trinta e sete anos que viveu entre o catecismo e o desencanto, assimilou Platão na sua teoria entre o bom e o belo, "não sabendo diante do que dobrar o joelho, se à severa sabedoria de Palas ou ao sorriso de Afrodite". Nada obstante, estou que se subordinava mais à primeira, sem, entretanto, menosprezar do segundo. E a prova é que deixou uma obra inédita, que é um reflexo do seu talento, do mesmo passo que desapareceu solteiro, talvez levando consigo, êle que vivia intimamente todos os seus dramas sentimentais, algum segredo recôndito no coração. Disto, vagamente, êle dá notícia no seu epistolário, em que se lê: — "Vi lágrimas nos olhos de minha mãe e de minha irmã, e tristeza espalhada no semblante de todos. Só eu continuava sorrindo. Mas o meu sorriso já não era aquêle dos dias anteriores. Há lágrimas de prazer, como as há de dor. Eu não choro lágrimas; choro sorrisos. O pranto nunca me cai dos olhos e sim dos lábios". Brincando com todos, nos seus versos, desde a infância, continuou depois da terceira década de sua idade a ser o mesmo espírito folgazão, na diuturnidade do seu trabalho que lhe assegurava e aos seus, o conforto e a independência de si próprio. Na minuscuidade do seu físico, que grande coração possuía! Amigo, ia ao sacrifício pelos amigos, na afirmação de um caráter tão grande quanto a sua alma, sempre pronta a criar ambientes favoráveis às manifestações afetivas, aos pronunciamentos da generosidade. Disto resultava, evidentemente, o fascínio da sua personalidade, a que sempre parecia inútil querer fugir. Diz Ortega y Gasset, no "Meditaciones del Quijote", que "há dentro de tôda coisa a indicação de uma possível plenitude". No coração de Elvio Nogueira essa plenitude inata, pois se traduzia nos atos e nas atitudes, em afirmações positivas e concretas. Sua bondade era tamanha, que a ela se poderia emprestar, sem exagêro, a concepção de um dos poetas de nossos dias: — "Era uma árvore pletórica de energias vegetais, que, impedida pela fatalidade do clima, de dar frutos regulares e temporãos, se consolava, numa loucura desordenada, abrindo-se em fôlhas, em ramos, em flôres e em pomos de todo tamanho, para não morrer crestada pelas próprias fôrças interiores". Falando sôbre Castro Menezes, em um estudo que figura no seu "Carvalhos e Roseiras", Humberto de Campos diz que o prosador delicado do "Jardim de Heloisa", levado pelas necessidades da vida, "disciplinando a vontade e suplantando os surtos íntimos

do espírito e do coração", sacrificando, finalmente, as energias criadoras da inteligência, teve de transformar-se num especialista de cálculos e de cifras. Também Elvio Nogueira teve de terminar os seus dias num estabelecimento de Seguros, pobre como nascera, porém rico de sentimentos nobres e de pensamentos luminosos. Diz Theophilo Gautier que tudo passa na vida e que somente a arte conhece a eternidade. "O busto de mármore sobrevive aos impérios e a medalha que o escavador retira dos velhos escombros preserva a imagem dos soberanos. Os próprios deuses morrem — mas a poesia subsiste, mais forte que a morte".

NA POLTRONA N.º 25

JOSÉ LINDOSO

Não recusei vosso convívio enobrecedor, embora difícil de superar, no espírito, o misto de estranhos sentimentos. "Poverello" da inteligência e do saber, nada tenho a ofertar ao Templo, senão o mistério da própria vida. E se não fôra o meu diálogo com o Eterno, com o Imperscrutável, teria fugido ao sortilégio dêsse encontro, qual "mazepa" enlouquecido, desaparecendo, como ponto morto no horizonte distante e obscuro.

Tendes-me aqui, no entanto, na compreensão humilde e maravilhosa, tão humilde quanto vulgar, de que em todos os jardins há flôres que, na sua modéstia, contribuem para realçar o colorido de outras flôres e de que em tôdas as constelações há estrêlas esmaecidas, ao lado das de intenso fulgor, das de primeira magnitude !

Tendes-me aqui, pois, na humildade cristã. Tendes uma vida ao vosso serviço !

* * *

Não se pretende fazer história, nem investigação sociológica, para descobrir o sentido das Academias de Letras, nas metrópoles e principais cidades brasileiras.

Até nas pequenas, nos humildes vilarejos cinzentos, perdidos nos chapadões, nas planícies, nas orlas dos rios do interior, surgem, por vêzes, as Academias.

No período colonial, funcionaram vários dêsses grêmios. A Academia dos Esquecidos, a Academia dos Renascidos, na velha Bahia, a dos Seletos, a Ultramarina, no Rio.

Tivemos até a Academia dos Felizes !

Elas respondem a uma lei social de união, de conagraçamento, de formação de grupos, motivada por interêsse comum, animada por um mesmo e alto objetivo.

Essa destinação das Academias é, sobretudo, extraordinária.

Nem sempre, no correr de suas vidas, são fatores dinâmicos de cultura, nas comunidades em que se erigem. Mas, sempre se constituíram num apêlo, numa mensagem de fidelidade ao Belo e ao Eterno.

Vivendo essa mensagem e dinamizando a Cultura regional, a Academia Amazonense de Letras cumpre, com os eminentes intelectuais a ela congregados, a sua singular e luminosa finalidade.

Rendo a todos, — poetas, jornalistas, sociólogos, romancistas, ensaistas, oradores — a todos os que integram, afortunadamente, a Companhia ilustre, o tributo da minha admiração crescente !

E consigno aqui, ao transpor o átrio desta Casa, o quanto me julgo excepcionalmente honrado, nesta hora de rara emoção para mim, ao ser recebido, em nome de todos vós, por Aderson de Menezes.

* * *

O mundo moderno está sofrendo um processo profundo de reestruturação.

A Democracia — sonho de idealistas, devaneio das cúpulas políticas — está sendo aprendida pelo povo que a descobriu como instrumento de ascensão social.

Há, pois, uma revalorização do material e do espiritual, um esforço positivo que se faz, por caminhos às vezes diametralmente opostos, para a conquista de novos padrões de vida.

Pio XII definiu êsse esforço, estimulou-o, impregnando-o do Evangelho, no movimento por um "Mundo Melhor".

As constituições modernas, refletindo os anseios populares, inscrevem o bem-estar social como um dos fins do próprio Estado.

E' verdade que a sabedoria e prudência humanas ainda não foram suficientes — porque bloqueadas pelo ódio — para a mobilização total dos recursos disponíveis, no sentido da redenção social do homem. Redenção social que se atingirá, inevitavelmente, dentro da ordem humana, como consequência necessária da redenção espiritual realizada por Jesus. Muita servidão ainda existe sôbre a terra e de muitas espécies.

Lebret revela, apoiado nas estatísticas oficiais, que, nas regiões insuficientemente desenvolvidas, vivem dois terços da

população mundial e setenta e cinco por cento da população do mundo vivem em regime de subnutrição, seja por carência de calorías (mais de cinquenta por cento), seja por falta de alimentos protetores.

As estrélas do céu espíam compridamente a tudo isso !

E' um espíar compridamente melancólico.

Carência quase total de amor !

Mas em que pese às emulações dos potentados do Oriente e do Ocidente que, com os pés na lama da terra, no sofrimento da humanidade, se arrogam Senhores dos Espaços, em que pese aos relâmpagos de ódio crestando o Amôr milenarmente tenro do coração do Homem, cremos que a era do bem-estar social, do encontro do homem consigo mesmo, do equilíbrio psíco-social irá instalar-se neste mundo. Far-se-á a construção de uma nova sociedade !

O mistério da Redenção exige a escalada para o Alto !

* * *

Definida a nossa posição intelectual frente à problemática do mundo moderno, cumpre-me, agora, examinar aspectos da obra do patrono da Cadeira que me foi destinada nesta Academia.

Assinalo, preliminarmente, que muito me seduz na vida de Araújo Lima a inspiração de sua atividade intelectual, voltada para a valorização e melhoria da vida humana.

Lembro-me dêle, ainda, com encantamento e enternecida saudade, nos idos de 1935, quando meu professor de História Natural, no Colégio Estadual do Amazonas, então Ginásio Amazonense Pedro II, onde, adolescente, fizera, também, o seu curso secundário.

Lembro-me de sua postura perante a classe, da precisão de sua linguagem escorreita, do seu rigorismo.

Lembro-me da Campanha contra o Álcool, com pregações feitas por êle num dos largos pátios daquele Colégio.

A imagem de sua pessoa, o tipo do médico-cientista, do professor e do sociólogo se projetaram em tôda a sua obra intelectual e na sua vida pública.

O médico de nomeada, portador de dignidades científicas por demais expressivas, como o diploma de farmacêutico pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, o de doutor em

medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, as especializações em Medicina Tropical, pela Universidade de Paris, e em Microbiologia, pelo Instituto Pasteur de Paris, e o professor acatado, com serviço notável à causa do ensino, como inspetor escolar, Diretor da Instrução Pública, participante de conferências e congressos de Educação, conviveram, naquela soberba organização mental e naquele coração, em harmonia constante e admirável.

Araújo Lima, na sua produção intelectual, deixou, além das teses científicas e colaborações em revistas, das conferências, dos relatórios de administrador, dois livros decisivos: "Só a Educação Transforma os Povos" e "Amazônia, a terra e o homem".

No ensaio "Só a Educação Transforma os Povos", escrito como depoimento para a Academia Brasileira de Letras, em torno do ensino primário e sua difusão, encontramos um manancial de idéias, expostas com singular correção, revelando o patriota vigilante e o sociólogo experimentado.

Obra estada nos melhores princípios doutrinários sobre Educação, na época, escudada na vivência intensiva do problema, porquanto o autor, em 1910, já apresentara ao Governo do Estado um Relatório Oficial, na qualidade de Inspetor do Ensino Primário do Amazonas, sobre o ensino no interior; em 1912, elaborara memória sobre a "Questão do Ensino Primário", oferecida ao 2.º Congresso Brasileiro de Educação e, em 1918, como Diretor da Instrução Pública do Estado, fôra encarregado pelo Governo de reformar o sistema de ensino, tendo elaborado o "Plano Geral do Ensino Público", de que trata a lei estadual n.º 984, de 14 de outubro daquele ano, representa essa obra valioso documento, que não é lícito a nenhum estudioso das idéias sobre educação, neste país, subtraí-la ao seu conhecimento.

Na introdução, enfrentando o problema do analfabetismo no país, que "é a mais dura e mais dolorosa das realidades inquietantes da nossa vida como nação civilizada", e "é o nosso mais tremendo labéu", Araújo Lima, com raciocínio de cientista, localiza as causas morais ou psicológicas e as causas físicas ou materiais, para, diagnosticada a enfermidade, propor a terapêutica positiva e eliminadora do mal.

Relendo as páginas desse ensaio, sente-se que foi escrito num clima trepidante e encerra, de certa forma, uma acusação ao Poder Público, um grito doloroso de angústia e revolta em defesa da população brasileira, ferreteada por esse estigma degradante.

Para Araújo Lima, àquela época, faltava uma consciência nacional em torno do problema, o "ardor e a ansiedade por sua solução".

E, evocando o brado de Rui Barbosa, em 1882, com a sua monumental regulamentação de instrução primária nacional, lamenta: "Evangelizador máximo, apóstolo e oráculo nacional, não logrou ressonância às idéias que predicára. Nem no Parlamento, nem nas esferas governamentais, nem no domínio do pensamento, nem no seio tumultuoso das massas, em parte nenhuma germinou a semente que êle espalhou".

Analisa a questão do ensino como de responsabilidade da União, face aos, em regra geral, depauperados orçamentos dos Estados, defendendo o princípio de que o ensino primário, como necessidade nacional, deveria caber, também, a ela ministrá-lo.

"Não pode deixar êle de ser incluído dentre as mais sérias preocupações do Governo Federal. Centralizado ou não, impõe-se inadiavelmente a federalização do ensino primário nacional, num sistema de ação conjunta, de par com os Estados e Municípios, no qual a União exerça uma função coordenadora e controladora".

No elenco das sugestões, quase tôdas objetivas, algumas aladas ao lirismo pelo entusiasmo e pureza do mestre à causa do ensino, oferecidas nesse livro, cheio de verdades, candente de amor, preconizou Araújo Lima, com nítida percepção do assunto, que se promovesse movimento de opinião, no sentido de criar condições de receptividade da obra educativa da nação; que se constituísse um aparelho coordenador do movimento para irradiá-lo por todo o país; que União e Estados, mediante contrato de inspiração constitucional, se entrosassem na campanha de difusão do ensino primário; que fôsse criado um "fundo escolar" pela União, para suplementar Estados carecentes de recursos, indicando, como fontes para êsses, a taxaço especial sôbre o álcool e o tabaco manufaturado; que na nova Constituição — escrevia o autor quando se reunia a Constituinte que nos deu a Lei Magna de 1934, — fôsse prefixada aos Estados uma percentagem mínima, sôbre as respectivas rendas, a ser empregada em despesa com o ensino primário. Sugeriu a organização de "internatos escolares com feição educativa apropriada às regiões"; propugnou por processos dinâmicos de educação através de "bandeiras" ou caravanas, integradas de professôres, médicos-higienistas, agrônomos, etc., que, penetrando o país, levassem às crianças e adultos dos rincões mais longínquos a educação e a civilização.

Eram as escolas móveis.

Reclamava a cooperação do Exército Brasileiro, na campanha educacional. "Praticando a penetração do nosso "hinterland", os corpos do Exército, ou os destacamentos, levariam a escola, a assistência médica, a instrução sanitária, a influência civilizadora, até os recessos mais recônditos do Brasil" . . . e reclamava, igualmente, da Armada Nacional idêntica participação, na extensa orla litorânea, nos rios mais navegáveis, acudindo as populações de pescadores.

Encontra-se, aí, tôda uma série de idéias, ossatura de um Plano de Mobilização Nacional para ataque ao analfabetismo, sob o lema de que "só a educação transforma os povos".

Hoje, quase três décadas após a publicação dêsse trabalho, podemos verificar que muitas dessas idéias frutificaram e se esculpiram nas tábuas da nossa Lei Maior, onde há um capítulo — Da educação e da cultura — e entre os mandamentos vários, ali se encontram os de que o ensino primário é obrigatório e, oficialmente ministrado, é gratuito para todos. Mas, ainda não houve Governo que erigisse a educação nacional em programa fundamental, para nos libertar da condição de subdesenvolvidos.

Grande parte da população brasileira ainda continua analfabeta. Temos carência de escolas primárias, médias e profissionais, que respondam às necessidades populares, e de mão-de-obra nascida com o surto industrial do país.

Faz poucos dias, um conferencista, na Guanabara, falando sôbre a realidade conjuntural do país, revelava, apoiado em dados estatísticos, que, no Brasil, o ensino elementar continua inacessível a mais de 40% das crianças em idade escolar. Quanto ao ensino médio, de uma população estimada em 1.681.475 meninos de 12 anos, apenas 306.723 são matriculados, o que representa 18,2%, e em uma população de 6.026.701 de rapazes de 12 a 15 anos, apenas 828.788 ou sejam 13,75%, freqüentam o curso ginasial. Igualmente, entre 7 milhões de rapazes de 16 a 20 anos, só 246.619 isto é, 3,6% freqüentam os cursos científico ou clássico.

Houve, por outro lado, uma inversão de valores na política do ensino nacional. A Constituição manda que o ensino primário oficial seja gratuito para todos, o ensino oficial ulterior ao primário sê-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos. O Governo, no entanto,, fomenta escolas superiores, custeando praticamente êsse tipo de ensino, desviando recursos de modo substancial que são urgentemente necessários ao ensino primário, que é o ensino do povo e constitui dever inarredável do Poder Público ministrá-lo convenientemente.

Não comporta, aqui, apreciação mais delongada sobre o assunto.

A mobilização geral requerida por Araújo Lima há cerca de 30 anos, para a Cruzada eliminadora do analfabetismo é tão importante quanto a da nossa libertação econômica pela exploração estatal do petróleo e das indústrias básicas para a segurança nacional.

Diga-se, no momento, repita-se, como na prece, que a legenda lançada por Araújo Lima de que "só a educação transforma os povos" é uma verdade animada de potencialidade bíblica.

Que se viva essa verdade, na execução do previsto na Constituição e do que se cogita na discutida e esperada Lei das Diretrizes e Bases da Educação.

Que se viva essa verdade do ideário luminoso do Grande Amazônida, por imperativo de consciência nacional, na era da arrancada decisiva da libertação de condição de povo subdesenvolvido. Pois, o maior polvo que se instalou neste país, que consome suas reservas promissoras, que aprisiona os seus movimentos, que o avilta perante a comunidade internacional, que estrangula o seu progresso, que faz soluçar as suas esperanças e angustia a sua vocação democrática, pervertendo-a; que perturba a sua crença de nação livre; que assassina futuros límpidos de crianças que seriam engenheiros, técnicos, comerciantes, médicos, burocratas, bacharéis, padres, poetas e astronautas — esse polvo que consome, suga, exaure, tornando exangue a Nação — é o analfabetismo.

* * *

Arauto da causa da educação, José Francisco de Araújo Lima deu à Planície Setentrional uma outra contribuição também definitiva e, além de definitiva, marcada de um propósito decisivo de redimi-la, com o seu maior livro: "Amazônia — a Terra e o Homem".

Já o li diversas vezes. Cada leitura feita é uma renovação de crença. É uma limpeza, uma assepsia premunitória do ceticismo incipiente, que às vezes tenta atraiçoar a minha fé e a minha esperança de educador e de amazônida.

Sem tomar postura de crítico, classificamos o livro como do ciclo euclidiano, inspirado, de certa forma, na temática de "Os Sertões" e encerrando, no entanto, vigorosamente, pontos-de-vista de doutrina — contrários ao pensamento de Euclides, que se

apóia no extremado determinismo geográfico e etnológico dos fins do século passado.

A primeira edição de "Os Sertões" é de 1902. A primeira edição de "Amazônia, a terra e o homem" é de 1932. Levanto as coordenadas do tempo para situar assertivas que faço, na comparação de certas teses contidas nesses livros fundamentais para a interpretação do Brasil.

"Os Sertões" se desdobram nas seguintes partes: A Terra, o Homem, A Luta.

Araújo Lima, no seu livro, após uma introdução à antrogeografia, na qual examina as doutrinas sobre o **Meio, Raça, Complexidade dos fatores históricos e a Educação como fator histórico**, estuda: O Homem em Face da Natureza, O Homem em Face das Ações Climáticas e Telúricas, O Homem em Face da História e o Homem em Face da Família.

Euclides, em "Os Sertões", levanta, no caudal de suas idéias, entre outras, duas teses, sobre as quais vamos particularmente nos deter, em função da obra de Araújo Lima.

A primeira se refere às condições climáticas e telúricas da Amazônia e a segunda se prende à apreciação sobre raças superiores e inferiores e sobre mestiçagem, que, face à evolução da ciência, se reduz a mero preconceito doloroso e grave para a humanidade.

Ambas de repercussão desmarginada nos destinos da Amazônia, prejudicam, ainda hoje, a terra e o homem, pela força de opinião que, em decorrência das mesmas, se formou e se cristalizou.

Araújo Lima, com recursos excepcionais de seu talento e de sua cultura, opôs-lhes a verdade científica.

Para tanto, construiu a parte doutrinária do livro, com que apoiaria as suas assertivas contrárias ao pensamento do famoso autor de "À Margem da História".

Vejamos, no entanto, para estabelecer comparação, excertos do pronunciamento dos dois imortais pensadores.

Euclides pinta:

... "A enchente é uma parada na vida. Prêso nas malhas dos **igarapés**, o homem aguarda, então, com estoicismo raro, ante a fatalidade incoercível, o têrmo daquele inverno paradoxal, de temperaturas altas. A vazante é o verão. É a revivescência

da atividade rudimentar dos que ali se agitam, do único modo compatível com uma natureza que se demasia em manifestações díspares, tornando impossível a continuidade de quaisquer esforços.

Tal regime acarreta o parasitismo franco. O homem bebe o leite da vida, sugando os vasos túmidos das sifônias...

Mas, neste clima singular e típico, destacam-se outras anomalias, que ainda mais o agravam. Não bastam as intermitências de cheias e estiagens, sobrevivendo rítmicas, como a sístole e a diástole da maior artéria na terra. Outros fatos tornam ao forasteiro inúteis tôdas as tentativas de aclimação real.

... O calor úmido das paragens amazonenses, por ex., deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que tôda a atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas, fortemente excitadas, e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormecidas sob o explodir das paixões; inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparados ou refeitos pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas...

Araújo Lima destrói totalmente os fantasmas euclidianos, na parte de sua obra, em que trata de "Preconceito climático" e "Preconceito Telúrico".

Faz o histórico da "crença quase supersticiosa, que pessupõe a ação direta do clima sôbre o homem". Com argumentos científicos e evocando os depoimentos autorizados, informa:

"A impressão dos mais afamados exploradores do Amazonas é literalmente favorável ao seu clima, que, para WALLACE, é o mais ameno do mundo. HUMBOLDT, apregoando-lhe a excelência, profetizou para a "hyloea" o destino de abrigar a supercivilização do futuro. AGASSIZ e RECLUS abonam-lhe o crédito de um clima suportável e compatível com a vida".

"Os progressos da ciência e da civilização moderna não alteraram a visão dos grandes sábios e dos observadores. O estudo mais completo, mais complexo, mais científico e mais moderno sôbre a Amazônia, devêmo-lo à Missão Americana chefiada por WILLIAM SCHURZ (1923-1924). É o mais fundamentado documento sôbre o vale amazônico, produzido por técnicos e especialistas que, com recursos experimentais estritamente científicos, estudaram demoradamente a região. Eis a síntese do seu juízo sôbre o clima do Amazonas, vazado no relatório do respectivo chefe: "O vale do Amazonas não justifica a reputação que se

criou de um clima especialmente quente, úmido e insalubre. Goza, muito ao contrário, para uma região equatorial, de clima relativamente agradável e de forma nenhuma mortífero ao colono ou viajante que procura países tropicais"... E continua, apoiado no relatório, a mostrar quanto de imaginativo há na apreciação sobre clima.

Enfrenta o imortal autor de "Os Sertões"... "E o próprio Euclides da Cunha, com o poder de sugestão de sua palavra oracular, proferiu a heresia máxima sobre o clima do Amazonas. Eis o seu temerário juízo: "O calor úmido das paragens amazônicas deprime e exaure".

Citando a obra "Energetique Clinique" de Martinet que "define magistralmente a energia excitadora dos elementos físicos que nos cercam", analisa a construção de Euclides relativamente às consequências negativas e aviltantes por êle atribuídas ao nosso clima.

E com firmeza reparadora, assegura :

"À luz da ciência moderna, na sua interpretação puramente experimental como nas suas conclusões filosóficas, não se descobrem indícios de verdade na concepção daquelas "idiosincrasias de uma fisiologia excepcional", que o pensamento de Euclides entrevira como características fisiológicas do homem do Amazonas".

"A esplêndida cerebração, alcandorada às culminâncias de tais idéias, não soube escapar à gravitação do erro. Erguido tão alto, não pôde Euclides da Cunha fugir ao preconceito do determinismo climático duro e inexorável. Crendo pairar numa esfera para além das abstrações de Montesquieu, presumiu êle firmar-se no domínio concreto da biologia moderna, da fisiologia experimental e racional; mas o raciocínio foi arrebatado pelo seu pensamento insatisfeito e alou-se nas asas da fantasia, vagando para rumos incertos e imprecisos..."

* * *

De notória infelicidade, como já assinalamos, é o pensamento euclidiano sobre raça, nutrido êle nas doutrinas sobre raças superiores e inferiores que, no fim do século passado, faziam praça e que iriam alimentar a infame ideologia nazista do nosso século.

Nessa linha de pensamento, Euclides ora descobre nos elementos físicos que cercam o homem a ação deformadora ou

aniquiladora dêsse homem, ora vê a mistura de raças como de consequência prejudicial.

"A mestiçagem extremada é um retrocesso" . . .

Euclides, quando estuda o Homem brasileiro, abre um capítulo com o título "um parêntesis irritante" e expende os seus conceitos sobre raça superior e inferior, sobre mestiçagem, em afirmativas tão ousadas quanto profundamente deploráveis.

O êrro de Euclides foi haver acreditado como era hábito, no cientificismo do século passado, dogmático e orgulhoso e que eliminara a própria dúvida científica . . .

Araújo Lima toma posição contrária e posição acertada na matéria. Primeiramente, no plano doutrinário, na parte de antropogeografia, onde eruditamente critica GOBINEAU com o seu "Ensaio sobre desigualdade das raças humanas", de 1884 e, escudado nas novas conquistas da ciência, ao lado de Emile Hennequin e Eugene Pittard e de tantos outros, demonstra a inconsistência da doutrina racista e os pressupostos da arrasadora influência do climático sobre o indivíduo.

E no capítulo "O Homem Amazônico", analisa com serenidade científica a situação do nativo e do adventício, a diferenciação étnica entre o caboclo amazônico e o nordestino, ocupando-se, como sociólogo e médico, do processo de seleção étnica, da anormalidade orgânica e funcional, da decantada ociosidade como índice de insuficiência trófica, da anorexia habitual, do rendimento funcional e capacidade de trabalho, da vulnerabilidade e falta de imunização, da capacidade mental e material, da atividade produtiva, agilidade e intrepidez, dos fatos documentais, do eugenismo do amazônico, do preconceito da incivilizabilidade do índio, para encerrar com página de rara significação — Reabilitação do Caboclo Amazônico.

* * *

Obra de interpretação da Amazônia, Araújo Lima estuda, igualmente, a economia regional, focalizando o processo primitivo e desordenado do destrutivismo que a caracterizou nos primeiros tempos da exploração e, lamentavelmente, ainda persiste nos dias presentes. Agasalha considerações sobre o problema da propriedade e da exígua população, para condenar o latifúndio de modo peremptório e sustentar a necessidade de um "optimum populacional" como desencadeador do progresso.

"O Amazonas é a terra de latifúndios. Fácilima desde a sua exploração, era a conquista de terras extensíssimas, adqui-

ridas por meio de demarcações muitas vêzes fraudulentas, a preços ridículos”.

Aponta, a seguir, o remédio, escudado no pensamento do sociólogo Alceu Alceu Amoroso Lima :

“A solução do caso amazônico, malgrado no seu grande surto inicial de grandeza, estaria certamente no **distributismo**, isto é, na disseminação intensiva da pequena propriedade”.

* * *

A preocupação de amazônida não o conduziu somente ao estudo de fatos sociais de que era contemporâneo.

Escreveu, também, o capítulo “O Homem em Face da História”, para retratar o guerreiro amazônico dos entreveros da cabanagem, a têmpera e o caráter do caboclo de Maués e o papel do desbravador nordestino nestas paragens como falangário da epopéia de conquista, culminando com a ação patriótica da reivindicação do Acre.

* * *

Do contexto da obra de Araújo Lima se colhem pensamentos fecundos. Face à realidade amazônica através dos filamentos de sua história, no elementarismo de sua estrutura social, nas suas formas primitivas de produção, analisando, discutindo e comparando as várias doutrinas, constatou e proclamou a educação como fator decisivo de interpretação da história, de propulsão do progresso. E sobre êsse fator, que situa como de infra-estrutura, escreve :

“Nas nacionalidades não há unidade antropológica, mas deve haver unidade psíquica. A estrutura cerebral não oferece barreira à transformação mental dos homens, independentemente de contingências raciais. A educação é o fator máximo de transformação histórica das raças, traçando as diretrizes das nacionalidades”.

* * *

Há, na produção intelectual de Araújo Lima, representada principalmente pelos dois livros — “Só a Educação Transforma os Povos” e “Amazônia — a terra e o homem”, uma unidade ideológica e sentimental, que merece analisada e não pode ser apreciada de relance.

Êsses dois livros escritos, praticamente, há trinta anos, têm alguns dos seus pontos de vista superados em virtude de novas

conquistas da ciência e da técnica ou da própria evolução da paisagem social do Amazonas. Considerados, entretanto, sob o prisma unitário de uma obra, projetando a personalidade singular de seu autor, não se filiam sectariamente a esta ou àquela doutrina. É óbvio que a um homem com a autonomia mental de Araújo Lima só caberia a tarefa de fundar Escola, o que é, realmente, a resultante mais larga de sua atuação intelectual. Nessa "Escola", que faz da Educação fator determinante da evolução histórica, reside a unidade ideológica ou doutrinária de sua obra.

E esse pensamento de Araújo Lima, infletido no límpido céu da filosofia, desenha-se como via-láctea, a indicar o auto-determinismo dos povos, no tropel da História.

* * *

Diz-se que todo brasileiro deve, por imperativo cívico, ler OS SERTÕES, mas lê-lo, sem ler "Amazônia, a terra e o homem", é não retificar, em nome da ciência moderna, vários conceitos errados que a pena poderosa de Euclides, em esparsos e lampejantes lances, divulgou prejudicando a nossa terra e aviltando a nossa gente. É não assistir a todo o debate, à peleja empolgante.

Vista sob esse ângulo, "Amazônia — a terra e o homem", é uma resposta a Euclides.

Resposta eloqüente !

Esse livro é um repositório de informações sócio-econômico-históricas. É ensaio de sociologia. É uma interpretação da Amazônia, face ao binômio integralizador : A Terra e o Homem. É um livro de ciência.

A terra amazônica que, para Araújo Lima, não era "nem inferno, nem paraíso", e o homem amazônico, que é "o homem só, escoteiro, sem guia; sem saúde nem cultura; sem defesa nem proteção; sem preparo nem prévio trabalho adaptativo "campeador" naqueles cenários como um gigante, inconsciente de sua bravura"... tiveram no nosso preclaro patrono o seu melhor, o mais consciente e o mais completo intérprete.

Assim, em "Só a Educação Transforma os Povos" como em "Amazônia — A Terra e o Homem", há uma unidade sentimental, que se traduz na empolgante defesa do homem e da terra. Que transforma tôda a obra de Araújo Lima num hinário cheio de luz e de esperança no futuro dêsse pedaço ensolarado dos trópicos.

E o aspecto sentimental que completaria a unidade da obra de Araújo Lima foi vivido, também, pelo político e pelo administrador, lembrando-se, aqui, a sua notável atuação como Prefeito da capital amazonense, que lhe deve serviços inestimáveis quer sob o ângulo de urbanismo, quer como promotor de melhores condições de vida na comunidade.

Tal como os gregos da idade clássica, que cultuavam a memória de seus heróis da guerra ou do saber, perpetuando no mármore as suas efígies, que Manaus faça fundir no bronze, a desafiar o tempo, a efígie de Araújo Lima, para se colocar no coração desta cidade à qual êle serviu dedicadamente. Que se inscreva, no pedestal, sob o seu nome, como seu maior título de glória, a legenda "Grande Amazônida" e, na outra face, seja gravada, de modo imperecível, a legenda de sua fé: "SÓ A EDUCAÇÃO TRANSFORMA OS POVOS".

* * *

Nesta noite festiva na Academia Amazonense de Letras, elevemos o nosso pensamento na proclamação justa de que êsse Araújo Lima, que nasceu no Marajó, olhando o Atlântico, e recebeu, pelas águas de todos os rios da Amazônia que rolam soluçantes anulando-se na imensidade do Oceano, a potencialidade misteriosa da terra imatura e a projetou, na sua obra intelectual; foi, pelo espírito, e pelo coração, um dos mais completos homens de letras da Planície.

Péricles de Moraes, escrevendo sôbre os "intérpretes da Amazônia", ocupa-se da figura do nosso patrono, afirmando :

"O sr. Araújo Lima viu a Amazônia nos seus mistérios e panoramas, não com os olhos deslumbrados do espectador que se interessa sômente pelas molduras exteriores, mas com a intuição perquiridora de quem, penetrando a essência da natureza, procura descobrir as relações entre o homem e a terra, sob o domínio dos quais todos os conhecimentos particulares conduziram às visões de conjunto. A sua obra é uma contribuição notável, não apenas para o conhecimento estético da planície amazônica, mas, acima de tudo, para o seu estudo de caráter científico, com o ventilar e debater um acervo de problemas e teorias que, embora por demais debatidos e ventilados, ainda despertam curiosidade e conseguem desdobrar-se sob aspectos inéditos e atraentes, quando versados por uma inteligência fecunda e construtiva".

E, assim, temos de reconhecer que foi Araújo Lima o pioneiro do movimento cultural de exame e interpretação da Amazônia, dentro da metodologia científica, a se excluírem os pronunciamentos esparsos de Euclides.

E', exatamente, êsse o aspecto que o singulariza. Êle é ponto de referência para os novos escritores da corrente de interpretação sociológica e cultural desta região setentrional.

E o esforço que é feito por grupos de cientistas e ensaistas integrantes ou não da pleiade do Instituto de Pesquisas da Amazônia, e os anteriores ao Instituto, todos o tomam por balisa valiosa.

Sem o instrumental das pesquisas parciais, mas, com a sua formação científica, servido de um raciocínio dedutivo, que se apoiava na experiência vivida diretamente, foi, entre todos os que já se ocuparam da Amazônia, quem a percebeu no seu todo, quem sentiu as suas forças telúricas e viu, em perspectiva histórica, que o homem se projetaria vitorioso no futuro, embora naquele momento, solitário, sem os acréscimos que a técnica proporciona para dominar o meio.

Característica generalizada entre os que se ocupavam da Amazônia, de vê-la inóspita e agressiva, num emolduramento terrificante de inferno, onde o homem seria irremediavelmente um condenado pelas forças ciclópicas da natureza, Araújo Lima, esclarecido pela ciência, decompôs o complexo da agressividade do meio, interpretou-o, para concluir de um modo otimista, pela magnificência da terra e superioridade do homem.

Neste século, em que assistimos emocionados a povos de áreas tropicais assemelhadas à Amazônia se levantarem, espedejando o colonialismo, confortamo-nos, numa associação de idéias, com o otimismo redentor de Araújo Lima, que nos alertou do valor da terra e do valor do homem, elementos com os quais se constrói notável civilização, sob o equador.

Esta Amazônia de Araújo Lima, de grandeza geográfica imensurável e cuja grandeza humana, no superior entendimento dêsse insigne homem de letras, se desenvolverá com o processo retificador e propulsor que a educação imprime aos destinos dos povos, está destinada realmente a um singular papel na história da humanidade.

E se ela há despertado, como o eminente Artur César Ferreira Reis sustenta, a cobiça internacional, não será, no entanto,

prêsa de alienígenas, porque está escrito, nos desígnios supremos da História Universal, que esta Amazônia, quente pela exuberância da luz, fecunda pela abundância da água, esperançosa pelo dilúvio do verde das florestas, que esta Amazônia de homens heróicos, será fator decisivo para que o Brasil empolgado pela sua luminosa destinação de construtor de uma civilização do Trabalho, da Paz e da Alegria, estenda, por um determinismo irreversível, a sua liderança nas Américas para o mundo do porvir.

Resposta a José Lindoso

ADERSON DE MENEZES

Senhor JOSÉ LINDOSO :

Usufruí hoje a ventura, ainda não experimentada por alguém nesta Casa, de vir ocupar, como primeiro possuidor, a cadeira patrocinada por Araujo Lima — cientista e esteta, escritor e conferencista, sociólogo e mestre de gerações, cujo nome a última reforma estatutária, nesse particular processada com oportuno e justificado sentido regionalista, fêz insculpir na poltrona n.º 25 da Academia Amazonense de Letras.

Explico-me em referir a felicidade de que vos suponho presa no presente momento, porque êsse patrocínio, autêntico em seu objetivo, se destina não somente a honrar a figura que o expressa, mas também a ser dignificante para quem, como vós, acontece de com êle beneficiar-se, e pela vez inicial, "sous la coupole", através de uma glorificação que traz antes e acima de tudo o teor da imortalidade acadêmica.

O PATRONO

Sem dúvida, Sr. José Lindoso, constitui uma fortuna a reclamar cânticos de reconhecimento e palmas de gratidão o convívio intelectual debaixo da égide de grandes valores mentais, como soi haver sido José Francisco de Araujo Lima, o médico que auscultou a realidade amazônica em seus aspectos físico-humanos e o artista que a gizou como ninguém, na verdade o seu "mais consciente e completo intérprete" que, respondendo e defendendo em face do impacto da enorme criação euclideana — os termos e as atitudes são oriundos da vossa posição de analista sereno e perspicaz, reivindicou para a Amazônia a legítima compreensão científica de seus complexos mas solúveis problemas. E foi além, muito além, concernentemente à reivindicação de que se tornou histórica e agigantadamente o aráuto

magnífico, no estimular, com o maior merecimento de seus pósteros, "outros cientistas e escritores que se entregaram a investigação do mesmo gênero", como anotou o agudo entendimento crítico de Péricles Moraes, eis que ao livro "Amazônia — a terra e o homem" se seguiram diversos estudos e publicações de idêntico feitio reivindicador, em plena e satisfatória reabilitação da gleba, que não foi, não é e jamais será "nem inferno, nem paraíso".

Essa marcante e decisiva atuação recuperatória, assim do território calcinado como de seu habitante malsinado, fêz de Araujo Lima uma das maiores personalidades literárias entre as que preponderam no beletrismo amazônico.

A propósito, observa Alceu Amoroso Lima que, sendo as personalidades e as obras os dois elementos primários com que se lida na história literária, "o autor só vale literariamente pela obra", muito embora seja forçoso reconhecer que "nossa literatura é dominada por suas grandes personalidades".

E' que nelas vive o nosso passado intelectual e delas emanam as forças formadoras de nossa civilização, pois são os portavozes de nossa gente e de nós mesmos.

Se procede êsse juízo a um tempo de conhecimento e de valoração, baseado em que tão grandiosas individualidades concentram o interêsse literário, de Araujo Lima pode dizer-se que foi o reabilitador da Amazônia, talqualmente Gonçalves Dias interpretou os nossos índios; Castro Alves, a libertação dos escravos; Joaquim Nabuco, a inquietação universal; Rui Barbosa, o amor à Justiça; Euclides da Cunha, a vida do sertão; e Machado de Assis, as sutilezas da cultura brasileira.

De resto, a vossa sorte recresce e se projeta em cadeia harmoniosa ante os elos bem dispostos e perfeitamente ajustados que vos ligam ao patrono insigne, dentro do panorama do ensino em nosso Estado. Ambos educadores de raça. Os dois com largas folhas de serviços esplêndidos. Um e outro vocacionados para o magistério, onde foi fecunda e percuciente a atividade de Araujo Lima, a cuja tese de que "só a educação transforma os povos", acabais de ajuntar, com propriedade léxica e certeza técnica, uma legenda eternamente consagrada, segundo a qual aquêle princípio "é uma verdade animada de potencialidade bíblica".

Foi por tudo isso, certamente, que imaginastes fundir no bronze a efigie do Grande Amazônida, indiferente por inteiro, mas igualmente convicto, àquela aversão de Rui, que **de bustos**

e estatuas não era lá grande entusiasta, embora admitisse serem "bemaventurados — e é o caso de vosso luzido patrono — os que a si mesmos se estatuarão em atos memoráveis, e, sem deixarem os retratos à posteridade, esquecida ou desdenhada, vivem a sua vida póstuma desinteressadamente pelos benefícios que lhe herdaram".

O NOVO ACADÊMICO

Cometeram-me os prezados confrades, Sr. José Lindoso, a agradável missão de saudar-vos no instante de vosso ingresso solene na Academia Amazonense de Letras, pela porta amplíssima de uma votação unânime, espontânea e reconfortante para quantos se prezam de homenagear o talento e o saber.

E' que não passais, agora, pela iniciação literária. Esta, vós a vivestes muito adolescente, ainda imberbe, quase intruso num ambiente que era o da vossa geração, integrado na grande maioria por jovens do **hinterland** como nós dois, mas ao qual chegastes um pouco atrasado pelas dificuldades que importava a vossos pais e a meus pais, — uns e outros especialistas na função procriadora e inexcedíveis nos cuidados educacionais —, a transferência dos filhos, na ordem da idade, a fim de cursarem os estabelecimentos de instrução pós-primária nesta capital, aonde aportei primeiro por ser o mais velho entre meus irmãos e onde aparecestes logo depois pelo fato de serdes o segundo em vossa fraternidade, motivo que nos fêz contemporâneos, e não colegas de classe, no antigo Ginásio Amazonense e, a seguir, na Faculdade de Direito do Amazonas.

A evocação dêsses lances de nossas vidas — quando fizemos alguns jornais e escrevemos artigos pretenciosa ou possivelmente literários; fundamos associações estudantis e improvisamos discursos repletos de imagens com citações tão escolhidas quanto disputadas; encetamos campanhas meritórias e lideramos movimentos de rua à guisa de salvadores da Pátria, então para nós sempre em perigo — essa evocação transportou-me há poucos minutos, enquanto nesta tribuna proferieis a vossa notável oração de posse, que acabamos de aplaudir, a um transe alucinatório, naquilo em que a alucinação é "aparente percepção de objeto externo não presente no momento". Fazieis, em discurso primoroso, estudo comparativo entre as tendências doutrinárias de dois formidáveis homens de letras e ciências, o que, prendendo as atenções gerais do seletto auditório, realçava o vosso vulto de exegeta imparcial e orador fluente. Mesmo assim e sem perdêr o rumo de vossas sábias ilações, foi-me dado rever-vos, naquelas

aventuras e tertúlias já evocadas, o menino-moço inquieto, entusiasta, idealista e interessado, que de visitante incômodo passou a eficiente redator de "O Chicote", semanário por nós datilografado aos domingos juntamente com outros colegas; que participou do Centro "Plácido Serrano", por nossa turma criado no atual Colégio Estadual do Amazonas; e que, como idéias mais arejadas, ajudou a construir o Grêmio "Humberto de Campos", ao depois Centro de Estudos da Mocidade, cujo quadro social aglutinou, em época de intensa vibração mental, a juventude pensante de todo o Amazonas.

Todavia, o devaneio teve sua hora em saudosa visão retrospectiva no tempo e no espaço, apesar dos caprichos fantasiosos encerrados pela ilusão fugaz...

Diviso-vos, pois, em vossa atual postura de homem simples respeitável, em cuja fisionomia franca e aberta, ainda se descobre o antigo temperamental, de emotividades frementes, que, na escola rígida da temperança, se transformou num temperamento tranquilo e justo, sóbrio e desapaixonado, aperfeiçoando-se dêsse modo uma personalidade que, servida pela aprendizagem e pela meditação, é virtuosa sem ser falsa, é elegante sem ser saliente, é comedida sem ser contemplativa, porque em seus atributos intrínsecos e extrínsecos se fêz atuante, definida e psicológicamente exata.

Assim, sem exteriorizações ensaiadas ou retraimentos calculados, comportai-vos na sociedade em que conviveis como um padrão de conduta — pai de família sem jaça, chefe enérgico mas compreensivo, professor com sabedoria e assiduidade — à rigorosa e suave maneira de uma criatura de Deus, a quem entoastes, caracterizando vossa linha intelectual e comentando o destino do mundo hodierno, sincera e reiterada porfissão de fé, dessa fé que alardeais sem qualquer respeito humano.

No entanto, não revelastes que, além de religioso, sois jurista e poeta. Sim, poeta — não vos admireis — vós de quem jamais soube, em que pesasse a contradita como frustração à nossa intimidade crescentemente cordial, que tivesse perpetrado a poesia de rimas e versos ou a poesia solta e modernizada...

Do vosso culto ao Direito, é prazeroso testemunhar a honestidade e o encantamento com que exercitais a advocacia e desempenhais a cátedra universitária, de tal jeito que parece impossível outro profissional emparelhar-se-vos na pesquisa meticulosa e construtiva com que instruis uma ação judicial ou preparais uma preleção didática, em bem dosados e experimentados gabaritos culturais.

Do vosso aferro à Religião, é lícito asseverar-se, como a respeito de Lima Guimarães Junior disse Alcântara Machado, que sois uma "consciência ancorada sòlidamente no porto seguro do catolicismo". E mais: encarnais um religionário capaz de confissões puras, tanto vos aprumais na vida e vos inspirais nos dogmas da vossa Igreja.

Do vosso liame à Poesia, através das seduções do bom e do belo, como intelectual que se higieniza mentalmente lendo com método e frequência os maiores poetas do mundo, devo afirmar, usando a linguagem de Araujo Filho, que fazeis, dentro da mais discreta moral cristã, a imperecível poesia do caráter!

AS LETRAS JURÍDICAS

Dentre as vossas tarefas múltiplas e até beneméritas, Sr. José Lindoso, há que destacar, neste ensejo de exaltação espiritual de cuja glória sois o alvo reluzente, as relacionadas com o trato das belas letras, ao qual vos habituastes desde muito cêdo.

Ainda estudante, prelustrastes o jornalismo e a oratória, em ambos os setores utilizando a pena e o verbo no bom combate, teórico, elevado e sadio, sempre a prol de nobres causas.

Em meio às publicações dessa etapa tão relevante em vossa existência de preliador da inteligência, ficou impresso aquêlo discurso como orador oficial da turma de bacharéis de 1946, em que, cogitando "Do Estado", enfocastes em peça substanciosa "Aspectos da socialização no Direito Constitucional Brasileiro", ostentando precoce capacidade de investigação e surpreendente critério conclusivo no apontar as futuras tendências dêsse ramo do Direito Público, "moldado no sofrimento e na angústia dos oprimidos através dos séculos", para ser "afirmação luminosa da solidariedade humana e cristã", porque "o bem estar social preocupou o Estado e os complexos problemas de ordem comunitária, exigindo remédios jurídicos, determinaram novas interpretações de preceitos de Direito...".

Mais tarde, em fidelidade a certa vocação evidenciada no segundo ciclo do curso secundário, enveredastes pelos estudos econômicos. Nessas pervagações científicas, formulastes, em tese de concurso galhardamente defendida, um conceito de Economia Política sem a materialidade específica da riqueza, o que representou inovação singular, distanciada diametralmente das noções rançosas, passadistas e repetidas desde remotos tempos. Em remate, ensinastes que "a atividade econômica tem como cogitação primária o binômio — Homem-Natureza — e se

desenvolve, caracterizando-se, no tempo e no espaço, independentemente de quadros jurídicos ou sistemas econômicos, pelos elementos Necessidade-Bens-Utilidade-Valor, os quais, implícita ou explicitamente, devem ser considerados na elaboração do conceito definitivo da Ciência Econômica". Valeu-vos o enunciado a aprovação muito festejada, a docência livre e o grau de doutor em Direito.

Atualmente, propendestes para o Direito Privado e, numa cadeira de Direito Civil, continuais a ininterrupta trajetória de estudioso, madrugador e jovial, com vários escritos já estampados sobre o Código Civil Brasileiro, como "obra jurídica perfeita, eterna na concepção metodológica, real na expressão sociológica, bela na pureza vernacular, que, na História, através dos séculos, será monumento a depor, soberanamente, sobre nossa civilização", e cuja evolução se encaminha pela esteira socialista, razão pela qual sua imaginada reforma tenderá "a quebrar as quinas do individualismo, a se alimentar, ideologicamente, do senso comunitário católico, fugindo do marxismo, a fazer perigosas concessões ao epicurismo burguês-capitalista, no problema da constituição da família, a se realizar, coando êsse acletismo, nas malhas de técnicas crescentemente intervencionistas do Estado".

Por tudo isso, considero-vos mesmo um trabalhador intelectual de excepcionais qualidades, especialmente em nosso meio desprovido de condições mínimas de conforto e satisfação, a começar pelo calor e a terminar pela falta de energia elétrica, condições tão desfavoráveis que fariam enloquecer o grande Sílvio Romero, para quem, no próprio Brasil, ao seu tempo, o trabalho intelectual já era um verdadeiro martírio, pois que pouco se produzia, cedo se cansava, envelhecia e depressa morria...

Sois portanto um letrado, ainda que não participeis por índole dos conclaves de esquina, nem frequenteis por hábito as conversas de bares e cafés, não vos sobrando tempo mesmo para o curioso estacionamento às portas das livrarias.

E a vossa erudição se operou, mais a fundo, nas letras jurídicas, sobre as quais impende recordar a robusta e cintilante opinião de João Leda, que, de uma feita, assim falou com indifereçável autoridade nesta sala augusta :

"Para o extinto e glorioso José Veríssimo falece às letras jurídicas o característico que lhe condiciona a finalidade : o produzir emoções. Divergimos, com a devida vênua, da sentença

do pranteado mestre. E divergimos porque, se a ciência jurídica não solicitar para a explanação das suas tees e para a enunciação dos seus postulados a harmonia verbal e a luminosidade da linguagem que somente a arte lhe pode dar, todos os monumentos de sabedoria que venha ela a construir ruirão fatalmente pela fragilidade dos alicerces sobre os quais se ergueram. Assim, a literatura abrange um âmbito quase infinito de lucubrações espirituais, comporta, no parecer de um sábio alemão, a poesia lírica e a economia política, a novela literária e o direito, o discurso parlamentar e as cantigas e histórias populares".

A POSSE ACADÊMICA

Todos os vossos méritos, Sr. José Lindoso, vêm de ser julgados bons e valiosos pela chancela da imortalidade literária e estão sendo proclamados no instante em que vos empossamos na cadeira n.º 25, cujo imenso e fulgurante patrono é Araujo Lima.

As Academias são como que tabelionatos de reconhecimento das belas letras, entre as quais, como ficou demonstrado, as jurídicas dispõem de heráldica própria pela majestade de suas construções assim imponentes no conteúdo teórico como perenes no estilo escoreito.

Dagora por avante e para sempre, sois acadêmico e, como confrade de tamanhos e inegáveis títulos, integrai-vos definitivamente a esta ilustre Companhia, em cujo seio nobilitante ajudareis a alimentar "a flama sagrada, para que os nossos sucessores, os que vierem no futuro guardar o templo, não esmoreçam nem desanimem na sua função vigilante".

Por isso mesmo, Acadêmico José Lindoso, não devo terminar esta saudação com simples alvíssaras ao vosso destino solar de homem talentoso, ora vinculado vitaliciamente à Academia Amazonense de Letras, mas lembrando-vos ainda que, apesar de não mais sermos tão jovens e tão vigorosos como outrora, quando venciamos sem esforço as distâncias e escalavamos com agilidade as alturas, urge mantermo-nos fieis ao programa de nossa já fugidia mocidade, para a qual, na vossa concepção, só havia "um anseio, um desejo, uma aspiração irremovível: reconstruir e melhorar".

Na Poltrona n.º 29

ALMEIDA BARROSO

Srs. ACADÊMICOS :

Permiti que eu inicie fazendo uma breve incursão pelas profundidades do vosso ato de escolha, para, então, tentar descobrir, servindo-me da luz bruxuleante da minha capacidade interpretativa, a intenção que vos animou ao atrair-me para o vosso tão confortador quanto honroso convívio.

Balanceando os meus poucos merecimentos intelectuais, em que pêssem o meu desbordante entusiasmo, fidelidade e amor à cultura, manifestados em letra de fôrma, como incompleta expressão literária, durante mais de três lustros, através de ininterrupta atividade jornalística, jamais me considereei, todavia, um literato, no sentido mais rigoroso do vocábulo.

Não porque me tenha faltado o desejo de sê-lo, tão tentado e sensível aos encantamentos da miraculosa região das letras me sentí, desde os primeiros momentos em que os lampêjos da adolescência começaram a iluminar minha consciência para a compreensão do verdadeiro significado da cultura, sua beleza e seu valioso conteúdo social.

Mas, sem dúvida, porque o meu ingresso como repetidor de filosofia, aos 23 anos, no magistério secundário, na cátedra do tradicional Colégio Estadual do Amazonas, de par com acariciado alento financeiro que me trouxe, iria retirar-me as folgas e lazeres indispensáveis ao contubérnio das letras pròpriamente ditas.

UM POUCO DE REMINISCÊNCIAS

O gôsto pela filosofia eu adquirira quando, ao tirar o Curso Complementar Pré-Jurídico, fôra dominado, juntamente com Geraldo Pinheiro, Herbert Palhano, Aderson Menezes, Ribamar

Costa, Domingos Mourão e tantos outros, pela verdadeira pletera de entusiasmo e pelo irresistível sortilégio que sôbre a nossa geração exerciam as disciplinas de cultura literária, social e filosófica, principalmente, da reforma Francisco Campos.

Transporto-me, em memória, ao cenário encantado e vibrante daquela época de transição por todos nós vivida intensamente, enquanto assistíamos, precisamente no turno da tarde, sob os rigores caniculares, com a devoção de quem fôsse orar no templo da cultura, cumprindo um sagrado dever, as aulas daquele curso, ouvindo atentamente as preleções de professores que se nos afiguravam paradígmias nessa nobre profissão.

Recordo-me, ao tentar a evocação dêsse passado ameno e enternecedor, de Leopoldo Péres, professor de literatura, **primo inter pares**, pela sua privilegiada dimensão intelectual e pela força da sua personalidade que galvanizava nossas inteligências. Possuía êle a imponência de um semi-deus e a aura de um predestinado. Orador de raça, dos lábios de Leopoldo Péres a palavra brotava com os labores dos metais de quilate superior nas mãos dos perfeitos joalheiros. Ouví-lo prelecionar, era submeter-se, irresistivelmente, ao fulgor da sua eloquência quente; era prosternar-se em atitude sublime de encantamento, à mágica florescência da sua admirável cultura. A literatura tinha nêle um sacerdote de poder mirífico na sua função missionária. Era um professor que ensinava comunicando estímulos emocionantes e duradouros aos seus discípulos.

Pedro Severiano Nunes, o "Pedrinho, como era conhecido, professor de Psicologia, impunha-se à nossa admiração menos pelas suas aulas sôbre a matéria curricular, do que pelas divagações continuadas que fazia percorrendo conôscos as mais vastas regiões da cultura geral. Nós o tínhamos na conta de um humanista da melhor têmpera.

Ambos foram roubados prematuramente do nosso cenário, com grande perda para o Amazonas.

A êles presto, nêste momento, com esta lembrança enternecida, minha homenagem aos seus grandes merecimentos intelectuais.

Augusto Rocha, professor de economia, impunha-se, sobretudo, porque, sendo muito moço revelava, entretanto, cultura aprimorada e sólida. Era um crítico impenitente e severo, nas suas aulas, das figuras do mundo literário ou cultural que passavam pelo cadinho da sua apreciação, geralmente sob provocação nossa. Êsse professor talentoso e culto deixou Manaus para

fixar-se na antiga capital da República, produzindo, com sua saída, enorme vazio no entusiasmo da geração que o admirava naquela fase de efervescência pré-universitária.

Artur Reis, a todos impressionava com sua cultura vastíssima e não menor erudição, notadamente nos domínios da sua disciplina — História do Brasil e da América. Revelava saber enciclopédico nessas matérias sendo, na opinião de Augusto Rocha, por mais de uma vez expandida, uma das maiores autoridades contemporâneas do Brasil, em História.

Citarei, finalmente, para não me alongar no quadro que preciso recompôr, a fim de mostrar as condições do meio em que se verificou o preparo pré-universitário dos estudantes da minha geração, nosso lente na cadeira de filosofia, o então juiz de menores André Araújo, atualmente desembargador aposentado e um dos mais conspícuos integrantes dêste austero e ilustre Silogeu.

Cultura ônimoda e invulgar, juiz íntegro e intelectual voltado, de corpo e alma, para a questão social, notadamente a que se refletia na infância abandonada desta terra; pregoeiro, além disso, do pensamento religioso e social da igreja, possuía êle, para aquela geração inquieta, o dom de projetar clarões de luz cristã nos abismos da nossa incredulidade. Afigurava-se-nos, doutrinariamente, uma espécie de Leon Bloy, carregado de tonalidades pascalianas, aqui na Planície, a nos falar com impressiva dramaticidade da pobreza como um problema de cultura e de metafísica cristã. Participava do grupo dos nossos grandes e preferidos mestres.

Sob os fulgores de inteligências assim tão bem dotadas, que preleccionavam para uma mocidade ávida de alargar seus horizontes mentais, era natural que aí encontrássemos, nêsse Colégio Dom Bosco onde funcionava o nosso curso, dominado pela transparência espiritual do Padre Agostinho, as condições favoráveis a incursões demoradas pelos extensos e multifôrmes sítios do saber.

Dessa forma, logo se definiram, naquêle grupo moço de devotos da cultura, as predileções pelos seus múltiplos setores.

E foi nessa fase, que começou a se avivar em mim o gôsto pela filosofia, com um ardente entusiasmo que me faria nela encontrar as mais poderosas e fagueiras seduções.

A alegria de compreender que resulta do acocnhego do pensamento com a especulação filosófica; o hábito de encarar as

coisas no seu conjunto para melhor penetrar o significado das suas partes; o exercício da inteligência procurando encarar o mundo e seus problemas **sub especies totius** e **sub especies eternitatis** — à luz do todo e da eternidade — sob o calor da centelha dos gênios da sabedoria constituiriam, a partir daí, a predileção assoberbante do meu espírito.

E me vem à lembrança os bons tempos em que sentia indizível satisfação ao penetrar na metafísica dos Indús.

Ou quando meditava sobre os transcendentos ensinamentos de Cakia-Muni, ou Buda, pregador da bemaventurança pela imersão da individualidade no **nirvana**, categoria inexistencial e única felicidade que o homem deve aspirar.

Quem estuda e medita sobre o pensamento especulativo no oriente antigo, porém, não pode ser indiferente à metafísica nascida às margens do Nilo, o rio providencial, onde o culto dos mortos e a metempsicose, aprofundados por Hermes e Trimegisto, deram aos egípcios lugar proeminente entre os povos daquela civilização milenária. Também não pode deixar, entre os persas, de apreciar a profundidade do Zenda Avesta, livro atribuído a Zaratrusta, onde se encontram manifestações indiscutíveis da concepção monoteísta do mundo, que, com os Hebreus, através da revelação, transformar-se-ia nas vigas mestras do Cristianismo.

Mas, não termina com esses povos, a filosofia do oriente. E assim é que a China, a imemorial, nos impressiona com a alta envergadura dos seus moralistas, dentre os quais destacam-se Lao-Tse e Confúcio, sendo que este último conhecido, posteriormente, como o Sócrates chinês.

Aquêle que se deixou atrair e dominar pelas seduções da filosofia, sem demora descobrirá que não é o oriente que oferecerá respostas adequadas à sua curiosidade intelectual, ao seu desejo de encontrar uma resposta sistematizada aos porquês e para quês das suas indagações.

Dessa forma, o caminho aberto para o proveitoso contato com os primeiros santos e mártires do pensamento especulativo, desenvolvido com profundidade e rigôr lógico, vamos encontrar na Grécia, sob o céu azul do Peloponeso e nas suas colônias da Ásia Menor, cinco ou seis séculos AC.

Aí, a primeira constelação de pensadores que nos atrai a atenção é a dos pré-socráticos, robustos desbravadores dos mistérios cosmológicos.

Passado o período dos naturalistas, vem uma fase de transição, e a filosofia cai no círculo da influência dourada dos sofistas,

pensadores populares, geralmente fulgurantes oradores, como Protágoras e Górgias, com a preocupação de apresentarem suas idéias envoltas nas roupagens suntuosas da palavra, ou, como diríamos hoje, sob o manto diáfano da fantasia, para assim fazerem triunfar seus argumentos, geralmente falaciosos.

Seu domínio, apesar de tumultuoso, porém, foi rápido, pois que são substituídos, na tecitura do pensamento helênico, pelas três maiores figuras da filosofia antiga: Sócrates, Platão e Aristóteles.

O contato com a vida e a obra desses três gigantes do pensamento especulativo da Grécia confere ao estudioso de filosofia o batismo definitivo para a compreensão dos inúmeros pensadores que aparecerão no tablado histórico do oriente, no curso da idade média, da moderna, até atingirmos a contemporânea.

Sócrates, o primeiro grande martir da filosofia, nada deixou escrito. Mas sua personalidade extraordinária, de que nos dá notícia (sobretudo) seu discípulo amado, Platão, projetou-se como um sol, nos horizontes puros da sua pátria. Trouxe a filosofia do céu para a terra, encentrando suas principais indagações no estudo do homem como ser moral, por isso que, do âmago das suas idéias dominantes, emerge sempre esta crucial advertência: **conhece-te a ti mesmo.**

Sua preocupação em torno do aperfeiçoamento do homem, todavia, não impediu que seus inimigos lhe acoimassem de corruptor da mocidade, em face do cunho avançado das suas idéias, em choque com as crenças dominantes, condenando-o à morte.

E Platão? Dêle disse Emerson, que sua obra contém a sabedoria das nações. Com o iluminado fundador da Academia, não nasceram apenas seu sublime idealismo e uma filosofia social imorredoura. Sua obra, mais do que isso, se completa como modelo perfeito de eloquência, de penetração, de lógica, de largueza cultural. É o precursor de quase todas as ciências morais do nosso tempo. E não foi sem razão que seus compatriotas, traduzindo entusiasmo incontido por aquele que passaria a figurar na história como um dos mais perfeitos representantes da espécie humana, apelidaram-no, enfaticamente, de: **o divino.**

Finalmente, a idade de ouro da filosofia grega, correspondendo ao período de apogeu da civilização helênica, completa a sua triade soberba de pensadores excepcionais com o extraordinário Aristóteles.

Discípulo de Platão, como êste o fôra de Sócrates, logo se sentiu em condições de alçar vôos livres e latitudinários pelos amplos horizontes do saber dêle se afastou, contrapondo ao idealismo do mestre uma doutrina que lhe parecia melhor se ajustar às tendências realistas do seu pensamento.

Foi tão profundo filósofo quando sábio eminente, deixando, ao morrer, a mais sólida e extensa produção intelectual que nos veio da antiguidade, uma obra que dominou por dois mil anos a cultura do Ocidente.

Vêde como são extensas, podendo-se dizer mesmo ilimitadas e encantadoras, as regiões a que nos conduz a filosofia quando dela nos aproximamos com entusiasmo e paixão de desvendar os seus mistérios, prêsos às suas seduções.

Retraçando alguns aspectos dos primórdios da sua história, quiz mostrar que a convivência com os gênios da antiguidade, notadamente com os grêgos através das suas multiformes doutrinas ou sistemas, é a pedra de toque que transforma a natural curiosidade pelo saber das inteligências jovens, em devotos da filosofia.

Foi, dessa forma, dividindo o meu tempo entre as obrigações de cátedra, as leituras a ela mais ligadas e o curso de bacharelado de direito, que me vi, naquela fase universitária, quase inteiramente despojado de horas disponíveis para a literatura pròpriamente dita.

Nem por isso, contudo, a desprezei e quando uma outra paixão veio se agasalhar ao meu espírito — o jornalismo — levando-me a exercitá-lo com assiduidade, principalmente em sentido crítico de crítica político-cultural, o panorama literário amazonense, com suas figuras representativas e sua atividade específica no que podiam significar para o progresso das nossas letras e desenvolvimento intelectual do meio, constituíram sempre uma preocupação dominante nos meus artigos, ou na minha atividade redacional na imprensa diária ou periódica desta terra.

A êsse interêsse pelas coisas da cultura no Amazonas, que me fez inúmeras vêzes expressar opiniões nem sempre lisongei-ras sôbre pessoas e fatos, eivadas, todavia, do mais profundo desejo de servir à causa da inteligência, é que atribuo, se não estou enganado, os motivos predominantes da vossa escôlha, senhores acadêmicos.

Como quer que seja, entre as mercês que agora vos sou devedor, por gesto de tanta magnitude para o meu espírito e para as minhas mais profundas reservas de conhecimento e

gratidão, ressalto a de me terdes proporcionado longos meses de intimidade, cada vez mais agradável e útil, com a vida e a obra de João Capistrano de Abreu, o grande historiador que o meu ilustre antecessor, em momento inspirado, escolheu para patrono da sede que venho ocupar neste sodalício.

Sôbre êle, portanto, no cumprimento de disposições estatutárias, incumbe-me alongar êste discurso.

* * *

A revelação dominante, para todo aquêles que se detêm no exame da obra e da vida de Capistrano de Abreu, é que, com o historiador cearense, a historiografia e a história de nossa pátria adquiriram rumos definitivos de interpretação e de método.

Seu trabalho notável e original, de exposição, como historiógrafo e de interpretação, como historiador, arrimado na robusta cultura do sociólogo, do etnólogo, do geógrafo e do crítico, conferem-lhe um papel e um lugar de tamanho relêvo, na história da literatura brasileira, nos domínios particulares de investigações e estudos a que dedicou tôda a sua vida, que, pode-se afirmar, sem incorrer em qualquer exagêro, ter sido Capistrano uma das figuras de maior realce que já apareceram no cenário cultural brasileiro.

Foi um grande homem, não resta a menor dúvida, um homem excepcional, cuja erudição e saber, a serviço de uma obra histórica e literária das mais vastas e valiosas já produzidas no Brasil, deram transparência e beleza à sua vida, e à função por ela desempenhada na nossa história literária.

Quais os caminhos que o conduziram a tão invejável pedestal de glória?

Em primeiro lugar, a completa reviravolta que se operou no pensamento histórico, promovida e realizada por Capistrano, com a idade apenas de 25 anos, logo depois de sua transferência da província natal para a metrópole.

Isso se deu em 1878, com a publicação do necrológio do Historiador Adolfo Varnhagen, nas edições de 16 a 20 de dezembro do "Jornal do Comércio".

Dois anos antes, em 1876, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, emérito historiador e membro do Instituto Histórico, pronunciara uma conferência de larga repercursão, subordinada ao título: "Como Escrever História Pátria", na qual fixava os

rumos da historiografia brasileira, definindo o seu conceito, sua posição no Brasil, apontando, com a imponência de um **magister**, suas figuras representativas.

Para êle, depois de Rocha Pita, sòmente dois historiadores tinham sabido dar desempenho cabal à sua missão: Robert Southey e o Conselheiro Pereira da Silva. Sòbre Varnhagen, fez incisivas restrições para concluir com êste pálido elogio: "Se como investigador de fontes históricas tem méritos, como historiador as suas obras HISTÓRIA GERAL DO BRASIL e HOLANDESES NO BRASIL o não realçam".

Contraopondo-se, frontalmente, a essa opinião, expende Capistrano, naquêle necrológio, a sua, verdadeiramente revolucionária: "E' difícil" — afirma — "exagerar os serviços prestados pelo Visconde de Porto Seguro à história nacional, assim como o esfôrço que fez para elevar-lhe o tipo. Não se limitou a dar o rol dos reis, governadores, capitães-mores e gerais, a lista das batalhas, a crônica das questiúculas e intrigas que referviam no período colonial. Atendeu sem dúvida a êstes aspectos, a uns porque dão meio útil e empírico de agrupar os acontecimentos, a outros, porque rememoram datas que são doces ao orgulho nacional, ou melhor esclarecem as molas que atuam sòbre as diferentes ações. Fez mais. As explorações do interior, a cruzada cruenta contra os tupís, o aumento da população, os começos da indústria, as descobertas de minas, as obras e associações literárias, as comunicações com outras nações, assumem lugar importante em sua obra".

Promovia, assim, o jovem escritor cearense, que ainda não havia atingido os degraus mais altos da fama de historiador, sòmente mais tarde alcançados, a reabilitação de Varnhagen, logo depois reputado como o maior historiador brasileiro. E' que o Visconde de Porto Seguro representava bem, para êle, o tipo completo do investigador da nossa história, aquêle que elevava a historiografia à sua mais alta expressão à época, por isso que, suas realizações, comparadas às dos seus predecessores ou contemporâneos, muito se lhes avantajavam. E isto afirma, ao mesmo tempo em que submete a historiografia brasileira, antes e depois da passagem de Varnhagen, a um exame crítico completo, minucioso, em que as qualidades dos estudos até então feitos, bem assim suas deficiências e lacunas são apontadas com o rigor, a precisão e a amplitude de um autêntico conhecedor do assunto.

Sua superior e original visão da história do Brasil, êle expõe e discute em "Uma grande idéia", trabalho aparecido em 1880.

É um artigo em que mostra, divergindo do conceito então dominante, as fraquezas e falhas de historiadores como Joaquim Manuel de Macedo, Pereira da Silva, Moreira Azevedo e outros, ao mesmo tempo extravasando seu entusiasmo por estudiosos do porte de Ramiz Galvão, Vale Cabral, seus colegas na Biblioteca Nacional, Beaurepaire Rohan e Silvio Romero.

Tarefa ingente, não há negar, para a qual recebera o impulso inicial e indispensável durante os seus estudos no Ceará, e sua curta estada no Recife, onde ainda encontrou luminosa tradição de luta nas esferas do pensamento e da literatura.

Acompanhemos, para melhor compreender essa amissão, a trajetória luminosa do grande historiador, focalizando o início da sua formação no adusto Nordeste e os seus longos anos, de proveitoso labor cultural vividos na metrópole.

O berço de nascimento de Capistrano foi Columiniuba, localidade pertencente ao município de Maranguape, no Ceará.

Foi um autodidata, na mais lídima significação da palavra. Mestres não os teve realmente, e das lições ouvidas durante os cursos que frequentou, desde menino, recebeu, quando muito, sugestões para continuar no estudo persistente dos assuntos de sua predileção, livre da tutela dos seus professores.

Estudou as primeiras letras no torrão natal.

Depois dessa fase, esteve três anos em Fortaleza, como aluno do Colégio de Educandos, dirigido pelo Padre Antonio Nogueira de Braveza. Em seguida, estudou no Ateneu Cearense, e, em 1865, justamente com o mais tarde famoso e celebrado vigário de Joazeiro, Padre Cícero Romão, matriculou-se no Seminário Episcopal do Ceará. Em tôdas essas escolas ou estabelecimentos de ensino, jamais destacou-se, quer pela dedicação aos estudos, quer pela aplicação.

No livro de matrícula daquele seminário, segundo depõe um dos seus mais ilustres biógrafos, em 1866 foi feito a seu respeito a seguinte observação: "aconselhado ao pai do referido aluno que o retirasse por algum tempo, a fim de emendar-se de sua preguiça e vadiagem".

E de uma conversa ouvida a seu respeito, houve quem recolhesse, partida do Padre Pedro Chevalier, reitor do Seminário, esta explosão de dúvida cruciante: "Eu tenho medo que esse menino não venha ainda a fazer muito mal à igreja".

Capistrano era, realmente, um menino de comportamento estranho. Basta que se leia êstes versos, capazes de incutir

vivas preocupações no espírito daquêles a quem interessava a sua formação, seus pais e mestres :

"Sou filho do calor, odeio o frio,
Não tenho medo do diabo nem de santos".

Mas o menino de Columinjuba era menos um garoto problema, como hoje o consideraríamos, do que um temperamento introspectivo, esquisotímico, dêsses que só se sentem bem vivendo **ou dessus de la melée**.

A sua preguiça e vadiação, que tanto inquietaram os padres do Seminário, resultavam de êrros de apreciação, da parte de quem não podia ou não sabia penetrar nos recônditos de uma alma em ebulição, nos escaninhos de uma inteligência ávida de saber, mas que fugia do convencional dominante no âmbito escolar, para melhor alçar os vôos da mente.

Não admira, pois, que de volta à casa paterna, ao deixar aquêle educandário, fôsse Capistrano tratado por seu pai com rigor implacável, chegando mesmo a ir para a enxada.

Houve quem visse o futuro grande historiador, certa vez, prêso ao tronco em que eram castigados os escravos.

Mas essa severidade não durou muito. O coração de pai, como o de mãe, é capaz de estimular intuições transfiguradoras.

Capistrano a êsse tempo era visto constantemente entregue a leituras, amando o contato com a natureza, entusiasmando-se pelos rios, pelas árvores, pelos pássaros do céu.

Seu pai compreendeu, intuitivamente, que o filho era um temperamento diferente e deixou-o cumprir seu destino.

Em 1869, encontramos-lo em Recife, onde passou dois anos, estudando preparatórios. Foi uma estada de grande importância para a formação do escritor. Ai depara um meio cultural em plena efervescência, do qual participam intelectuais do mais alto coturno, filósofos, historiadores, romancistas, juristas, poetas. Na frente dêsse grupo iluminado e respeitável encontram-se Tobias Barreto, Silvio Romero, Araripe Junior, Joaquim Nabuco, Sancho de Barros Pimentel, Lacerda de Almeida, Martinho Garcez, Celso de Magalhães, para não citar outros. No ceu de Recife ainda se percebia os clarões da tradição de Castro Alves.

Foi aí, nêsse ambiente da seiva nova, vivendo os seus intelectuais impulsos irrefreáveis, em que se derrubavam tabus, decretava-se a morte de ídolos caducos, sorvia-se, em longos

austos, uma cultura profunda, que Capistrano recolheu as impressões marcantes para o seu espírito também dominado pela ânsia renovadora.

Na sua volta do Recife, havia se incorporado ao grupo que em Fortaleza fundou a Academia Francêsa, sodalício literário de existência fugaz (1873 e 1875), mas do qual participavam moços de grande talento, como Amaro Cavalcanti, Xilderico de Farias, Felinto Barroso, Tomas Pompeu, João Lopes. Os anais da história registram, porém, como afirmações mais esplêndidas dessa plêiade de idealistas, o próprio Capistrano, Araripe Junior e Rocha Lima.

Chegou a oportunidade de revelar a excepcional medida da sua cultura literária, verdadeiramente impressionante para um adolescente, com a conferência que pronunciou em 1875 em Fortaleza, sob o título: "A Literatura Brasileira Contemporânea".

Trata-se de uma análise quantitativa da nossa literatura, encarada nos seus aspectos palpitantes, alguns dos quais até então desprezados dos críticos, na qual se depara a influência impressiva das leituras de Taine, Bukle e Spencer. Revela-se aí um crítico erudito e de notável largueza de vistas, oferecendo perspectivas por onde se poderia antever, sem dificuldade, o prodigioso conhecedor de nossas coisas, que mais tarde grangearia a justa fama de nosso maior historiador.

No Rio

Fortaleza, todavia, tornava-se pequena, para comportar o intelectual e suas desmedidas ambições. Era preciso transportar-se para a Meca dos homens de letras da época.

Capistrano chega ao Rio em abril de 1875. Seu peito infla de ideais iluminantes. Sua cabeça pende sob o peso das alevantadas aspirações que o impelem à aventura nêsse mundo novo e tão desejado.

Vencer, não seria fácil, mesmo para quem, como êle, vinha forrado de positivo valor intelectual.

Mas suas atividades vão se sucedendo e os trabalhos se desdobrando. De 1876 a 1879, ensina no Colégio. Em 75, estréia no Globo, com a publicação de umas conferências que pronunciara na Escola Popular do Ceará.

Fato de grande importância para a sua vida e a sua formação, entretanto, seria o ingresso na Biblioteca Nacional, em

1879, que logo lhe daria oportunidade de participar de uma das mais soberbas realizações dessa instituição: o Catálogo de Exposição de História do Brasil.

Na Biblioteca encontraria o escritor cearense o seu grande laboratório de estudos e as condições mais propícias ao desenvolvimento e aprimoramento da sua cultura.

Mais uma nova aspiração, logo depois, passa a dominá-lo. Era uma aspiração, aliás, comum aos grandes homens do seu tempo: a de ser lente do Colégio Pedro II.

A conquista, brilhante, da cadeira de Geografia e História do Brasil, não foi fácil. Teve de suplantar concorrentes fortíssimos, como era o caso de João Maria da Gama Berquó e de enfrentar examinadores prevenidos contra êle e tais eram Matoso Maia e Moreira de Azevedo, que tudo fizeram para confundí-lo, mas conseguindo apenas que o candidato, cuja defesa de tese fôra assistida por D. Pedro II, os levasse de vencida, mostrando uma cultura muito superior à dêles.

O magistério, porém, não iria trazer a Capistrano os estímulos com que sonhou. Logo se enfatiou com o currículo escolar e parece ter ficado satisfeito quando, alguns anos depois, por extinção da sua cadeira, foi colocado em disponibilidade remunerada, na qual conservou-se até a morte.

Contribuição à cultura e à História

Capistrano revolveu tôda a cultura nacional e deixou uma contribuição tão duradoura no terreno de várias ciências como a geografia, a etnografia, a linguística, a antropologia, o folclore, mas principalmente a história, que sua posição é uma das mais privilegiadas na história da nossa literatura.

Além de sua notável erudição sôbre coisas brasileiras, dominava várias línguas, lendo-as com facilidade, dentre elas o alemão, que lhe facilitavam o encontro com os mestres estrangeiros no original dos seus livros.

O Brasil, em todos os seus quadrantes, nos aspectos palpítantes da sua vida, não tinha segredos, para êle. A própria Amazônia, no seu conjunto geográfico, social, econômico, histórico, etnográfico e etnológico, êle conhecia profundamente.

Com Capistrano, a historiografia brasileira renovou-se, adquiriu conceito calcado em novas aquisições da cultura. Com êle, se substitue o conceito de raça, então dominante nos estudos brasileiros, pelo de cultura.

Sua obra, como já foi observado por alguns, poderia ter sido mais ampla.

Mas o que escreveu, o material disperso que reuniu, dando-lhe uma interpretação exata; os ensaios que nos deixou, suas monografias, comentários e apresentação de trabalhos estranhos; as traduções e artigos publicados na imprensa: constituem produção valiosíssima, estudo verdadeiramente sistemático e metódico da vida brasileira, no conjunto, o mais precioso subsídio já indicado a uma mais lúcida compreensão da nossa história.

E' o que deparam todos os que se defrontam com **OS CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL, OS CAMINHOS ANTIGOS, O POVOAMENTO**, as edições críticas de **HISTÓRIA DO BRASIL**, de Frei Vicente do Salvador e da História Geral do Brasil de Varnhagen, o **Rã-txa-uni-huin**, no qual foram reunidos, com a gramática, os textos e os vocábulos dos Caxinauas, estudos êsses feitos através de informações arrancadas, pacientemente, de dois índios que um amigo lhe levava das selvas acreanas; o prefácio às **Notas sôbre o Paraíba**, de Irineu Joffily, as traduções da **Geografia do Brasil**, de Selin, da **Geografia do Brasil**, de Wappaeus; os artigos posteriores reunidos no livro **DO RIO DE JANEIRO A CUIABÁ**, da autoria de Herbert Smith, o **Homem e a Terra**, de Kirchof, os comentários ao **Clima do Pará**, de Emílio Goeldi, encontram um verdadeiro manancial de informes, de interpretação exata e científica da vida brasileira.

São trabalhos que definem um historiador de polpa, um iluminado renovador da nossa cultura histórica.

Como viveu Capistrano ?

Alguém já disse que sua biografia poderia ser resumida nesta frase: **um homem que estudou**. Estudou como e onde? Já vimos que, depois de chegar ao Rio, ingressou na vida pública como funcionário da Biblioteca Nacional. Êsse foi o seu primeiro grande ambiente de estudo. Depois da disponibilidade, como professor do Pedro II, na sua residência da Travessa Honorina, em Botafogo, é que estabeleceu o reduto por excelência dos seus estudos e meditações.

O lugar preferido, onde permanecia a maior parte do seu tempo, depois que deixou de dar aula, era o porão residencial. Nêle vivia sentado em uma rêde, hábito que trouxera de seu quente Nordeste, de dolman cáqui e sempre descalço. O chinelão estava ali por perto. Com um livro à mão e rodeado de outros, em tôda a extensão da sala, em desconcertante desarru-

mação, era assim que o encontravam os que tinham a ventura de participar da sua relação de amizade. Vivia como um sábio. Não se interessava por muitas amizades e as que possuía eram, geralmente, homens de grande cultura ou estudiosos de história, que nêle encontravam superior satisfação e deleite, pelo vivo da sua palestra, erudita, amena, culta e sábia.

Assim tornou-se um verdadeiro fulcro, um canalizador de atenções, para os que se interessavam pelos estudos em que era mestre erudito e incontestável. Um homem original, no ser e no viver. Não era extenso, contudo, o número dos seus desafetos. Mas possuía algumas ojerizas e antipatias que o fizeram divergir, sem plausível explicação, de homens e fatos com posição definida no consenso nacional.

Rui Barbosa, por exemplo, pertencia ao rol daquêles que não atraíam o calor da sua simpatia.

Tiradentes, no plano histórico, foi outro que não conseguiu atrair o seu interêsse de estudioso, tanto que subestimou o valor da Inconfidência na sua História Colonial.

Outra ojeriza comum ao seu espírito era a das sociedades literárias e reuniões sociais.

Só tolerava uma reunião, a dos da sua família e a dos amigos, na sua casa.

A única sociedade literária ou cultura a que pertenceu, foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. À Academia Brasileira de Letras, não pertenceu. Recusou o convite de Machado de Assis, alegando que já pertencia a uma grande sociedade, a humana, sem para isso ter sido consultado.

O CULTO DA AMIZADE

A agressividade e a higidez, expressões comuns do caráter do historiador cearense, não impediam que se deixasse dominar, para com aquêles que privavam da sua amizade, de iluminantes traços de emoção e até de ternura. Sabia ser amigo como poucos e inspirava amizades profundas.

Graças a essa outra constante do seu estranho temperamento conseguiu reunir, no círculo das suas relações, valores dos mais altos da inteligência brasileira dos fins do século passado.

Dêsse grupo privilegiado, basta que recorde Machado de Assis, Eduardo Prado, Pandiá Calogeras, Mário de Alencar, Leopoldo de Bulhões, Pedro Lessa, Martins Francisco, Domicio

da Gama, Afrânio Peixoto, José de Alencar, Rocha Lima, Afonso de Taunay, todos formando uma galeria de rútilos e fascinantes espíritos, da maior projeção na inteligência brasileira.

VISTO PELO ESPÍRITO ANEDÓTICO

Sôbre a vida de Capistrano de Abreu, marcada por tanta excentricidade involuntária, como projeção natural do seu espírito em contubérnio ininterrupto com o saber e as investigações históricas, formaram-se algumas lendas e as perspectivas nem sempre corretas do tempo construíram farto anedotário, que, se bem que de autenticidade duvidosa, em vários de seus passos, se harmoniza, todavia, com a personalidade do historiador.

São episódios, ora provocados pela sua despreocupação às conveniências sociais, ora pela sua malícia, muitas vezes ferina, agressiva, contundente.

Tipo da resposta maliciosa foi a que dizem ter dado a Afrânio Peixoto. Encontrando-se com êste, certa vez, pergunta Capistrano :

— Afrânio, por que anda você a perder tempo com Camões ?

Afrânio Peixoto, que era um devoto de Camões, logo reagiu, jeitosamente :

— Com Camões não se perde tempo, Capistrano. Até você já provou. Já fala de São Camões. Agora mesmo o fazem rei e já escreveram — "el-rei Camões".

Capistrano não demorou na resposta, ferina, ainda que sutil :

— Em terra de cego quem tem um olho é rei. . .

Doutra feita, algum amigo o encontrou triste e perguntou-lhe a razão.

— Ora, você imagina a descoberta que acabo de fazer. A mãe de Frei Vicente do Salvador, cuja obra eu ando revendo com tanto carinho, não era uma mulher honesta. Que pena ela agir assim possuindo um filho tão ilustre. Essa descoberta me entristece. . .

Conhecida era a formação espiritual de Capistrano, como livre pensador. Isso o afastou da religião católica, aliás de tôdas as religiões. Mas não tanto, como muitos pensam. O certo é que se encontrando gravemente enfêrmo, seu amigo Dr. Felício

dos Santos, íntimo da família, ao visitar-lhe, sugeriu, delicadamente, sua reconciliação com Cristo, através dos Santos Sacramentos. Com o pensamento voltado para sua filha Honorina, irmã de caridade, êle respondeu sorrindo :

— Ora, Felício, eu sou mais amigo de Jesus do que você. Somos íntimos, na verdade, pois até meu genro êle é !

Muitas outras anedotas correm a seu respeito, como aquela da prevenção com as pessoas que escreviam Brasil com *z*; a que traduzia a sua inteira displicência no trajar. Esta última, de fato, parece revestir-se da maior autenticidade. Viajava Capistrano num bonde, com um livro à mão, lendo despreocupadamente, quando foi advertido pelo cobrador da impossibilidade de continuar alí, pois estava sem gravata.

— Absolutamente, — respondeu. Pode procurar no meu pescoço que a encontra.

Realmente, muito displicentemente tinha deixado, sem se incomodar, a gravata virar para trás, escondida na gola do paletó.

A êle, finalmente, se atribuem os dois artigos do decreto com que, no seu entender, poderia ser salvo o Brasil :

“Art. 1.º — De hoje em diante os brasileiros passam a ter vergonha.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário”.

* * *

Capistrano foi dos que tiveram a sorte de ser bafejados em vida pela aura fulgurante da fama, nos domínios do saber a que applicara sua inteligência. Se não conheceu a glória de ser considerado o maior historiador brasileiro, que lhe viria logo depois de sua morte, pelo menos, prelibou-a, tão expressiva foi a torrente dos que, no correr da sua fecunda e luminosa carreira, lhe exaltaram em críticas consagradoras as privilegiadas qualidades de escritor.

Dentre os que lhe exaltaram a obra e a cultura, situando-o como das mais puras glórias nacionais, estavam Pandiá Calógeras, grande humanista, homem de estado, historiador honestíssimo e João Ribeiro, igualmente grande escritor e historiador.

Ambos privaram da amizade e da intimidade do historiador cearense. Mas o conceito lisonjeiro, honroso, que tinham de Capistrano, não se alterou, depois do desaparecimento dêste.

Para Calógeras, amigo de 40 anos, Capistrano aparecia como "pensador para elites; mestre dos mestres".

João Ribeiro, falando no dia do seu falecimento, afirmou: "Desde que o conheci, há quarenta anos, aprendi a venerá-lo com a mais estranha admiração. E nele não admirava apenas o sábio-mestre, mas o homem despido de tôdas as vaidades".

Roquete Pinto, José Veríssimo, Saide Alí, Jonatas Serrano e Pedro Gomes de Matos, este, seu mais recente biógrafo, situaram-no em lugar da maior projeção na historiografia brasileira.

Do impenitente crítico Agripino Grieco, mereceu Capistrano estas considerações: "Não obstante as pilhérias e os epitáfios maldosos com que as comadres linguarudas de porta de livraria procuram cobri-lo de ridículo, seu nome resistiu e é hoje uma das honras da nossa cultura".

Para Tristão de Ataíde, tendo sido o mais pessoal dos homens, foi o mais impessoal dos historiadores".

"Aquêles que possuiu, como nenhum outro, o faro do fato, o senso incomparável do concreto".

Finalmente, grande é o número dos escritores de nomeada que he exaltam a obra e a personalidade marcante. Citarei apenas mais um, por sinal, dos nossos, o historiador Artur Reis, que, recordando em memorável conferência como chegara à intimidade do mestre, conduzido à sua casa da Travessa Honarina pela primeira vez, por Castro Monte, meu ilustre antecessor na cadeira que espero ocupar nesta Academia, fala dêle como de um sábio, modesto e iluminado, de prodigiosa cultura, para quem o passado brasileiro, nos seus múltiplos aspectos sociais e geográficos, não têve segredos.

Uma luz que se apaga

Capistrano nasceu em 23 de outubro de 1853 e morreu, aos 74 anos, a 13 de agosto de 1927.

A grande, a maior paixão da sua vida, era a leitura. Possuidor de compleição robusta, gozando boa saúde, nunca lhe fugiu essa paixão.

Lia, principalmente, sentado à sua querida rêde. Com essa norma de aprender, pôde armazenar uma das mais robustas culturas dêste país. Nêsse plano, suas alegrias foram sempre continuadas. Nunca sofreu, no mundo das letras, decepções desencorajantes. É que possuía a resistência física e moral de

um gigante. Mas o gigante não escapou às contingências muitas vezes dolorosas e cruciantes da vida.

Assim, no correr daquêles proveitosos 74 anos, sofreu alguns rudes golpes que lhe amofinaram, passageiramente, o ânimo forte. O primeiro foi quando perdeu sua esposa, que deixou na orfandade cinco crianças. Era uma companheira inseparável, compreensível e bôa, que muito estimulava o escritor no seu trabalho. Foi em 1891. Tinha ela apenas 31 anos de idade. Seu filho Henrique, aos 13 anos, é-lhe também, roubado, pelo tifo.

Em 1913, sua filha Honorina, que era o braço direito, em casa, entra para o convento. O afastamento da filha produziu-lhe profundo abatimento. Passava noites a fio sem dormir, andando pelo quarto, pensativo. Interpretou a saída de Honorina do seio da família, como "uma desapropriação em favor da Igreja".

Outro rude golpe, o último que o destino lhe reservara, foi a morte do filho Fernando, a quem com ternura chamava de Abril, ocorrida em 1918.

Tentando conformar o pai dêsse doloroso lance, Honorina, do convento, enviou-lhe duas estrofes imitativas de Goethe, que assim começam: "**Wer nie sein Brot mi Thränen ass?**" — Quem nunca comeu seu pão com lágrimas?" Os versos lhe provocaram esta reflexão lacinante: "Por que há de haver remédio a todo mal na terra?"

O tempo incumbiu-se de sedimentar no seu coração a fatal conformação. E continuou a trabalhar, visitado, constantemente, pelos amigos que sentiam satisfação intelectual indizível em privar com o sábio mestre, na Travessa Honorina.

A morte apareceu-lhe sorrateira, disfarçada numa bronco-pneumonia. Capistrano fôra sempre resistente aos impactos físicos da doença. Raramente se queixava, quando adoentado. Desta feita, a côr dos olhos denunciava a doença, que o dr. Machado Portela, depois de examiná-lo, diagnosticou, apontando-lhe a gravidade.

Mas chegara o momento em que a luta contra a natureza se mostra inútil, pois que dela saíria a vitória final. Iria tombar o gigante. Miguel Couto e outros médicos de nomeada, tentaram salvá-lo, sem êxito. A casa de Capistrano regorgitava de amigos, todos dominados pela tristeza que anunciava o desfêcho sempre desconcertante. Não há quem se conforme em ser a morte a solução para o problema da vida. Infelizmente

essa é a única, como assinalava Schopenhauer, o profeta do pessimismo moderno. Vendo o fim que se precipitava, Calógeras leva o Padre Leonel Franca até a casa do amigo. O moribundo falou-lhe apenas do Pe. Madureira, autor da obra "A liberdade dos Índios e a Companhia de Jesus". E nada mais foi ouvido dos seus lábios. No dia seguinte, às cinco horas e vinte e cinco minutos, apagava-se para sempre a luz que iluminava aquêle grande espírito.

Seus amigos e familiares compareceram ao seu entêrro, participando do cortêjo fúnebre que desceu do Largo dos Leões para a rua dos Voluntários, formado de pessoas de tôdas as classes sociais. Todos seguiam silenciosos, de cabeça baixa, alguns de olhos úmidos, dentre êles dois Índios, que o morto ilustre criara como filhos. Iam conduzí-lo à sua última morada. Houve discursos.

Depois do entêrro, outras homenagens, em associações diversas, foram prestadas ao historiador. Era o comêço da sua immortalidade. Sua entrada na história.

Nenhuma, porém, mais enternecida, mais comovente, do que aquela, feita através de belos versos, por Soror Maria José de Jesus, sua filha Honorina, monja abadessa do convento das Carmelitas Descalças, cujo fêcho cintila com clarões da mais pura beleza cristã.

"Ah! quanto te custei!... quanta dor, quanta lida,
Desde teu quente estio até teu frio inverno!
E agora dá-me a mão... É noite. Vem comigo!
Vem que eu te levarei a Jesus, teu amigo,
Que te espera... Oh! dize-me que sim!
Foste meu pai e eu tua mãe serei agora...
Dar-te-ei a eterna luz de que me deste a aurora,
Dar-te-ei por esta vida — a vida que é sem fim".

Senhores Acadêmicos :

É chegado o momento de terminar êste discurso, com o qual agradeço ao destino a oportunidade que me destes, de vir participar da vossa honrosa companhia.

Porque o certo é que no verdadeiro espírito literário, êste cujo fôgo sagrado ilumina e alimenta as tradições desta casa, alguma coisa existe superior às divergências individuais, às preferências de ocasião, alguma coisa que participa da natureza

do necessário, do permanente, do eterno, do ideal que caracteriza a inebriante imortalidade de que participais. Por isso que Montesquieu, o imortal pensador francês, que fazia tantas restrições a Richelieu, o grande ministro de Luiz XIII, reconheceu, apesar disso, na Academia Francesa, por êle fundada, "a porção mais durável da sua glória".

Agradeço-vos, igualmente, terdes contribuído para aumentar minha alegria dêste momento, escolhendo para me receber, justamente aquêle em cujo jornal, reduto admirável da consciência jornalística dêste extremo norte — o vespertino A Tarde — eu iniciei minha já tormentosa carreira de jornalista, através de uma colaboração que fiz chegar até lá, pelas mãos do saudoso e fulgurante Leopoldo Péres.

Como jornalista, incontestavelmente, nenhuma afinidade de pensamento e de emoções poderia encontrar mais acentuada, do que no princípio dos homens de imprensa desta terra, e, incontestavelmente, o seu maior turibulário.

Que, enfim, os clarões ofuscantes da vossa generosidade para comigo e a beleza espiritual desta festa, com os demais motivos já mencionados, sirvam para inspirar-me, com as bênçãos de Deus, de modo a continuar a merecer vossa estimulante confiança.

Idéias gerais sôbre a ecologia do homem amazônico

DJALMA BATISTA

Louvando o espírito empreendedor e corajoso da mocidade universitária brasileira, e numa homenagem de apreço àquêlê espírito e a esta mocidade, aqui me tendes, humilde e sincero, para debater em vossa semana de estudos, um assunto sugestivo em relação à Amazônia. Trago-vos algumas idéias gerais sôbre a ecologia do homem regional, isto é, sôbre as relações entre o homem amazônico e o meio ambiente.

A inter-ação homem-meio é de longa data conhecida e discutida, sendo conceituada magistralmente nos primeiros capítulos do famoso livro de Araújo Lima, "Amazônia, a Terra e o Homem".

E' verdade que o homem influi sôbre o meio, domina-o, dirige-o : isto porém quando quer, ou quando pode. . . Também é verdade que na Amazônia o homem tem influido negativamente sôbre o meio, e nem sonhou de dominá-lo quanto mais de dirigí-lo.

Um dos fatos de maior relevância na evolução social da planície é o do povoamento. No princípio os habitantes eram indígenas : veio o conquistador com suas mazelas, sua ambição, suas doenças, sua violência, e populações inteiras ou fôram dizimadas, ou abastardadas, entrando umas em processo de precário acultramento, enquanto outras fôram a pouco e pouco desaparecendo. Nessas áreas indígenas, exceção feita a Santarém e Marajó, onde se recolhem amostras de uma cerâmica realmente artística, havia uma primitividade espantosa : enquanto a Oeste viveram e progrediram os Inkas, na planície não

(*) Conferência pronunciada em agosto de 1961, no Teatro Amazonas, a convite dos estudantes que promoveram uma Semana de Estudos e Debates.

houve condições ecológicas para a formação de uma civilização, no verdadeiro sentido da palavra.

E nos trezentos e tantos anos de colonização por brancos e mestiços, ainda não se criou uma população numericamente suficiente para encher o proclamado vazio demográfico, merecendo destaque a atitude do governo luso, **in illo tempore**, de fomentar o povoamento, para garantir a posse e a exploração da Amazônia.

Os números dos Recenseamentos aí estão, mostrando que se o crescimento da população amazônica está praticamente na mesma proporção do crescimento da população do Brasil, os números absolutos revelaram em 1960, 2.601.519 e 70.967.185, respectivamente, com uma densidade de 0,73 e 8,39 para a região norte e o país todo.

Fatores ecológicos explicam êsse marca-passo demográfico. Esses fatores são de 4 ordens : climáticos, topográficos, edáficos e bióticos, que tentaremos analisar de relance, sem nenhum espírito derrotista, apenas buscando indicações na ciência, para orientação das soluções, próximas ou remotas.

Sabe-se que a Amazônia, conquanto situada no Equador geográfico, não possui as mais altas temperaturas do planeta, porquanto o Equador térmico passa mais para o Norte, na altura do mar das Caraibas. Acontece porém que a constância da temperatura média, em torno de 30°, especialmente nas cidades, cria aquela depressão de espírito que todos nós vimos experimentando nestes dias de estiagem interminável... As variações entre as máximas e as mínimas não são grandes, ao ponto de justificarem a aplicação na Amazônia do velho conceito de que "a noite é o inverno do trópico". O que salva, paradoxalmente, é a chuva, que agrava, por outro lado, o problema da humidade, cuja elevação é responsável pela maior cota de desconforto ocasionado pelos fatores climáticos. Há que contar também a pressão atmosférica, cuja baixa a números entre 750 e 755mm. de mercúrio, dá a esquisita sensação de esmagamento que todos sentimos, por exemplo, na hora da aproximação dos temporais. Acrescente-se aos fatores climáticos o ensolejamento, que purifica o ar, porém cresta as plantas e desidrata, pela sudorese, os animais superiores, elevando a temperatura a quatro, cinco e mais graus quando sob a ação direta de seus raios.

Teríamos, para vencer ou minorar a ação de fatores tão decisivos, de modificar, para melhor, as condições ecológicas : trabalhar em horários mais próximos do nascer do sol, quando os raios emitidos (ultravioletas) são particularmente de natureza

química, ao contrário dos da segunda metade do dia, que são essencialmente caloríficos (infravermelhos). Teríamos então, perfeitamente justificados dois horários de atividade: um no princípio da manhã, e outro no fim da tarde, completando o número de horas exigidas dos homens produtivos no mundo inteiro. Outra modificação imprescindível, imposta pelo meio, está no abrigo da família ou do grupo humano que trabalha, e no abrigo do próprio corpo humano: isto é, uma revolução se exige, na casa e no vestuário. Estudar a ventilação, o ensolejamento, a posição das janelas — eis um desafio aos arquitetos da Amazônia: transformar os hábitos do vestuário, eliminando peças inúteis, substituindo os tecidos das roupas, talvez até encurtando as calças e as mangas, como fazem os europeus nas colônias da África e da América Central — eis aí o que precisa ser feito, ou a exigir que alguém tenha coragem de fazê-lo... Já salientei de uma feita que o primeiro passo foi dado: em lugar dos fraques e sobrecasacas de casemira inglesa, de uso cotidiano no princípio do século, evoluímos para os blusões esportivos dos nossos dias.

Em suma, não poderemos, senão muito modestamente, alterar os fatores climáticos da Amazônia, instalando condicionadores de ar em recintos limitados. Para superá-los portanto teremos de adaptar-nos, e com urgência.

O segundo grupo de fatores ecológicos diz respeito à topografia. E a Amazônia é a imensa planície — a maior do mundo, levemente ondulada, fundo de um velho mar interior barrado a Oeste pelos contrafortes andinos, e contido ao Norte pelo Sistema Parima-Guiano e ao Sul pelo Planalto Brasileiro. É essa situação topográfica que explica por que, sob a linha do Equador, em Quito, tremi de frio com 13° de temperatura, e em Macapá me afogueei com 26-28°... Disseram-me recentemente em Belém que do 15.º andar dos novos edifícios da capital paraense, para cima, não se vive mais em clima tropical. É evidente que ninguém poderia propôr a residência da população a 50 m. acima do nível do solo, mas situar os bairros residenciais nos logares de maior altitude, utilizando a proteção de arvoredos, será uma indicação lógica e perfeitamente realizável.

Quanto aos fatores pedológicos, temos pela frente um dos mais discutidos assuntos dos trópicos: a pobreza dos solos, agravada pela lixiviação ocasionada pelos aguaceiros, conduzindo à erosão fatal.

Nêste ponto é preciso falar com prudência: não bem conhecidos são ainda os perfis pedológicos da Amazônia. Assisti

recentemente à abertura de vários, no Baixo Amazonas, nas terras pretas de índio de Santarém, no diabásio de Monte Alegre e Alenquer, no latossolo vermelho de Macapá. As amostras colhidas fôram distribuídas a 6 institutos do Brasil, para comparação dos resultados. Em Manaus estão se fazendo levantamentos na Reserva Ducke e na estrada que demanda Itacoatiara, convindo acrescentar que não só o estudo físico-químico basta para caracterizar um solo : é preciso conhecer a sua dinâmica e esmiuçar os processos biológicos que nêle têm lugar, conhecendo-lhe a flora e a fauna, garantidoras dos processos de transformação da matéria orgânica e da fixação do nitrogênio.

O grande mal porém tem sido o desmatamento a esmo, para utilização da terra em culturas pouco produtivas, como a da mandioca, que cêdo exaurem, e em seguida às quais aparecem a capoeira e mais tarde a areia improdutiva, característica do terreno degradado.

Em princípio têm razão os que apregôam, como Felisberto Camargo, que a agricultura de subsistência, de plantas de ciclo rápido, deve se cingir às várzeas, ficando as terras-firmes para as culturas arbóreas, de essências florestais, de rendimento econômico certo, embora demorado, garantidor, porém da conservação do sólo e da fixação do homem. Edison Carneiro assegura, e ninguém sabe até onde tem razão, que mais importante para a Amazônia é a silvicultura que a agricultura. E o certo é que pouco se conhece sôbre as técnicas melhores de uma e outra . . .

Por conta dos fatores bióticos correm certamente as mais importantes causas impeditivas do bem-estar e da multiplicação do homem na Amazônia : alimentação escassa, doenças frequentes, pragas infernais.

Vejamos o panorama alimentar, separando os dois aspectos das capitais e do interior.

Nas cidades temos concentrada uma população numerosa : 350.000 pessoas em Belém, 160.000 em Manaus — ou seja a quarta parte dos habitantes dos Estados do Amazonas e Pará. A maioria dessa população é constituída de emigrados da hinterlândia, isto é, de gente que se deslocou em busca de melhores condições de trabalho, de regiões onde era produtiva, para se tornar consumidora nas capitais, onde o abastecimento é insuficiente, e o poder aquisitivo é baixo. Então formou-se, e constantemente aumenta, em Belém e Manaus, uma massa enorme de marginais, à procura de empregos públicos, para os quais não está intelectualmente preparada, ou vivendo de

pequenos negócios e de expedientes, já que o mercado de trabalho das duas capitais é por demais limitado : as famílias facilmente se desfazem, as mulheres se prostituem, as doenças se espalham, nas moradias improvisadas, sem higiene e sem conforto. E todos passam fome ou enganam o estômago.

Nas capitais escasseiam os alimentos proteicos : leite, ovos, carne e queijo; os mais comuns são o peixe e os feijões. Não temos soja, e não podemos comer a castanha do Pará (que tem proteínas de alto valor biológico) por ser um produto de exportação de grande preço. Com o peixe cometemos dois erros, que raíam pelo crime : pesca-se com dinamite, arrasando os cardumes ; e jogam-se fóra, com a sobrecarga da aspersion com creolina, as sobras do mercado, nos dias de fartura. . .

No interior, a alimentação é mais fácil, em certas épocas, pela utilização dos recursos naturais, da caça, da pesca e das colheitas dos frutos do mato. Tudo isto implica porém em desvio de horas de atividade, e num verdadeiro jôgo em que o fator sorte figura com destaque. A população está pagando por um erro consuetudinário : a dizimação dos quelônios na viração das praias, na coleta dos ovos e na captura das tartaruguinhas. O peixe-boi vem escasseando dia a dia. A caça, abatida não só para a alimentação, mas visando muitas vezes à pele, vendida a bom preço, também escasseia, diminuindo os bens da natureza em favor do homem, isto é, desfazendo o equilíbrio ecológico, contra o último.

Por tudo isto o homem do interior precisa de um espaço muito grande para coletar os seus alimentos naturais. O isolamento, nas condições atuais, é uma contingência ecológica. E como nem sempre consegue o bastante para sua manutenção, recorre aos enlatados, que têm um largo consumo na alimentação do interior, com tôdas as suas inconveniências, começando nas avitaminoses ou hipovitaminoses, que se instalam sorratamente, no decurso dos anos, até os episódios agudos das intoxicações alimentares e das gastro-enterites.

O sacrifício maior, na Amazônia, no entanto, é das crianças, que não dispõem de leite indispensável aos primeiros tempos de sua existência. O leite fresco, além de pouco, não resiste à proximidade das grandes caudais, e é diluído a concentrações homeopáticas : continua sendo verdade que a doutrina de Hahneman não se aplica à alimentação. . . O leite enlatado excede à capacidade aquisitiva da maioria da população. De sorte que resta o leite materno, que seria ideal, se as nutrizes fôsem suficientemente alimentadas para secretá-lo, em quanti-

dade e qualidade bastantes. Daí a alta mortalidade infantil, as doenças da primeira infância, os pré-escolares enfermigos — que deparamos a tãda hora. Já ví no interior criança de 6 meses comendo peixe com pirão...

Junte-se a isto a doença, destacando-se as parasitárias. Conhecemos a Amazônia como o paraíso da malária. Graças à ação profilática do DDT, aspergido nos domicílios, assistimos à sua decadência, e mercê de uma política sanitária bem orientada luta-se atualmente pela sua erradicação. Trata-se porém de uma doença tipicamente ligada ao meio. Lendo as memórias de Alexandre Rodrigues Ferreira, de fins do século XVIII, vamos encontrar descrições típicas de epidemias de malária, contrariando a tese de Goeldi, adotada por Araújo Lima, de que o anofelino tinha sido trazido à Amazônia com o navio a vapor. O anofelino, principalmente o famoso e famigerado **Anophelis darlingi**, de alta antropofilia, encontrou aqui o melhor ambiente possível: e vai espalhando, ainda hoje, perigosamente, os plasmódios malfazejos, que debilitam, anemizam e matam especialmente o homem do interior.

Leishmaniose, que também requer um hospedador intermediário para o parasito, é outra doença da hinterlândia: deforma, corrói, inferioriza o homem.

Enquanto a febre amarela citadina passou à história, a febre amarela silvestre, que tem nos macacos o seu reservatório, faz vez por outra sua aparição. E ao lado dela deparamos, em surtos frequentes, a hepatite a virus e a leptospirose ictero-hemorrágica.

Denominador comum das populações amazônicas, especialmente os interioranos, são os protozooses e helmintoses intestinais, destacando-se entre as primeiras a amebiana, e entre as segundas a ancilostomose: causas de muito sofrimento e concausas da debilitação geral. Todas doenças que a água tratada, as fossas sanitárias e o uso do calçado evitariam, isto é, doenças dos meios incivilizados.

Juntem-se ainda aos fatores bióticos, as pragas. Sobretudo os mosquitos, que têm nas águas estagnadas ou de pequena correnteza, e alguns até nas pequenas corredeiras, os seus criadouros por excelência. Nelson L. Cerqueira catalogou 218 espécies nas várias localidades da área amazônica. De dia, o homem é atacado pelos demoníacos piuns, pelos insuportáveis maroins e catuquís e pelas temíveis mutucas; à noite, pelas ondas envolventes de *Mansonia*, pela agressividade dos *Anophelis* e *Culex*, todos de insuportável capacidade sonorígena, quando

alcançam o ouvido. Além das doenças que alguns transmitem, são grandemente molestos pelas picadas e prurido subsequente (ferradura, no caso das mutucas) e por se insinuarem pelos ouvidos, olhos, narinas e boca.

Os ofídeos também comparecem, como elementos perturbadores do sossêgo e da segurança do homem planiciário: talvez nem tanto como no Sul, e nem tantas vezes peçonhentos como se supõe. Sempre temíveis, porém, por serem sorrateiros, de capacidade de constricção da parte do corpo atingida, além da repugnância que despertam.

Aparentemente a terra é rica, dadivosa, e fértil. Essa riqueza, porém, é representada pela floresta, que o homem explora desordenada e febrilmente, abatendo os melhores exemplares de madeiras de lei, para serraria; o caucho, a massaranduba, a balata e a ucuquirana, para coletar o leite; o pau-rosa, para apurar uma essência fixadora de perfumes; ou sangrando as árvores da borracha, para obtenção de um latex alvíssimo, que, segundo um grande escritor da Amazônia, se torna preto ao contato da ambição humana. Em verdade só a castanheira não é depredada: os seus frutos se colhem quando maduros e tombados ao chão, num puro trabalho de garimpagem suave. Todos esses produtos vegetais realmente criam riqueza, são dádivas da terra, ao lado dos da fauna terrestre e aquática, sobre cujo saque já falámos.

Dai porém a considerar a terra bôa como se apregôa, vai muito. Essa floresta exuberante — a maior atualmente existente no planeta — é de uma incrível heterogeneidade, e trabalhá-la constitui uma empêsa de Hércules ou de Sísifo. Sobretudo porque o labor se faz em condições primitivas, quase segundo as técnicas do índio.

A infração reiterada dos princípios ecológicos tem conduzido na Amazônia a uma série de fracassos, que rapidamente passaremos em revista:

— Colonização americana em Santarém, após a Guerra da Secessão — Os imigrantes sulinos, vindos para viver numa nova pátria, às margens de um Mississipi sul-americano, nada produziram, terminando acabocladados os seus remanescentes.

— Colonização nordestina da zona bragantina — É uma experiência dolorosa, realizada numa das melhores regiões da Amazônia, pela fertilidade do solo e pela proximidade de Belém, mercado natural para tôda produção agrícola. O desmatamento imoderado e as culturas mal conduzidas criaram uma extensa

área de terras degradadas, onde os colonos introduziram uma grave doença parasitária: a esquistossomose, que assola o Nordeste brasileiro. Na Bragantina sucedeu, aliás, um fato de suma importância científica: Sioli, com a sua percuciência de investigador, estudando as águas dos rios e igarapés da região, previu a possibilidade da irrupção de um foco da grave doença, por ter encontrado águas alcalinas e ricas em cálcio. Poucos anos depois foram encontrados os primeiros caramujos e um número apreciável de enfermos autoctones.

— Estrada de Ferro Madeira-Mamoré — Inscrevo esta importante realização, que tão caro custou, em dinheiro, em vidas e em sacrifícios, no passivo da Amazônia. A ferrovia, que Manoel Rodrigues Ferreira crismou de ferrovia do diabo, não teve o sentido colonizador que se esperava, nem o sentido econômico que lhe fôra atribuído. Nem a Bolívia teve produção gomífera ou gado bovino para exportar, através de suas linhas, nem os seringais brasileiros do Abunã, e da margem brasileira do Mamoré e Guaporé, tidos como dos mais produtivos, possuíram vitalidade para enfrentar a grande crise. E a estrada entrou em decomposição, até os dias atuais, quando se pensa em substituí-la por uma rodovia pavimentada.

— Colônias agrícolas federais — Após uma série de fracassos, o Governo Federal instituiu uma no Amazonas (Bela Vista), outra no Pará (Monte Alegre) e outra no Maranhão (Barra do Corda). Estas têm sido também insucessos clamorosos, atribuídos, inclusive, à localização.

— Plantações Ford do Tapajós — Cresci ouvindo de meu avô, um velho pioneiro do desbravamento, a afirmativa de que: "Só no seu **habitat** não se cultiva a seringueira". Henry Ford, seja qual fôr a razão, intentou a grande empresa, seguindo o sistema das grandes plantações orientais. Mandou técnicos, mandou dinheiro, mandou equipamento: e Fordlandia falhou inteiramente, entre outras causas pela ação da **Douthidella**, o fungo que inutiliza a folha da seringueira. Recomeçando em Belterra, plantou 3 milhões de árvores, das quais metade vingou sadia e é hoje o documento de uma experiência, em muitos casos para atestar de como não se deve fazer heveacultura...

Não só prejuízos, entretanto, o nosso balanço apresenta: a vitória alcançada contra a malária, por exemplo, é das cousas mais animadoras que já conseguimos; a introdução da juta e da pimenta do reino, graças à dedicação dos japoneses, é outro triunfo a que se aliam os recentes resultados da empresa pioneira de Cosme Ferreira em Manaus. O sucesso maior, todavia, da

presença do homem na Amazônia, é, a meu vêr, a garantia do domínio brasileiro, que quase sempre se afirma, apenas, através desse punhado de extratores, que é herói sem saber, e jamais figurará no panteão dos que fazem a glória do Brasil.

De propósito não fiz grandes citações nem alinhei números ao trazer estas idéias à vossa consideração e à vossa meditação. Dizendo tudo com clareza, não quis ser pessimista ou expressar uma descrença no destino da Amazônia. Muito ao contrário, intentei o que Marañon chamava de uma autópsia dos fatos, feita por puro amor.

Não sei, não posso, não devo tirar conclusões, nem apresentar soluções. Elas existirão, sim, porém na dependência de estudos e pesquisas, de que não podemos deixar de prescindir, para não incorreremos nos mesmos erros denunciados.

Temos de respeitar os fatores mesológicos e superá-los, a fim de não sermos tragados por êles, como tantas vezes tem acontecido.

Lembremo-nos de Bluntschli, naturalista suíço que nos visitou há 50 anos e que se empolgou com a Amazônia, considerando-a um corpo harmônico. É preciso não quebrar essa harmonia, para que o homem possa vencer o estigma euclidiano, segundo o qual representa aqui o intruso impertinente.

Presença sempre de Coelho Netto

GENESINO BRAGA
(Da Poltrona 19)

Presença de Coelho Netto, venha pela graça vocabular de suas páginas inesquecíveis, ou ressáia em sínteses de glória e de luz, como a resumirmos, em nossa imperecível admiração, através de biógrafos retos, ou de episódios de sua rica vivência literária, — presença do Príncipe dos Prosadores Brasileiros sempre nos restitui o trato soberbo das letras e o convívio superior da lógica, mercê da tessitura verbal com que o mestre vestia de côr e movimento as suas idéias e fazia alada e esvoaçante a ave cativa do seu pensamento.

Sempre que uma afirmação da personalidade forte e luminosa do criador de "Rei Negro" se faz atuante em nossa reverência pragmática, ressaltam-nos à delícia espiritual aquelas mensagens da festa álaçre e melódica que êle deixou perpetuadas nos livros, os documentos eternos de sua natureza, transmitindo-nos assim, na glória perene de sua obra, a imagem de uma alma que contemplou de frente as paisagens vazias do irremediável nas angústias íntimas de uma dor ("Miragem"); de uma alma que sentiu a desolação e a tragédia de aflitas vidas conturbadas por sentimentos mórbidos ("Inverno em flor"); de uma alma, enfim, que a indiferença das coisas do mundo mutilou e feriu, dispersando os sonhos e as ilusões de muitos destinos inquietos ("Romanceiro").

Refulja na original faiscação daquele espírito inflamado de motivações, desponte no ímpeto de sua imaginação criadora, ou envolva e enleie a vida de tôdas as formas de beleza, de fôrça e harmonia, marcando a grandeza e a serenidade da sua exata compreensão do mundo, — o perpétuo deslumbramento que nos vem da obra do maravilhoso cinzelador de "Baladilhas" se acentua cada vez mais, encantadoramente, em nossa bem fundada impressão, como a explicar-nos a vitória dos instintos

superiores do homem e o domínio da inteligência sobre os cânones invariáveis da estética ocidental. Prosador de imagens altas e pensamentos severos, na matéria prima de seus contos, de seus romances, de suas crônicas alegres, é que vamos encontrar ao lado de energias inesperadas, "a alma canora e meiga das florestas" ("Sertão") e "o gôzo de perfume, que é a gratidão da flor" ("Cenas e Perfís"); é que vamos surpreender "a lua tal qual saiu das mãos de Deus" ("Canteiro de Saudades") e "o corpo da cafuza, rijo, azeitonado, cheirando a silvas" ("Banzo"); é que vamos defrontar, enfim, "mulheres desnalgando-se em saracoteios lúbricos", e, extravasando lirismo, "o sol, fúlgido, engastado entre dois cimos, irradiando um leque sobre o redente da serra afogueada" ("Rei Negro").

* * *

"Pedro, lembro-me sempre de ti; e tu? Aqui vai um resto da mocidade do teu **Coelho Netto**. Rio, 5.VIII.919. 29 — Rua do Roço". Como, em nós, no culto à obra do mestre, o nanquim destas letras mantém a viveza do dia em que foram grafadas, há quase nove lustros, no verso da fôlha-de-rosto de um exemplar do "Fabulário" (segunda edição. 1919. Pôrto. Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, editôres — Rua das Carmelitas, 144). Ali, a bem identificável, reta e uniforme, — e inconfundível! — caligrafia do cantor de "Inverno em flor" fixara essa afetiva dedicatória a um amigo dos mais diletos: Pedro Freire, amazonense de requintada cultura e de frequentes viagens à Europa, que, fruindo as delícias da amizade do escritor, dêste merecera a oferta fraternal com aquela mensagem prazenteira e afetuosíssima.

Temos à mão, como um frasco de essências olorosas, em nosso escrínio das venerações, êsse exemplar do "Fabulário". Guardou-o, Pedro Freire, enfiado entre as ricas encadernações de suas estantes e untado dos santos óleos de sua paixão de bibliófilo, até o pulsar derradeiro do grande coração que em si abrigava. Muitos anos depois, uma sua filha ilustre, dona Violeta Mendes Freire, honrando a memória e a vontade paternas e honrando a sua terra, deu ao livro do amigo de seu pai um destino justo e digno: ofertou-o à Biblioteca Pública do Amazonas.

Na direção desta casa de estudos e pesquisas, guardamos com carinho excepcional, guardamos com amor, o precioso exemplar do "Fabulário". Livro de Coelho Netto, com aquela evidente atestação da estima que o prendia a uma grande figura patriarcal amazonense, é sua presença duas vêzes, é sua grande

presença, é sua arquipresença em nosso aprêço intelectual e em nosso afeto, em nosso culto à sua glória e em nossas reverências aos sentimentos de amizade que tão bem o escritor sabia florir nos rosais de mil fragrâncias de seu sensível coração.

* * *

Presença outra de Coelho Netto, desta vez impregnada da eurrítmia integral do seu espírito e do comportamento de límpido civismo oferecido aos moços de sua pátria, surge-nos, agora, em novos depoimentos do mais íntimo de seus biógrafos: o escritor Paulo Coelho Netto. O douto filho do criador de "Miragem", homem de ciência e de um intelectualismo que faz honra à glória paterna e já se impôs à consagração contemporânea pela pureza de seu estilo e a excelência de sua literatura, — Paulo Coelho Netto nos dá, agora, a alegria espiritual dessa presença: manda-nos o mais recente de seus livros, "Mosaico", que é toda uma respiração da sensibilidade do beletrista encantador e do profundo senso real da vida no homem cotidiano.

Conservando para Coelho Netto, desde os dias da mocidade, um lugar de carinho em nosso afeto e um lugar de entusiasmo em nossa admiração, as revelações que se sucedem nas páginas de "Mosaico" ampliam e inflamam os sentimentos que há muito à obra e à figura do mestre devotamos. Sobretudo porque, ao nos transmitirem a feição própria da sua personalidade de exceção, ainda nos fazem sentir que, no artista, os momentos maiores não foram, sem dúvida, os de sensação externa, diante do espetáculo do mundo, mas, como não podia deixar de ser, aquêles em que a vida se resume e se aprofunda, se revela e se sublima dentro do homem. Deveras, tôda a sua inquieta existência constituiu-a em uma só cavalheiresca jornada para se apoderar do aspecto mais formoso da vida. Enamorado da forma harmoniosa, assim pôde semear benefícios, sem se preocupar com a colheita. Espargiu contentamentos em volta de si, sem se ater a seus próprios cuidados. Juncou de loiros o chão da sua glória para a passagem do talento alheio, sem se arreçar das sombras. Minorou, com a bondade de seu coração, tanta dolorosa contingência humana e derramou lindezas no seu rumo, sonhando aformosear os dias da humanidade.

Nas páginas tôdas de "Mosaico", a nobreza de uma ternura filial acorda as côres vivas, que, como iluminuras de um missal, fizeram viver exaltações, enlevos e volúpias nas espirais de raciocínio do exuberante ficcionista de "Esfinge". Luz coada entre os vitrais de uma saudade imorredoura, às idéias e às

imagens, que se perpetuaram no mundo interior da sua obra, faz soprar vida e calor, como nos milagres da fé.

Ângulos vários de uma alma panorâmica de ardores afetivos se ajuntaram retos na paisagem moral daquela vida transbordante de civismo, de altruismo e de idealismo. Na conferência "Coelho Netto e a Mocidade", que resume a trajetória magnífica da carreira do escritor, vivemos a nobreza do seu culto pela juventude, para a qual sempre suas idéias se inflamavam, infiltradas de sonhos claros e bons, na posse exclusiva da alegria. Em "Coelho Netto e o Modernismo", outro capítulo que nos dá a certeza de que o nome do beletrista jamais se diluirá no andar do tempo e que sua obra será sempre lembrada e discutida, Paulo Coelho Netto esgrime lealmente — e vitorioso sempre em todos os golpes de inteligência — os marginais da ebulição modernista, negadores sem penetração da obra imortal do pai glorioso, anulando destramente os ataques de alguns sôfregos e inscientes modernistas, não permitindo que ficassem por si próprios destruídos, fora da luta, sequer os vestígios da investida canhestra.

Mais duas teses, que os tempos e as gerações sempre renovam em suas ânsias de perfeição, Paulo nos desenvolve, em seu esplêndido "Mosaico", revelando-se um dos espíritos mais bem orientados dentro da confusão social e moral em que vivemos: "Comunismo e Democracia" e "Pena de morte". No primeiro, configurando tão inteligentemente, e com maduros raciocínios, a sensibilidade dêstes dias conturbados, ergue-se como uma voz de advertência para a nossa negligência democrática e de revelação para as circunstâncias e para os anseios da época que atravessamos. Integrando-se, com exemplos fartos e virís, no ritmo da verdade viva e presente que leva à derrocada nossas instituições, aparece-nos com a expressividade de uma caixa de ressonância em que os fenômenos sociais e políticos repercutem aumentados e mais diretamente vividos. "Pena de Morte", o trabalho último do momentoso livro de Paulo Coelho Netto, é um desabafo, um grito de revolta contra a impunidade do crime frio, do crime bárbaro e com requintes de crueldade e de sadismo, no dia-a-dia de sua perigosa e bela Cidade Maravilhosa.

Presença do pensamento de Coelho Netto está tôda nesses trabalhos que opulentam o livro de Paulo Coelho Netto. "Mosaico" nos devolve, — à nossa admiração imperecível pelo patrono da cadeira que ocupamos na Academia Amazonense de Letras, — a figura extraordinária do "conteur" do "Jardim das Oliveiras". Reencontramo-la perfeita, vivendo o conceito dos versos de

Virgílio ("era um daqueles raros homens amados dos deuses"), bem dentro daquela síntese de luz que Péricles Moraes, o mestre saudoso, enfeixou na Introdução de seu formoso livro "Coelho Netto e sua obra": "...por entre as alfombras de seus bosques sagrados, onde ninfas repousam e rosas reflorescem, seduzidos de momento a momento pela fascinação de uma arte cativante, cujos ritmos novos denunciavam para logo o gênio do artista".

João Leda e Cândido Figueiredo

JOÃO CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA

João Leda, uma das expressões máximas da lexicografia ruiana e camiliana, no seu apaixonado trabalho de pesquisa e no seu nobre ideal de divulgar e lançar a interpretação vocabular da obra dos dois luminares da literatura d'aquem e d'além mar, viu em Cândido de Figueiredo um dos mais potentes veículos das suas pesquisas, como o maior e o mais festejada dicionarista da época. Trabalhou pacientemente em suas investigações e coletou bem farto material vocabular dos dois primazes de nossa língua. E enquanto trabalhava afincadamente, estoura no campo gramatical e linguístico a mui célebre luta da redação do Código Civil entre Rui Barbosa e a comissão parlamentar de redação do referido Diploma, a qual, sem nenhuma solidez e segurança no assunto, se escuda extraparlamentarmente em Carneiro Ribeiro, que é por êste motivo, atirado a enfrentar a mais empolgante das polêmicas, que sacudiu o Brasil inteiro e até Portugal, com o renomado senador baiano, seu ex-dissípulo, polémica notável de que resultaram os dois notáveis monumentos de alta sabedoria vernacular: a "Réplica" — de Rui e a "Tréplica" de Carneiro, além dos trabalhos preliminares e correlatos.

No calor da discussão, os mais afamados dicionaristas são chamados a depor, no terreno da lexicografia.

Ao serem invocados os dicionaristas, entra em ação o bisturi penetrante de Rui, a dissecar o mérito de cada um e a rasgar o sulco profundo evidenciador de suas lacunas. Cândido de Figueiredo é tomado como o padrão, como o mais autorizado, como o sobreexcedente a todos. Tomando-o como autor paradigmático, Rui, ao discutir a regência do verbo **retrotrair**, lança o autorizado "veredictum" seguinte, que assombrou o meio lexicográfico do seu tempo:

"Não ignoro que o recenseamento lexicográfico é incompleto nos melhores vocabulários do nosso idioma. No de CÂNDIDO

DE FIGUEIREDO mesmo, que sobreexcede, sem confronto possível, quanto à cópia de palavras, aos seus mais próximos antecessores, ufanando-se, com razão, de haver acrescentado ao cabedal existente uma colheita de trinta mil vocábulos, muitos ainda haverá que aditar. Das minhas notas lançadas ao correr da leitura, poderia indicar, sem deslustre dos inestimáveis serviços dêsse filólogo à língua portuguesa, e meramente como exemplo dos incalculáveis tesouros de vernaculidade por apurar ainda agora no uso literário e popular, algumas omissões curiosas, a que não junto por não caberem nos limites de trabalho como êste, os documentos onde estribo o meu reparo.

Faltam ali, entre muitas outras, estas palavras” :

“Abanão. Zuniada”. Entre êsses dois extremos cita 437 palavras, totalizando, portanto, 439 vocábulos desguaridados dos calepinos ,segundo o ínclito arquiteto da “Réplica”.

João Leda, que já vinha arrepanhando as gemas ruínas para nos herdar o portentoso “Vocabulário de Rui Barbosa”, deve ter exultado nessa época ante a magistral lição do Mestre, objeto de sua tão antiga quão justificada veneração. Aguardou, naturalmente, enquanto enfrentava os seus serões debruçado sôbre a vasta produção do vencedor da Conferência de Aia, com ansiedade, o pronunciamento, cheio de entusiasmo e gratidão, do dicionarista poeta. Cândido de Figueiredo, no entanto, dando a honra de inserir a “Réplica” na vasta bibliografia da 2.ª edição, de 1913, guardou o mais profundo e álgido silêncio sôbre os reparos do grande polímata baiano, o que causou profunda e justificada decepção em João Leda. Sem qualquer explicação no prefácio ou em alguma observação necessária, apenas concede a Rui a “honra de chancelar cinquenta e oito vocábulos dos quatrocentos e trinta e nove apinhados na “Réplica”, no dizer revoltado do escritor maranhense.

João Leda, diante desta indiferença do lexicólogo loboniano, não pôde reprimir a sua revolta, não pôde conter-se em seu impulso desagravante. Quando lançou o seu brilhante, erudito e precioso “Vocabulário de Rui Barbosa”, abriu as baterias sem rodeios ou rebuscos.

“Nós temos em grande aprêço a competência, a erudição, o nobre esforço, a incrível faculdade investigativa do Dr. Cândido de Figueiredo. Entendemos que não lhe fazem favor, colmando-o ao pináculo de **“benemérito da língua”**

Essa é a introdução preparatória, a anestesia local para lançar o malho vingador :

"Não lhe podemos perdoar, porém, a desconsideração inflingida a Rui Barbosa nesse portentoso monumento, que lhe não invocou o nome, onde e quando devia; que lhe rejeitou sem motivo declarado e plausível notáveis contribuições linguísticas; que lhe truncou o título das obras e lhe deturpou os textos magistrais".

Estava aberta a guerra sem tréguas que, a princípio parecia ter um motivo irrazoável e infantil mas que depois encontrou plena justificação na incomensurável vaidade de Cândido, que adotou uma intransigente e orgulhosa indiferença às ponderações do Mestre Leda, que, como resposta azeda e inconsiderada, recebeu do intangível dicionarista, alpinizado no cimo de sua sabença, o apêdo depreciativo de "MEDIOCRIDADE INSOLENTÉ".

João Leda, conhecendo o estôfo arrogante do seu contendor, apresenta "Vocabulário de Rui Barbosa" como um "LIVRO DE REIVINDICAÇÃO, na sua fundamentada lição a Cândido, "prasmendo-lhe o descuido, a indiferença, a injustiça com que se houve no léxico a respeito do incomparável mostil da prosa, regateando-lhe aí o realce correspondente à importância de sua operação".

Não podia, com sobradas razões, admitir que o genial Mestre da sua latria intelectual fôsse humilhado pelo desdém incosequente e injusto do dicionarista luso.

"A nosso entender, a causa principal do veto às palavras da Réplica está no mero capricho do lexicógrafo". A esta causa acrescenta as secundárias: "transparente antipatia" ao volume espantoso de termos sugeridos e a intolerância.

A reivindicação e os reparos são, não há negar, severos e duros, mas justificados face ao descaso de Cândido pela autoridade literária e lingüística de Rui Barbosa, cujas obras são relaxadamente referidas no dicionário, e cujo riquíssimo veio terminológico é desprezado pelo vocabulista, fatos luxuosamente provados pelo libelista maranhense, embora uma frase lapidar de Rui fôsse escolhida para iluminar "o pórtico do Novo Dicionário".

Quando Leda declarou que não podia perdoar a desconsideração de Cândido para com Rui extravasou um ressentimento que nunca desaparecia de seu íntimo, tanto mais quanto recebeu o revide de "mediocridade insolente", pois em tôdas as suas obras posteriores êle derrama o seu azedume e prevenção contra o escritor lusitano.

Mas a luta sem tréguas de João Leda contra a atitude desdenhosa de Cândido de Figueiredo frente à contribuição linguística de Rui Barbosa não foi infrutífera pois arrancou uma honrosa satisfação aos leitores do Novo Dicionário, publicada embora cheia de alusões depreciativas a Leda — “um anônimo ou pseudônimo de Manaus” — em sua 4.^a edição, satisfação que enaltece a memória do grande baiano e vazada nos seguintes termos :

“Mais grave porém seria ainda se não fôsse tão estravagante como inepta, a acusação que me fez um anônimo ou pseudônimo de Manaus: que propositadamente negei registro a vocábulos que tinham abonação de Rui Barbosa e que eram do meu conhecimento !!!

Quem não é leigo sôbre relações literárias entre Portugal e o Brasil sabe provàvelmente que ninguém me excedeu ainda no aplauso e na veneração com que muitas vêzes me tenho referido ao grande escritor Rui Barbosa, de quem numa sessão solene da Academia de Lisboa não hesitei em declarar que era o mais português de todos os escritores brasileiros. A expressão dêstes sentimentos de justiça tem andado a par de outro sentimento, — o da gratidão pelos favores e honra, que lhe devo, por mais de um título.

Brindou-me êle com um exemplar de sua monumental **Réplica**, que é na literatura brasileira e talvez na portuguêsã o mais perdurável documento da ciência da linguagem.

Além de bastas e cativantes referências à minha suposta autoridade, a famosa Réplica indicava-me muitas dezenas de vocábulos, que não estavam registados e o deviam estar nos dicionários da língua.

Tôda gente de juizo claro compreenderá o sincero júbilo com que recebi êste precioso e autorizado subsídio lexicográfico”.

Aí vemos a grande honra concedida a Rui com atenciosas explicações e referências laudatórias ao genial baiano, provocados exclusivamente pelas corajosas investidas de Leda, acrememente tratado como “anônimo ou pseudônimo de Manaus”.

Mais adiante, prossegue Figueiredo, sempre com o gládio de Jupiter sanhudo brandindo contra Leda, explicando aos leitores que não registrou a totalidade dos termos sugeridos por desconhecer-lhes as fontes abonadoras dos seus sentidos, tendo enviado a Rui a lista dos vocábulos para serem completadas

com tais esclarecimentos, lista que não foi devolvida com as respostas solicitadas, dado naturalmente — assim êle cheio de gentileza justifica — o encargo de numerosos trabalhos do ilustre senador vernaculista. Esta desvanecedora justificativa que devia figurar em tôdas edições do Dicionário, se estampa na quarta edição, não aparecendo mais em as novas impressões inexplicavelmente. O que é certo, no entanto, é que devemos esta glorificação de Rui, pelo intangível escritor lusitano, a Leda, que também celebrou Manaus mesmo como seu "anônimo ou pseudônimo" . . .

Em louvor do Solimões

MAVIGNIER DE CASTRO

De Vilcanota, embora tu provenhas,
és pobre e estreito no rincão peruano,
pagando, como um servo ao Suzerano,
vassalagem de escarpas e de penhas.

Mas, transpões a fronteira, Soberano,
caudaloso, rompendo espêssas brenhas,
entre mil tributários que desdenhas
para ferir o coração do Oceano.

E assim, sendo o maior dos rios grandes,
és perdulário em solo brasileiro,
parcimonioso no país dos Andes.

E' do Brasil que, pródigo, não paras
de abastecer o universal celeiro
com essências finas e mercâncias raras!

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Transmigração

— De Lesbos, de onde vieste entre canções e aromas
e aromas e canções e lúbricos desejos,
trouxeste no sangrento arrebol dos teus beijos
o amorável langor esquesito das pomas.

És o instinto coleando em luxúrias e pejos...
Pela noite aromal das tuas fartas comas
ladram feras revéis e eclodem os cruéis sintomas
das febres da volúpia em trágicos lampejos.

Cidno te espera ardente e provocante e nua
no vergel em silêncio onde apenas a lua
vem dançar de esarpins a coréia da luz.

Despes, gárgula altiva, o terso zâinfe tírio :
surges, bela e sensual, com o níveo almor de um lírio
no pagão esplendor dos teus encantos nus.

Ronda das horas

(Lendo Raimundo Monteiro)

— As horas tombam uma após uma,
lúridas, lentas e nevoentas
e a tristeza das horas lentas
torna mais triste o céu de bruma.

Lânguidas, leves, sonolentas,
tal a leveza ébur da espuma,
as horas lentas, uma após uma,
deslizam mansas, suaves, lentas.

No áureo esplendor do ocaso, lentas
as horas rezam, doloridas,
preces de monjas macilentas.

Rezam silêncios de piedade
e na minha alma comovidas
deixam ternuras de saüdades...

DEUS

MITHRIDATES CORRÊA

No comêço, era o Nada !
O Nada era o Silêncio
e, o Silêncio, era Deus !
Deus, na sua suprema Onipotência !
Deus, na sua infinita Misericórdia !
Deus bom, Deus sábio, Deus generoso !

E, êsse Nada
que era Silêncio e era Deus Onisciente,
que era Deus, em tudo, Onipresente,
é a fôrça geradora do Universo.

Do Nada, o Céu e a Terra !
Do nada, as cordilheiras e planícies
em Continentes de fartura.
Do Nada, o sol, a lua e as estrêlas,
a Luz de outros mundos constelares,
porque êsse Nada,
que era Silêncio
e era Deus,
é a Vida !

Do Nada, a Vida que, em Silêncio,
Faz-se e se refaz em tôda a Natureza,
num constante e perpétuo movimento,
num eterno sentido de beleza.
Silêncio que é a matriz do Pensamento,
Silêncio alma das coisas,
de tudo quanto existe e que se cria.

Deus bom, Deus sábio e generoso,
que fêz o Homem e deu-lhe consciência
para que sentisse, em tôda plenitude,
com o poder da sua inteligência,
de Deus a excelsitude:

Deus bom, Deus sábio e generoso,
que a Terra, ao Homem dando, deu-lhe tudo
que, à sua face, foi criado,
para que o Homem,
de Sua Imagem a semelhança,
vivesse sempre na bemaventurança
da Terra, sua origem, que é também seu fim.
Da Terra que se abre dadivosa,
de cujas entranhas surdem
flôres e frutos,
em maravilhosa paisagem,
para o deslumbramento perene de seus olhos!
Da Terra que é seu berço e sepultura,
Alfa e Omega do seu destino
de humana criatura!

ORAÇÃO

Bendito seja o Nada em Tudo transformado!
Bendito seja o Nada que de Deus promana,
realizando o milagre do Universo
para o grande esplendor dessa fraqueza humana
que se prosterna, humilde, ante os altares,
no reconhecimento de graças infinitas.

Bendito êsse Silêncio
a que o espírito do Homem se recolhe
para pensar!
E, pensando,
silenciosamente,
a beleza da Vida descortina,
da Natureza, tirada em seus arcanos.
Porque, nesse Silêncio, é que se faz senhor
dos bens que lhe deu o Criador
no comêço da Vida.

Bendito êsse Silêncio em que tudo se realiza
desde o primeiro dia dêsse Nada profundo,
dêsse Deus generoso,
do comêço do Mundo.

SUMAUMEIRA

Gigante Sumaumeira, de alta fronde,
que indiferente ao Sol, nunca se cresta !
Da tua copa o japiim responde
à passarada tôda que o detesta.

Soberana das árvores ! E' onde
o Índio vem bater, quando o molesta
a saudade da amada que se esconde
no labirinto verde da Floresta.

Palinuro dos dévios caçadores
que, ao som dos teus bárbaros bramidos,
se encontram, já despidos de temores.

Aos golpes que te dão, a cada passo,
comunicados pelos teus gemidos,
os amantes se beijam pelo espaço.

MITHRIDATES CORRÊA

Catarina de Ataíde

MOACYR G. ROSAS

Embora o maravilhoso gênio das musas elegeisse Luiz Vaz de Camões a mais peregrina expressão das letras do **Jardim da Europa à beira mar plantado**, não logrou, todavia, protegê-lo do sortilégio terrível da adversidade que, desde a juventude à velhice, o impeliu às dolorosas vias de uma existência dramática.

O estigma fatídico, em Ceuta, num sangrento motim com os Moiros, tirara-lhe um olho, fez com que o mar indômito, na sua voracidade, tragasse a mulher, símbolo de seu excelso amor; desmontou-o de sua confortável posição social; arrebatou-lhe a liberdade e o escondeu em glacializadas celas do presídio; envelheceu-o precocemente e o extinguiu em deplorável miséria; ainda dolorosamente influenciado pelo signo funesto, arrastou consigo, no doloroso compasso do réquiem, despojada da soberania, a Pátria, que êle soubera ver agigantadamente.

Este homem, ferreteado pelo inominável e desventurado destino, ainda encontrou tréguas nas cruentas lutas, para imprimir pensamentos nas plásticas estrófes, capazes de fazerem aflorar aos lábios de Schlegel a veemente afirmação: **Camões vale por si só uma literatura inteira!**

Sempre alimentamos o incontido desejo de excursionar na seara camoniana, quanto à Catarina de Ataíde. Aquele temor, porém, que estremece o andarilho em floresta ínvia, nos resguardou acautelando-nos das precipitações. Depois de tanto tempo, e, ainda assim, examinando os subsídios em tórno de Catarina, verdadeiro curral de menitauro, sinto a necessidade do fio de Ariade.

Camões, se não permaneceu deploravelmente sepultado na cultura de seu povo à semelhança de Shakespeare, que foi revelado aos ingleses por Voltaire, é em virtude de — como diz a

frase pitoresca de Camilo — haver “caído em mãos esterilizadoras dos gramáticos que desbotam sapientemente tôdas as flôres que tocam”. Na verdade, foi o romantismo liderado por Almeida Garret que esprou o clarão aureoal à memória do magistral cantor de **Os Luziadas**. Então, a curiosidade voltou-se para as mulheres de Camões.

Se não se lamentassem as incoerências dos biógrafos, já teríamos palpitado com acêrto a verdade capaz de nos inteirar quem era realmente Catarina de Ataíde.

Eis os mais prestigiosos biógrafos, de nossos dias à recuada época do poeta soldado : — Faria e Souza, Francisco Alexandre Lobo, o Morgado Mateus, Juromenha, Costa e Silva, Leoní, Gomes de Amorim, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Latino Coelho, José Maria Rodrigues, D. Carolina Mchaelis, Storck, Afrânio Peixoto, Hernâni Cidade, José Régio, Aquilino Ribeiro e Gondin da Fonseca, todos são tendenciosos, mas com o louvável pretexto de erguer a obscura vida do portentoso épico. Haja vista ao **Luiz de Camões, fabuloso verdadeiro** de Aquilino Ribeiro, em cujas páginas o autor procura provar a existência plebéia do grande poeta, contrastando com **Camões e Miraguarda** de Gondin da Fonseca, que para soerguer o nível social de Camões rebaixou a nobreza portuguesa, citando documentos onde provam que os soberanos sentavam ao chão e comiam com as mãos. Quasi todos os biógrafos do supremo poeta desconhecem o uso da meia medida.

Tobias Barreto, a nossa mais desenvolvida cultura humanística do século passado, usou a erudição, criando nova conjectura em tôrno do épico imortal. Se não lhe entrou na vida, retalhou-lhe, etimologicamente, o nome :

“Camões, — escreve o glorioso sergipano — costumava assinar-se **Ludovicus de Camoenis** (Luiz das Musas). Com o tempo desapareceu o prenome latino e ficou **Luiz de Camoenis**, que o povo, ignorando o valor do ditongo, pronunciava : — de **Ca-mo-e-nis**. Assim corrompida a frase latina e entregue à lei do desenvolvimento, prosódico e ortográfico, foi pouco a pouco eliminando-se a função do — i — e chegou-se a formar a palavra — **Camões**.

Se não é verdadeiro, ao menos é verossímil”.

Quem era Catarina? Aqui, começa a discussão.

O erudito José Maria Rodrigues é o responsável maior pelo curso da história em que fixa Camões apaixonado pela princesa

mais rica da Europa. A ingenuidade do sábio luso não é acerbamente criticada, porque se lhe sente a maravilhosa intenção de nobilitar o príncipe dos poetas da raça. Se bem que o baiano Afrânio Peixoto comentasse, respeitosa e, nêstes termos: "Seria possível, com seu imenso orgulho, que a filha de Dom Manuel, a filha da Rainha de França, a enteada de Francisco I, a sobrinha de Carlos V, decesse os olhos ao Poeta, ou o Poeta desassizado, os levantasse à infanta D. Maria? Seremos ou seríamos loucos em admitir".

Ainda não está liquidada a questão. Para lendas amáveis e duelos agressivos, são suscitados, de vez em vez, os de aquêm e de além mar para oficializar a verdade derredor dos fabulosos dias de Camões.

A infanta morreu com 56 anos, tuberculosa, com a pele enrugada com as macerações da penitência. "Em verdade, escreve Aquilino Ribeiro, a crônica desta princesa constitue um dos dramas retortos e empolgante da história portuguesa..."

Latino Coelho, que nutria por Camões a mais luminosa admiração, pretendeu inferir o primeiro encontro do vate com a misteriosa dama em ambiente sacrossanto. Não recebeu reconstruir o episódio biográfico alicerçado exclusivamente na imaginação e o perpetuou em estilo suntuoso e escultural. Situou o primeiro encontro do poeta no dia de sexta feira maior, à noite.

O notável polígrafo português talvez estivesse cedendo à crença dos astrólogos, que acreditam ser sexta feira o melhor dia para pândegas amorosas, em virtude de o consagrar à Venus. Enquanto os gemidos sacros ressoam pelas naves e cúpula da catedral, o poeta, "vulto gentil e garboso de mancebo", cruza os olhares com os de certa jovem de singular formosura, cuja cabeça estava recoberta por trabalhada mantilha negra. Ela é D. Catarina de Ataíde!

Depois de vários séculos, criou-se êste quadro, que tem servido de argumento a poetas e teatrólogos para desenvolvimento de suas peças. A página fulgurante do notável escritor português não nos diz quem foi a egéria de Camões. Ela é apenas a "misteriosa e puríssima visão".

Quem foi Catarina de Ataíde?

Celso Vieira, o primoroso estilista patricio, exaltando a Venus camoneana, demora-se em descobrir donde proveio a influência dos cabelos fulvos na personagem dos "Luziadas". Então, filia o raciocínio às madeixas sedosas de Filis, que outra

não é senão a sua protetora D. Francisca de Aragão. Proseguindo em sua análise, inclina-se a atribuir a influência de D. Catarina de Ataíde de Lima, retratada no soneto 131 :

**De quantas graças tinha a Natureza
Fez um belo e riquíssimo tesouro,
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.**

**Poz na boca os rubis, e na pureza
Do belo rosto as rosas, por quem mouro,
No cabelo o valor do metal louro,
No peito a neve, em que a alma tenho acesa.**

Já houve quem asseverasse que jamais existiu tantas mulheres bonitas em Portugal como no tempo de D. João III ! Na obra lírica de Camões, há tantas beldades que se não déssemos o desconto imenso, em se tratando de poeta, mormente sendo êste poeta o mais universal do seu idioma, seríamos capaz de pensar que a era das formosuras femininas luzitanas se estinguiu com êle. Mas, pelo que se deduz de dezenas de sonetos, os cabelos dourados da Venus de "**Os Luziadas**" são os da moçoila dos Paços da Ribeira, imortalizada com o nome de Natércia.

E quem é esta moça ? Talvez esta pesquisa seja exigência em demasia e, até, insensata. "Pode alguém hoje assinalar quem era Beatriz do poeta florentino ? Dizer ao certo que sorrisos ou que desdems afagaram ou puniram nos lábios e nos gestos de Laura a paixão ideal do seu Petrarca" ?

O escritor brasileiro Gondin da Fonseca, recentemente argumenta, com veemência, que Camões, depois de falecida Catarina de Ataíde, não poderia celebrá-la mais de 20 anos e num crescente de ardor ! A criatura que lhe inspirava não devia ser outra senão "a princesa D. Maria, a maior herdeira da Europa, sobrinha de Carlos V, irmã de D. João III". Em nossos dias, assertiva semelhante é um ponto de vista quase isolado.

Agostinho de Campo tentou também investigar os amores florecidos na bravia floresta camoniana sem, contudo, lograr pleno êxito. " — Resumindo as pesquisas e conclusões dêsses ilustres historiadores, pode dizer-se o seguinte : O filho e herdeiro de Vasco da Gama, D. Francisco da Gama, 2.º almirante da Índia e 2.º conde da Vidigueira, teve uma filha que se chamou D. Catarina de Ataíde, tomando assim o nome e o apelido da

avó paterna, D. Catarina de Ataíde, mulher de Vasco da Gama. Aquela dama era portanto uma das muitas Catinas que assim se batizaram na cõrte portugueza do seu tempo, em consequência de se chamar também Catarina a rainha de Portugal, mulher de D. João III. O pior (para os biógrafos) é que além de muitas jovens e fidalgas Catinas, acasaláveis com o grande cantor de **Natércia**, três ou quatro delas, nada menos, eram Catinas de **Ataíde**, o que mais aumenta a confusão e a dificuldade de destrição biográfica".

As Natércias que aparecem, na obra camoniana, são anagramas de Catinas. Há um acróstico (Luis Catarina de Ataíde) cuja autoria se contesta seja de Camões. Storck, comentando o assunto, admoestou: "não escreveu de certo o acróstico contra-producente que proclama, alto e bom som, o nome completo da amada juntamente com o dêle, Luis! Não! o expediente figura-se-me parvo, vulgar e grosseiro, uma brincadeira indigna de um coração nobre e sublime como o de Camões".

Camilo, em **Cancioneiro Alegre**, deu-se ao paciente trabalho de catalogar uns quantos amores de Camões, cuja vida era por demais lamuriada em seu século. Transcrevo para gaudío dos leitores:

"Camões amou muito; logo, não foi o grande desgraçado que se imagina. Amou muitas senhoras de várias côres, áquem e além-mar, solteiras e casadas:

**N'uma casada fui pôr
Os olhos de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Êles fizeram-se amor.**

Amou uma preta,

**Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Por que n'ella vivo
Já não quer que viva.**

.....

**Pretidão de amor,
Tão dôce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocará a côr.**

.....

**Esta é a captiva
Que me tem captivo,
E pois n'ella vivo
E' força que viva.**

Amou uma Catarina. Uns dizem que era de Athaide, outros Bocca-negra — em todo caso, fidalga; mas não a tratava com grandes delicadezas de palaciano :

**Catharina é mais formosa
Para mim que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.**

.....

**Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me, tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdê-a.**

Chamava-lhe **cadella**. Fiem-se lá nos lamuriantes queixumes do falsificado Camões de Garret :

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella, etc.

Amou uma Gracia de Moraes :

**Olhos em que estão mil flóres
E com tanta GRAÇA olhaes
Que parece que os amores
Moram onde vós MORAES.**

Amou uma Domingas :

**Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.**

Amou ao mesmo tempo uma Helena, uma Maria e uma Joanna :

**Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.**

Amou uma pastora :

**Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.**

Amou uma fulana dos Anjos, que lhe chamou de diabo :

**Senhora, pois me chamaes
Tão sem razão tão mau nome,
Inda o diabo vos tome.**

.....

**Já que chegaes tanto ao cabo
Com as mãos postas aos céus,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.**

Amou uma Beatriz :

**Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'um brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplai-os, senão vel-os,
Se inflammam corações e humanos peitos.**

Até aqui onze, fóra as que eu não nomeio para não ofender as famílias honestas que as representam, e as inéditas que elle também não nomeou".

Há uns biógrafos que lamuriam o cristalizador das glórias luzitanas não ter logrado êxito nos amores, como se Camões fosse capaz de fazer a felicidade de alguma mulher. Elle não é mais do que D. Juan denunciado pelo grande endocrinologista e publicista espanhol Gregorio Marañon, que escreve "...satisfaz-se com qualquer destas mulheres, com a princesa, como com a pescadora"... E logo adiante conclui: "Pois bem, o tipo varão perfeito é estritamente monogâmico ou reduz sua preferência amorosa, sua localização num tipo feminino fixo; capaz de poucas modalidades e muitas vêzes de nenhuma. O amor do varão perfeito é precisamente a grande diferenciação do objeto rência a um curto repertório de mulheres, geralmente parecidas entre si". Camilo em sua página nos auxilia a concordar com o sábio espanhol.

Se quase tôda a biografia do célebre épico é dosada em deduções não há por que não aceitar o ligeiro perfil traçado por Joaquim Nabuco:

"Camões não era asceta nem excêntrico; misturava-se livremente com a sociedade que o cercava; não era nem puritano nem hipócrita, e não tinha o poder de isolação que permite aos fortes e aos escolhidos conservarem-se interiormente estranhos ao movimento de que fazem parte".

Em "**A Corja**", na parte histórica, vem um estudo sôbre Sá de Miranda em que Camilo Castelo Branco, autoridade incontestada em Geneologia, informa que um primo do poeta Sá de Miranda contraíu núpcias com

"D. Catarina de Ataíde filha de Alvaro de Souza, dama da rainha D. Catarina. Sá de Miranda era portanto primo terceiro da senhora que Luiz de Camões amou — a celebrada **Natércia**. Esta dama finou-se depois de casada, em 28 de setembro de 1551, e foi sepultada na capela-mór do convento de S. Domingos de Aveiro, onde faleceu. Vinte e três anos depois, fr. João do Rosario, frade dominicano, confessor de Catarina de Ataíde, escrevia as suas memórias que ainda existem, e referindo as suas práticas com a triste senhora acêrca de Camões, escreveu: **E todas as vezes que no poeta desterrado por sua razão (sua causa) lhe falava, sempre em resposta havia que assim não era, e que fóra aquela alma grande que para empresas grandes e a regiões tão afastadas o levára.**

D. Catarina de Ataíde, quando o confessor lhe perguntava se fôra a causa do desterro do poeta, modestamente respondia que êle se expatriára não por sua causa (**sua razão**), mas porque aspirava a empresas grandes. Ela não negava que Luiz de Camões a amasse, como infere com lógica extraordinária o snr. visconde de Juromenha; o que ela delicadamente exprimia era — que não o seu amor, mas a sua grande alma o levára a regiões tão apertadas. E o frade, não obstante a senhoril evasiva da mulher casada e desditosa, confessa que **muitas vezes** lhe perguntou se o poeta fôra desterrado por causa dela. Que Luiz de Camões amára aquela Catarina de Ataíde, sabia-o de mais frei João do Rosario; o que êle queria averiguar era se o poeta foi voluntariamente para a Índia, ou forçado pelo delicto de a requestar. E ela, morrendo na flôr dos anos, respondeu que **sim**.

O marido não a chorou. Daí a pouco estava com uma filha de João de Castilho, e fazia nela, como dizem os bons cronistas linhajudos, um bispo de Cabo Verde, e outros filhos que fizeram muitos frades, muitas freiras, e muitos patifes que o leitor tem a satisfação de não conhecer, e eu tenho a delicadeza de não lhe apresentar”.

Se não houver mistificação nestas informações de Camilo, podemos asseverar que encontramos a nossa heroína.

Camilo Castelo Branco não se aventurou a biografar Camões. Ficou na mesma atitude mantida por Honoré de Balzac em respeito a Napoleão Bonaparte. Falava muito no còrso, todavia, jamais se aventurou a contorná-lo em livro especial.

LINGUA PORTUGUÊSA

PADRE NONATO PINHEIRO

Poltrona n.º 20

(À memória de meu saudoso amigo e confrade
João Leda, vernaculista de polpa.)

Neste sonêto, pela vez primeira,
Em teu louvor meus versos esmerilho,
Idioma português, do Lácio filho,
Que refluoriste em terra brasileira !

Bernardes, Luís de Sousa e Padre Vieira,
Herculano, Camilo e o grão Castilho,
João Lisboa e Machado, quanto brilho
Souberam dar-te pela vida inteira !

Em meus escritos brilhas, linha a linha,
E orgulho-me porque, em verso e prosa,
Meu pensamento em português caminha . . .

És das línguas do mundo a mais formosa,
E sinto-me feliz por seres minha,
Ó língua de Camões e Rui Barbosa !

Na Poltrona n.º 1

COSME FERREIRA

Quando se congregam, no recesso das Academias, os pontífices da erudição literária ou do conhecimento científico, para sagração de um neófito, há que se esperar, do assustadiço catecúmeno, uma oração estruturada em moldes convencionais e clássicos. Assalta-me, entretanto, o desejo irreverente de perguntar até que limite seria admissível a subversão dêsse ritual, que se cristalizou, através de sucessivas gerações, sem que isso venha implicar sacrilégio e sem lhe aviltar a inconsútil majestade.

No momento em que se processa renovação nitidamente revolucionária em todos os domínios do saber humano — na poesia, nas artes plásticas, na pintura, na arquitetura, como em tôdas as ciências cadinhadas no segrêdo dos laboratórios, seria, também, compreensível que novos estilos e critérios influenciassem, na forma e no conteúdo, os discursos proferidos em solenidades de tão relevante significação. Novos critérios e estilos que visassem a despojá-los daquele convencionalismo, quase esotérico, e de certa imponência verbal vazia de calor humano, sentimento que procuramos, desesperadamente, num mundo a cada instante mais distanciado do que é natural e espontâneo, do que é simples e harmonioso.

Não serei, entretanto, o energúmeno que virá profanar a celebração de ritual de tão incomum magnitude. Se ousar levantar a premissa, será, talvez, acicatado pelo temor de não possuir requintes de expressão para o desempenho da tarefa, na grandeza marcada pela tradição. E, por de certo, não os possuirei para levá-la a têrmo com simplicidade sem vulgaridade, ambicionada sublimação, que só os espíritos de formação excepcional conseguem realizar. Vacilando entre êsses dois planos inatingíveis, o que me cumpre é lançar a sorte, enfrentando, com os recursos de que disponho, vosso irrecorrível julgamento. Julgamento em que sois juizes e, ao mesmo tempo, réus. Porque

aqui me encontro, senhores acadêmicos, mercê de vossa própria deliberação, que tanto pode ser prova da falibilidade de vossos julgamentos como ocultar gesto de imperdoável crueldade. Falibilidade e crueldade que vos poderão conduzir, inexoravelmente, aos ergástulos de mortificante e incurável sentimento de culpa.

Devo, no entanto, confessar que não me surpreendeu a decisão dos veteranos dêste magnífico cenáculo, distinguindo-me com a láurea da imortalidade. Imortalidade, em sentido eminentemente restrito, imortalidade a curto prazo porque, na realidade, só os santos e gênios, aquêles que deixaram marcas inapagáveis na paisagem humana, por fôrça de sua bondade, de seu saber ou de sua inspiração artística, merecem êsse dignificante galardão.

Não me surpreendeu, repito, porque, vezes sem conta, alguns amigos e mestres desta Casa acenaram à minha vaidade, com o amistoso chamado a participar de seu convívio. Seu aliciante apêlo, todavia, esbarrou, sempre, na convicção inarredável de meu desvalor. Mas o que era, em comêço, apenas convite, fluindo da bondade inesgotável de seus corações, converteu-se, mais tarde, em indisfarçável "ultimatum", em ordem peremptória e indiscutível, a que cumpria, tão só, submeter-me. E outro não poderia ser o meu comportamento, em face da generosidade e do carinho daqueles que, por ironia ou piedade, me impuseram êste luminoso sacrifício. Cabe-lhes a culpa desta violação de meu destino sem glórias.

Senhores acadêmicos :

Não quero ingressar neste sodalício que transigiu em receber-me, de mãos e de coração vazios. Consciente de que, passando a integrá-lo, não lhe enriquecerei o conteúdo humano nem contribuirei para emprestar qualquer nôvo brilho às suas tradições, cumpre-me manifestar o sadio propósito de honrá-lo e de servi-lo, nos limites de minha capacidade e na extensão de minha sofrida experiência. E não descubro melhor forma de saldar êsse enorme compromisso senão através de mensagens, tendo por só objetivo engrandecê-lo no conceito da atual e das vindouras gerações.

Não desconheço que a Academia Amazonense de Letras responde àqueles ideais de "confraternização das inteligências, para melhor esclarecimento e produtividade do espírito", a que aludiu o Embaixador Macêdo Soares, discursando na data cinquentenária do silogeu paulista. Confraternização que não deve ser apenas de natureza emocional, caminhando para uma espécie de narcisismo inconsequente, "mas de caráter objetivo, para que

fiquem definidas as principais tendências do desenvolvimento intelectual do país, em função de suas particularidades regionais" são ainda expressões dêsse eminente patricio.

Eis porque ouse afirmar, neste primeiro contacto com o órgão de maior representatividade das letras planiciárias, que a dinamização desta Academia é imperativo de sobrevivência e resposta ao movimento de renovação que empolga, na atualidade, todos os quadrantes da vida nacional.

Ao impacto criador, que vem distinguindo a atual geração de acadêmicos, através da gestação de obras de inequívoco valor — há que se adicionar uma nova ordem de realizações. Em que pese ao mérito incontestável dessas contribuições, outras tarefas não menos importantes desafiam vossa capacidade criadora. Figuras que iluminaram nosso passado, deixando marcas indeléveis em nossa história e em nossos corações, pelo saber, pela bondade e pela dedicação à causa pública, precisam ser lembradas, para que não se diga que a história do Amazonas começa amanhã, e possa a juventude enriquecer sua formação espiritual, nos exemplos dêsses antepassados, cujos expressivos feitos caminham para total esquecimento.

A Academia Amazonense de Letras precisa revelar, através de palestras e conferências, nos centros estudantis, operários, acadêmicos ou de outros níveis, as dimensões e o comportamento dêsses vultos que cristalizam a grandeza do nosso passado.

Que se sabe dos poetas, cientistas e educadores de ontem, que ainda hoje iluminam, com sua presença imorredoura, as fontes de nossa vida social, intelectual e política? Que sabe a mocidade daquela esplêndida plêiade de poetas onde pontificavam Thaumaturgo Vaz, Aníbal Teófilo, Raimundo Monteiro, Jonas da Silva? Que mensagem já lhes foi levada sôbre a vida apostolar de Adriano Jorge, o idealismo de Heliodoro Balbi, a disciplinada abnegação de Plácido Serrano e José Chevalier, duas vocações missionárias em seu nobre mister de professôres? Será bastante o que se guarda de Araújo Filho, mestre insigne do saber jurídico, sôbre cuja inconfundível personalidade Péricles Moraes urdiu capítulos de inexcedível fulgor? E daquela figura singular e profundamente humana que foi Coriolano Durand, cuja vida e feitos, sem alarde, deixaram estrias de luz na paisagem social de sua época? E da vocação de cientista de Alfredo da Mata ou do brilhantismo de mestres, como Virgílio Barbosa e Júlio Nogueira, êste até bem pouco tempo, professor laureado do Colégio Pedro Segundo? E de tantos outros que me penitencio

de não referir, por traição da memória? São indagações que pedem resposta. São vidas e episódios sôbre os quais deve cair a luz da ressurreição.

Que magníficos ensinamentos e sugestões seriam hauridos pela nossa juventude ao conhecer a estatura moral e cultural dêsses varões ilustres! Ao verificar com alegria que o passado de nossa terra não foi um deserto de homens de pensamento, mas, sobretudo, um crisol onde se aprimoraram muitas das mais expressivas figuras da paisagem intelectual e social do país.

Dignificadora missão se outorgará a Academia Amazonense de Letras, impedindo, pela voz autorizada de seus pares, que a imponderável e fria poeira do tempo venha a sepultar, em total esquecimento, a memória de homens que foram verdadeiras legendas de trabalho, de abnegação, de bondade e de saber, na sua mais límpida sublimação.

* * *

E' óbvio que a conclamação dos titulares da Academia para o desempenho de tarefa específica não implica confinar-lhes a área de atuação e projeção. Outros campos estão à vista, reclamando a mão que semeia, nas searas milagrosas do espírito.

Além dessa realização de âmbito local, outra repercussão, evidentemente, mais ampla, merece atenção de seus nobres titulares. Recente exposição do Conselho de Ministros do Brasil parlamentarista admitiu como principal meta do govêrno a continuação da chamada política desenvolvimentista. Não há por que recusar aplausos ao pensamento oficial, elegendo o engrandecimento material do país como objetivo a perseguir e realizar.

O que não chego, entretanto, a compreender é como se poderá alcançar êsse cobiçado estágio num país com metade de sua população mergulhada no analfabetismo. Nenhuma nação pôde ou poderá realizar-se, crescendo em conteúdo econômico e projeção internacional, sem que seu povo se liberte dessa marca de degradação. Raros são, hoje, os que não estão familiarizados com a definição de subdesenvolvimento, em seu conceito sociológico. Os países subdesenvolvidos têm sua geografia traçada por um principal contingenciamento: o analfabetismo. Desprezando todos os demais, enumerados por Yves Lacoste, pode-se adotar como medida válida para essa classificação desmoralizante a participação dos que não sabem ler e escrever em seu conteúdo populacional.

Desenvolvimentismo é incompatível com analfabetismo. Na era da tecnologia nada se realiza sem base científica, sem a colaboração dos laboratórios no indormido labor de desvendar os segredos da vida. Tudo é ciência, é investigação, é cálculo. Na agricultura como na saúde, na mineração como no aproveitamento das florestas, na pesca como na avicultura, nas indústrias como na construção de rodovias, nos transportes aéreos, fluviais ou marítimos como na construção de arranha-céus ou de singelas moradias, no levantamento de barragens como na abertura de canais, atividades e empreendimentos que fazem o progresso das nações, é fundamental a possibilidade de acesso às normas e processos de ação que devem ser observados e praticados, tanto pelos que planejam como pelos que executam. E essa capacidade de acesso só pode ser exercida por homens que possuam determinado grau de instrução.

A educação adquire, por conseguinte, no plano das ciências políticas, prioridade indiscutível. Como admitir que um governo possa lançar a massa de seus governados à empresa ilusória do desenvolvimento, sem primeiro educá-la, libertando-a das algemas imobilizantes do analfabetismo?

Educação, que se não deve restringir ao conhecimento dos símbolos representativos de cada palavra do idioma pátrio, êsse conhecimento mínimo, que se busca em nosso país para forjar eleitores e cujos lindes se plantam na capacidade de desenhar nomes ou de copiar requerimentos para aquisição do título eleitoral; que não se limite a ensinar a ler e escrever, mas, que, segundo recomendou o grande pontífice Pio XI, "abraça a vida humana em tôdas as suas formas: sensível e espiritual, intelectual e moral, individual, doméstica, profissional e social", ou, como ainda acrescenta o professor Amaral Fontoura, na monografia "Desenvolvimento da Comunidade": "educação para o trabalho, educação para o desenvolvimento, educação para a democracia".

Educação é o problema crucial dêste país de mais de trinta milhões de iletrados. Problema que, sendo uma constante na vida brasileira, tem, cada ano que passa, crescido de importância, na medida em que se aprimoram e se tecnizam os métodos de trabalhar e produzir.

Sentindo a gravidade do momento e a necessidade improcrastinável de escolarizar a massa de compatriotas do sertão e das cidades, sem condições de acesso àquele mínimo de instrução, a Igreja Católica escreve capítulo de marcante significação no panorama social do país, ao se lançar à árdua campanha de

levar as luzes do alfabeto aos nossos irmãos, nos remotos sertões goianos, no jângal amazônico, nas terras empobrecidas do Nordeste, como nas favelas e nos mocambos do Rio de Janeiro e do Recife.

Não sou vanguardeiro na formulação da tese de que a educação do povo, em extensão e profundidade, se revela como imperativo inarredável. Apresentou-a a êste plenário, ao analisar a vida e a obra de Araújo Lima, o acadêmico José Lindoso. Minha palavra será indeclinável ratificação do que aqui afirmou êsse erudito confrade ao traduzir a nossa angústia em tórno dêsse dramático problema. E o faço, ainda, porque o tema adquiriu renovada importância, ao serem traçadas as diretrizes executivas do Plano da Aliança para o Progresso, nascido em Punta del Este. Documento, que parece destinado a marcar o início de novo ciclo para as nações latino-americanas, e onde encontro êste conceito de profunda sabedoria: "O maior recurso econômico de um país é seu próprio povo". E, assim, "para um desenvolvimento econômico satisfatório, é indispensável que o povo seja educado, ativo e tenha motivos para buscar melhores padrões de vida". Maior ênfase é atribuída a êsse ângulo do problema de recuperação continental, ao ser recomendado "o reexame dos sistemas de ensino, prestando-se especial atenção ao desenvolvimento dos métodos modernos de instrução maciça para eliminação do analfabetismo".

Esta é, igualmente, uma esfera de ação e de projeção em perfeita consonância com a missão extra-mural da Academia Amazonense de Letras, no momento em que todos os valores são conclamados para imprimir ao Estado e à Nação ritmo de progresso social e material, capaz de permitir que aquêles objetivos desenvolvimentistas não sejam anulados pela ausência, na massa de compatriotas, de condições mínimas que ensejem e favoreçam a sua implantação.

Extrapondo-se, levando seu pensamento a outros horizontes, entrando em comunicação mais íntima com o meio de que é expoente, realizará este Sodalício, de par com sua destinação congenial, trabalho que se filiará, sob certos aspectos, ao processo universal de socialização cristã, que tanto persegue a distribuição equitativa dos bens materiais como das riquezas do conhecimento científico, libertário e espiritual, que sempre foram privilégio de escassas minorias.

* * *

Estranha e indecifrável é a vida, quando joga com os marionetes humanos na incomputável multiplicidade de seus

cenários, que são quadros de sofrimento e de alegria, de miséria e de riqueza, de degradação e de grandeza espiritual. Vida que foi manifestação suprema do poder divino, quando desceu de sua luminosa imponderabilidade, para se fazer visível e sensível, no mistério bíblico da encarnação.

Estranha e indecifrável é a vida nos seus caprichos e desígnios, tão difíceis de aceitar e compreender. Caprichos e desígnios, que implicam, não raro, verdadeiros contra-sensos, gerando perplexidade e suspeitando ironia. Confirma-o o que testemunhais neste momento. Aquêle que chamastes ao vosso convívio tem, em contraste com seu demérito, o duplo prêmio de vir ocupar a cadeira que pertenceu a uma das mais destacadas figuras já surgidas no cenário intelectual do país, e de ser recebido, nesse ato transcendental, por um dos vultos de maior renome do Amazonas contemporâneo: o espírito claríssimo de Péricles Moraes e a presença real e generosa de Alvaro Maia ladeiam e amparam o acadêmico recipiendário.

Dizer de Péricles Moraes é tarefa que ultrapassa, de muito, o modesto cabedal de conhecimentos, que me teria sido possível entesourar, ao tempo em que, como os moços de minha geração, fazia as mais desordenadas incursões pelo mundo fabuloso da literatura francesa e de outras velhas e fascinantes culturas, cujos mestres amados e preferidos me escuso de mencionar por temor ao labéu de ingênua pedanteria. Mestres admiráveis, que cederam lugar, na minha busca incessante de novos conhecimentos, mais práticos e objetivos, a outros não menos consagrados, que marcam de autoridade e de seriedade as lombadas dos livros de sociologia, de geopolítica, de antropologia social e de economia, mais afins com meus pendores intelectuais, neste período outonal de minha vida. Metamorfose, que não provocou constrangimento psíquico ou abalo emocional, porque em todos êles — romancistas, poetas, sociólogos ou economistas — quando opulentados em conteúdo humano, em musicalidade, em conhecimento científico ou acuidade filosófica, sempre encontrei, e ainda encontro, esplêndidas motivações de alegria e de conforto espiritual.

Esse desvio deliberado e espontâneo de inclinações não teve, entretanto, ação catalítica capaz de implicar o esmorecimento de minha sensibilidade às manifestações mais altas da inteligência. Continuei e continuo admitindo e estimando, sem arrepios, o culto da beleza pura, da arte pela própria arte, culto que alcançou, em Péricles Moraes, como mestre incontestável do estilo, a extrema sublimação. Sua obra literária, nesses

apurados domínios, libertou-se das contingências regionais, para ungir-se de autêntico sentido de universalidade. Julgou-o com inequívoco acêrto o insigne escritor e vernaculista Celso Vieira. Pertence-lhe esta definição exatíssima: "Péricles Morais — filho do Amazonas, é o antípoda mental dêsse clima selvagem. Desprendeu-se dos igarapés e dos seringais, evadiu-se das prisão aquática e de tôdas as chamas do inferno verde. A disciplina do espírito francês, ritmicamente, deu a êsse mestre da língua francesa a medida, a claridade, o senso de análise, o gôsto polido e subtil, que lhe revestem as idéias e lhe recortam as frases".

Ninguém melhor do que Leopoldo Péres, outro mago da palavra escrita e falada, disse do límpido escritor de "Figuras e Sensações", "Legendas e Aguas Fortes" e "Confidências Literárias", definindo-o e consagrando-o nesta conceituação lapidar:

"Cinzelador beneditino de legendas, mestre-agua-fortista do estilo, possuindo como os Goncourts, de par com o sentido rítmico e pictural da palavra, o culto ardente da forma, a hiperacuidade das sensações. . ."

Mas, aquêles que deteve, por vários lustros, o cardinalato das letras amazônicas, reafirmado em cada página escrita ou através de cada oração proferida; que foi um aristocrata do estilo, servido de inigualável riqueza vocabular, não refugiu à sensação de perlustrar outros domínios da literatura, que não aquêles da "crítica estética", lembrados por Leopoldo Péres.

Coelho Neto, Araújo Filho, Augusto Linhares — o romancista, o mestre do saber jurídico, o cientista **double** de homem de letras, foram temas de biografia e de análise, onde Péricles Morais nos leva à intimidade dos filões mais profundos de almas sublimadas pela bondade e pela inteligência, numa esplêndida revelação do polimorfismo de sua cultura e de sua estranha sensibilidade.

O que me nega, também, autoridade para perquirir, em vãs tentativas de análise e de mensuração, a obra do esteta e do crítico, que foi o grande intérprete do pensamento literário e filosófico de sua época e de uma época sem paralelo na história da literatura, em dimensões universais, é, sobretudo, o fato de nada ou quase nada poder crescer à glória e ao prestígio de Péricles Morais, já soberanamente proclamados nesta Casa, onde tantos, com maior valia, o exaltaram e engrandeceram.

Ao esforço convencional e desnecessário de tecer louvores a quem os recebeu em estuantes catadupas, prefiro genuflexar-me

ante a memória venerada da mais fúlgida expressão da intelectualidade amazônica, do amoroso animador dêste cenáculo, que soube exornar de impecável aticismo sua vida e sua obra literária. Sua presença anímica é, ainda hoje, e o será, na continuação do tempo, a própria substância espiritual, que empresta sentido e perenidade à vida e aos gloriosos destinos desta Academia.

* * *

Alvaro Maia foi, na mocidade, um dos poetas de mais rico poder expressional que conheci. Era numa época em que os magos da poesia brasileira — Olavo Bilac, Raymundo Correia, Emílio de Menezes, Alberto de Oliveira, Humberto de Campos, Da Costa e Silva enchiam de ritmos cristalinos e musicais ou de sinfonias turbilhonantes a concha azul dos nossos céus. Poetas que, em breve, silenciaram suas liras, cítaras e aboés, cedendo lugar à nova geração de versejadores, onde se destacavam, em clarões de alvorada, Hermes Fontes, Menotti del Picchia, Murillo de Araújo, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima e tantos outros, mais libertos dos cânones do parnasianismo, porém não menos ricos de sonoridade e colorido.

Ainda guardo no coração e na memória a ressonância maravilhosa de seus versos, lidos muita vez, em noites de plenilúnio, povoadas de misterioso e insondável magnetismo. Versos nem sempre publicados porque esse Crespo de ritmos, imagens e idéias de faiscante beleza, não raro, cometeu, à maneira lendária de Sardanapalo, o sacrilégio de destruí-los pelo fogo, voltando a ser chama ardente e real aquilo que tinha sido luz de espírito, sua própria chama interior.

"Traí minha beleza e cometi um crime!" disse, certa vez, Alvaro Maia, em versos de que talvez não guarde recordação. Traição ao seu mundo íntimo, agitado e rebelde, imprevisível e fascinante, menor, porém, do que o crime de não haver apresentado seus contemporâneos com um livro onde entesourasse as mostras virgens daquela poesia, que brotava, espontânea e pura, de seu coração ainda liberto das angústias que a vida reserva a todos nós, depois de ultrapassados os limite imponderáveis da adolescência.

Versos riscados sem as pautas confinantes do convencionalismo, quando a manifestação do pensamento não persegue formas nem modelos, mas traduz, unicamente, o próprio transbordamento interior, em ímpetos de idealismo e de beleza. Versos traçados a esmo, nascidos do coração como a água cristalina jorra de uma fonte ou se despenha das montanhas, indisciplinada

e turbulenta. Versos jogados da amurada de um navio, cantando a saudade de quem parte, como êstes, de que talvez nem êle mesmo guarde a sofrida recordação :

“Despeço-me de ti como o proscrito
que, da risonha pátria desterrado,
parte para cumprir seu negro fado,
noutra pátria de fel e de granito.”

Versos impregnados de revolta, ante a ameaça de mutilação de um dos mais belos patrimônios espirituais de Manaus — a veneranda Sé Catedral — onde, juntos, fizemos nossas orações, e que é como um pedaço de nós mesmos, povoando recordações inapagáveis. Ante a ameaça sacrílega, Alvaro Maia ergueu o látigo de fogo de sua poesia, para encerrar com êsses alexandrinos, que me ficaram gravados na mente, por tôda e para tôda a minha vida :

Satan, germen do mal, te persegue das sombras
Mas Deus, senhor do Bem, te protege dos astros.

Se me perguntasseis, porém, em que ponto culminante de sua vida marcaria encontro com Alvaro Maia, para tributar-lhe homenagens de amigo e de admirador, eu me transportaria a certa noite inesquecível, em que o poeta, o prosador, o sociólogo e, finalmente, o homem público, no esplendor vigoroso de sua formação, transmitiu a seus coevos, aos homens endurecidos nos labores cotidianos ou maturados nas lides do pensamento, aos novos e aos velhos, aos varões e às mulheres de nossa terra, a mensagem maior de sua vida, aquela esquecida e onipresente “Canção de Fé e Esperança”.

Mensagem que deveria ser catecismo de nossa juventude, porque ainda hoje responde aos seus sentimentos e anseios de libertação e de renovação. Notável em seu contexto doutrinário, veste-se de grandeza e de aprimoramento cívico e se esmalta de incomum beleza literária. Apontá-la às gerações presentes é dever primordial de cidadania; recomendá-la à meditação de todos e ao seguimento dos rumos nela traçados valerá como serviço de invulgar conteúdo prestado ao Amazonas. E, ao lembrá-la, rendo minha homenagem maior ao amigo, ao intelectual e ao homem público.

O aprêço que ainda hoje dedico ao poeta, ao orador e ao jornalista, que se projetava nos céus planiciários e, quiçá, do Brasil, quando suas rimas, orações e tropos de imprensa lem-

bravam explosões solares não implica desmerecimento à obra literária de Alvaro Maia, a partir de quando sofrimentos e responsabilidades começaram a fazer e a disciplinar a força criadora de seu espírito, fecundo e fértil como as várzeas milagrosas do rio, cujas águas amarelas emolduram as paisagens de sua mocidade. Paisagens que seriam, mais tarde, tranqüilas e amorosas recordações, nos magníficos poemas que enfeixou em "Busina dos Paranás", onde a nostalgia do eterno enamorado de sua gleba esplende, banhada na luz faiscante dos verões, dilui-se na suavidade dos crepúsculos, ameniza-se na claridade mística dos plenilúnios, ou se povoa de sombras e duendes, em noites que lembram a escuridão primitiva, antes do *fiat* criador do sol e das estrelas. Nem outro é o conteúdo de "Beiradão", onde contrastes e conflitos, esperanças e desenganos, alegrias e tristezas, ao longo das jornadas heróicas de homens e mulheres, ícolas ou ádvenas, parecem lançar aos céus do Rio Madeira gritos, lamentos e imprecações, que seriam, na realidade, o transbordamento de sua própria e martirizante angústia interior.

A paisagem e o homem, os sortilégios da terra, em sua estonteadora grandeza, e o drama dos que violam a solidão de seu portentoso mundo florestal, com êles sofrendo e amando numa fabulosa e estranha simbiose, encontraram em Alvaro Maia, nesse livro singular, seu insuperável intérprete. Essa paisagem e êsse drama se confundem, em natureza e espírito, com o artista, como se fôsem sua própria substância corpórea e anímica. Sinto que se condensam em Alvaro Maia o barro úmido das várzeas colmatadas, o alargado dos campos gerais, a esmagadora massa florestal das terras-firmes, a alvura das praias riscadas e musicadas pelo vôo e pelo grito das gaivotas, a extensão monótona e tranqüila dos estirões, a paisagem enfeitiçante dos lagos e paranás, como se êle próprio nada mais fôsse do que a síntese viva de tôdas essas prodigiosas e inexoráveis forças telúricas, empenhadas e sublimadas em sua maior criação.

Reverenciando a memória de Péricles Morais, nume tutelar da cadeira que ocuparei neste sodalício, e dizendo da projeção intelectual de Alvaro Maia, no passado e no presente, acredito haver cumprido minha primeira e mais agradável tarefa, ao receber o honroso galardão de titular da Academia Amazonense de Letras.

Resta-me, a partir de agora, dignificar a láurea recebida, mobilizando minhas derradeiras reservas espirituais e intelectuais, para convosco officiar nos sagrados rituais do culto à beleza, que tem na Academia Amazonense de Letras, seu esplendente santuário.

Resposta a COSME FERREIRA

ALVARO MAIA

Perquire Cosme Ferreira Filho, no pórtico do discurso de ilustre recipiendário, a causa ou as causas de também vir ancorar no auditório da Academia Amazonense de Letras, como brigue de ouro numa angra helênica, ou ubá ameríndia num fiord tropical do Rio Negro, refratário, que sempre foi, e até por índole arredia, a agrupamentos ou seleções, sem o imediatismo de ações pragmáticas ou construtivas. Tento uma explicação. Declara, referindo-se aos processos de renovação revolucionária nos variados quadrantes da Arte, — poesia, escultura, pintura, arquitetura, que "seria também compreensível que novos estilos e critérios influenciassem, na forma e no conteúdo, os discursos proferidos em solenidades de tão relevante significação".

Considero justa a reparação e venho receber o nôvo e antigo companheiro à luz dêsse critério, mais em conversa ao pé-do-fogo do que em fala duramente acadêmica. A sua vocação literária, em realismo e impressionismo, não decorre de impremeditação vulgar. Vêm de longe as nascentes: fluem da impuberdade, quando na tradução das églogas do "Georgicum", as férulas piedosas dos professôres Geraldo Amorim e monsenhor Manuel Monteiro enxertavam nos ouvidos dos meninos ginasianos — "conjugas e declinas, saberás língua latina". Os ecos maravilhosos de Vergílio, marulhando nas estepes amazônicas com o perfume de 3.000 anos, acendiam chispas naquelas cabeças em flor, curiosas à fecundidade das glebas e à sua fecundação pelos ventos mediterrâneos, acionados por deuses e acionando enchentes semelhantes às nossas enchentes planiciárias, "inundando florestas, arrastando rebanhos e estábulos, em seu furioso remoinho".

Há-de recordar nestes degraus de declínio, quando o sangue perdendo o remígio tende a voltar às origens, o fecho do primeiro canto, — "o resplendor do sol cobrindo e aureolando a fronte

de Cezar moribundo. ("**extincto miseratus Cæsare Romam cum caput obscura**").

Há-de repetir o início do segundo canto, ensinando "o culto das árvores e dos astros do céu", (**arborum cultus et sidera cæli**), como uma ordem agro-esportiva :

— "Descalça os coturnos e tinge comigo as pernas nuas no mosto novo", ou, com a tradução atualizada por trinta séculos : "abandona o asfalto das cidades e vem beber vitaminas nas florestas" !

Tivemos a boa sina de vogar e vagar pelos rios da vida nos mesmos bancos de escola e canoa. Líamos após, nas aulas de português, razouradas as nossas impurezas por Júlio Nogueira e Adriano Jorge, estrofes camoneanas de incentivo à guerra :

"Deu sinal a trombeta castelhana,
horrendo, fero, ingente e temeroso...
Ouviu-o Monte Artabro e o Guadiana
atrás tornou as ondas de medroso.
Ouviu-o Douro e a terra transtagana,
correu ao mar o Tejo duvidoso;
e as mães, que o som terribil escutaram,
aos peitos os filhinhos apertaram". (IV-28)

Ouvimos capítulos da História Universal pelo Cônego Israel e versos de Shakespeare por Plácido Serrano. Era uma geração de alunos materialmente pobres, favorecidos pelos veios auríferos dêsses grandes Mestres. Relembro êsses dias, como elucidação ao "indisfarçável **ultimatum**, em ordem peremptória, "a que teria de submeter-se. Não foi vaidade, nem vassalagem, na alusão de seu discurso. Era a seqüência, o fim do impulso inicial. A ascensão à Academia representa apenas o que madrugara naqueles tempos, as aleluias de carrilhões que lhe embalaram a imaginativa.

Lembra-se das nossas excursões pelo igarapé da Cachoeirinha, com certas margens ainda cobertas de ingaranas, perto do Caxangá, pelo Lago do Januari, ou "na ponta zul do Tarumã", iarizada no poema de Olegário Mariano? Parávamos os remos nas ioles do "Ruder Klub" e ouvíamos as ressonâncias dos sinos da Catedral de Manaus. Murmurávamos uma Ave-Maria no meio das fôlhas e flôres. Essas ressonâncias despertavam tôdas as criaturas; iam longe, distribuídas pelos ventos. E não sei ainda porque uma difusora moderna não as gravou, e envia, num bom-dia de Manaus às populações irmãs do interior.

* * *

Estas recordações são apenas para compreender a sensibilidade supersônica de Cosme Ferreira Filho, caracterizada no seu livro, ainda inédito, — "Rosáceas e Painéis". Não poderia permanecer isolado naquela colmeia agreste, em que zumbiam, violando orquídeas para a tessitura do mel, Abelardo Araujo, Demóstenes Carvalho, Romero Estelita e outros, vitoriosos, posteriormente, em diferentes setores técnicos e burocráticos.

A Academia Amazonense de Letras, segundo o discurso de posse, deve constituir-se em anfiteatro universitário e, assim, dêste salão, como exemplo, não me furto a citar cenas de adolescência. Demóstenes trabalhava na "Manaos Tramways", azeitando rodas de bondes e limpando peças mergulhadas em recipientes de querosene. Seria depois um dos discípulos de Carlos Chagas; seria chefe dos serviços federais de saúde em Natal, vice-presidente e presidente do Ceará, onde, num banquete, sentiu punhaladas num pulmão e previu a hora final para o dia seguinte.

Uma tarde, fomos à Sub-Usina de Eletricidade. Lá se encontrava, sujo de graxas e ferrugem, Demóstenes de Carvalho, nos seus 17 anos. Tirou da blusa encardida o poema "Coisas do Passado", que Adriano Jorge elogiou em aula de português. Historieta simples, vitalizada pela musa desabrochante do ginasiano, ainda na terceira série. Enredo ingênuo, um par que presta juramentos eternos de fidelidade: separaram-se os dois. Três anos volvidos, encontram-se, mas a noiva, casada, levava pela mão uma filha pequenina.

Vamos ouvir trechos de Demóstenes, entre os ferros velhos da Sub-Usina, sonorizando um capítulo comum de romance comum.

— "Morrerei de paixão, de dôr e de amargura
(Dizias a chorar nos braços meus, um dia)
Se esqueceres esta afeição tão pura,
Batizada no templo augusto da Ternura
E banhada de luz no seio da Alegria !

Amo-te muito, muito ! A minha vida inteira
A ti pertence tôda : é tua, és meu senhor !
Que me importa que o mundo, o eterno vil, não queira
Seguir-me para o gôso em sideral carreira
Se eu vou com teu amor, teu desejado amor ? !

.....

Que se desabe o céu sôbre nossa cabeça !
 Que se levante o mar e vôe pelos espaços
 E que se apague o sol e o dia se escureça !
 Floresça o teu amor e o meu amor floresça,
 E sou feliz, feliz, se me apertas nos braços !...

.....

Longos, bem longos três anos foram passados.
 Prazeres, ilusões, sonhos turbilhonando
 Fugiram aos milhões. Novos rostos corados
 Vieram encher de luz os meus olhos cansados,
 Humilhando minh'alma e o coração magoando.

Soube que te casaste — ó vingança divina !
 E um dia, ao pôr de um sol ardente, eu te avistei
 Levando pela mão a filha pequenina;
 (Que belo querubim ! que adorável menina !)
 Tem o mesmo fulgor da mulher que eu amei !...

E quando o teu olhar brilhante e enlanguecido
 Pousou no meu olhar, tu sorriste e eu sorri;
 E' que neste momento há tanto apeteçido,
 Tu sentiste eu dizer como um eco sentido :
 "Não morreste de amor ? nem eu também morri..."

Não era sòmente Demóstenes, nem Abelardo, mas outros
 que se dispersaram, como Geraldo Brito.

"Uma flauta gemendo, um sino a badalar
 Dentro da noite escuta. Os ossos me penetra
 Frio atroz; e do vento o som rouco soletra
 Sacudindo o arvoredo, o teu nome a chorar.

A saudade me punge e é tanto o meu pesar
 Que em vez de revoltar-se a alma fraca te impetra
 — E do teu abandono ela se compenetra —
 A graça dum sorriso e a benção dum olhar

Nunca mais ! Nunca mais o teu cabelo louro
 Os meus olhos verão como cascata d'ouro
 Rebrilhando, esplendendo em volúpia secreta...

Nunca mais!... Nunca mais o teu corpo divino
 — Hóstia branca de amor, terra do meu destino
 Perturbará rugindo a minha alcova quieta!..."

— Esse ambiente e êsses anseios não deixariam de influir em Cosme Ferreira Filho e são dêsse tempo as rimas de **Gloria in Excelsis Deæ**.

"Nos teus olhos castanhos entrevejo
 Essa obsessão, que os nervos te envenena...
 É uma cabeça de mulher morena,
 Visionário rincão do teu desejo."

Sinto às vêzes, que seu olhar se aviva
 E em teus olhos embebe-se, lembrando
 O gládio de um relâmpago, rasgando
 A densidão da terra primitiva."

* * *

Nas molduras clássicas do soneto, na sincronização das rimas, ou nos ritmos soltos, foi sempre um cinzelador da palavra dentro da música, nas inspirações genuinamente panteístas, no deísmo pagão do Amazonas ou nas revelações do seu mundo interior. Ressalte-se o contraste das imagens, cintilantes como estilhas de forjas; admire-se, naqueles versos, a beleza do gládio incendiado, ferindo a escuridão da noite.

Quando descreve os campos, em "Vagalumes", vêem-se, nos lampejos de arco-iris, dissolvido nas trevas, flôres ardentes, porejando luz; as árvores se fundem em jóias e colares, proporcionando à selva uma festa veneziana.

Ante êsse resplendor, em "Oblação", não foge ao misticismo afro-ameríndio, e à luz da própria natureza, ergue "a taça do mal secreto e hereditário de nossa Raça".

"Alma Vazia" é uma página da antologia :

"Noite. Pelo ar, em lúgubre revoada,
 Escuto o ruflo de asas agoureiras...
 Sobem gemidos de almas prisioneiras...
 Do sol em pandemônio transformada.

Abro os olhos por ver, na noite ermada,
o contôrno das coisas verdadeiras
e apenas vejo, no ermo das clareiras,
sombra, silêncio, escuridão, mais nada !

Fico a cismar neste mistério e penso
na minha estranha e intérmina amargura,
sob a impressão de um desespero imenso.

E pressinto que, n'alma abandonada,
trago sòmente, como a noite escura,
sombra... silêncio... escuridão... mais nada !"

Aí estão, de-repente e a distância, alguns coloridos e vitrais de "Rosáceas e Painéis". O rapsodo há-de editá-los em volume. No escritório atual de cifras, esquemas, teses, monografias, devem figurar êsses discos de alta fidelidade — imprecações de iansãs e xangôs, sambas sertanejos e noturnos clássicos.

II

O jornalista, comentariando problemas econômicos, especialista nos mistérios da Amazônia, evidenciou-se nas colunas do "Jornal do Comércio" e na Revista da Associação Comercial". Evidenciou-se através de anos seguidos, como técnico renomado que pela cultura e observação quotidianas, enobrece o seu tempo e é chamado a opinar em conferências interestaduais.

Quando se espalhou a descrença nas atividades extrativistas, pela desvalorização da hévea, promovendo êxodos de trabalhadores, facilitados pelos próprios ministérios, que, por êsse modo, desguarneciam as nossas maiores fronteiras, Cosme Ferreira Filho reagiu, demonstrando que o despreço era a sinuosa de uma crise vencível com as novas aplicações industriais e aumento de consumo. E agiu conscientemente, organizando emprêsas : as enxadas abririam sulcos para seringueiras e castanheiras na estrada do Aleixo.

O coração, aparentemente cético, debulhava esperanças, numa hora em que os mais fortes desesperançavam, rumando para outras paragens, em fuga a terras invadidas ou incendiadas. A crise era um desnível natural às zonas em exploração, uma curva descendente de onda poderia subir mais alta.

Prosseguiu no combate; a literatura, às vêzes malsinada, foi uma alavanca. O homem de negócios, como um ilusionista,

bradava pela inversão de capitais, clarinando para que os trabalhadores não abandonassem as trincheiras abertas, definindo-as casamatas de reação nacional contra cobiças estrangeiras. A crise era uma cortina de fumaça, um bombardeio preparativo, para que as guardas se retirassem e os invasores dominassem áreas já desbravadas. Guerra de competições, estratégia da economia.

* * *

Essas atitudes indicariam Cosme Ferreira Filho para uma tribuna mais poderosa: foi eleito à Assembléia Constituinte de 1945, onde, apoiando a emenda Leopoldo Péres, de que derivou o artigo 199 da Constituição da República, produziu discursos de profundidades geo-econômicas.

A aprovação desse artigo, muralhando nossos largos limites, não importaria apenas no desenvolvimento de uma região, mas em precaução contra agressividades futuras. Seu companheiro nessa luta, de que se não escreveu ainda a história, coube-me a tarefa de analisar a emenda sob o aspecto internacional, sustentando-se que a Valorização da Amazônia seria completa, se estendível a outras amazônias, pertencentes aos países vizinhos e banhados pelas mesmas águas providenciais. A ação da Bancada Amazonense não se restringiu a um esquema regional temporário, porém à defesa e prestígio brasileiros no continente Sul-Americano, à execução de medidas pelas nossas iniciativas e jamais pelo pressionismo exterior, hoje preconizado no programa de expansão soviética, discutido e aprovado em Moscou, em outubro do ano findo. Sem a aplicação da emenda nos desígnios dos constituintes daquele ano, estaria sujeita a Amazônia a constantes investidas internacionais, a influxos financeiros ou — quem sabe? — a enxurradas mais graves.

* * *

Não foram somente os Constituintes de 1945. Antes desse artigo 199, no transcurso de 1910, a Associação Comercial do Amazonas instalava um congresso, a que compareceram representantes do Peru e Venezuela. Em 1929, Cosme Ferreira Filho alertava a convocação de delegados dos países produtores de borracha para uma reunião no Rio de Janeiro, em que estariam presentes, além do Brasil, o Peru, a Colômbia e a Venezuela.

Em 1939, no "Discurso do Rio Amazonas", o Presidente Vargas, desta vez em amplitude genérica, lembrava a realização de uma conferência de tôdas as nacionalidades beneficiadas pelas

águas planiciárias, de que sairia, talvez, o código ou o convênio da Amazônia. Não se realizou... Não é demais afirmar que os países superpopulosos aumentaram olhares conquistadores para estas áreas sul-americanas, — mais sedutoras do que a lua, os desertos, as geleiras e as regiões polares.

Estaria errada a apreensão de Cosme Ferreira Filho, economista e sociólogo, nesta análise irreverente dos acontecimentos? De forma alguma.

IV

Após a última guerra, verificou-se a fome como primordial barreira de dissidência e desentendimento: na frase de Lord Boyd Orr "a fome é mais perigosa que a bomba atômica para o futuro da humanidade", — efeito e causa de pobreza e de miséria de um bilhão e meio de seres humanos, ou sejam 66% das populações do mundo.

Josué de Castro, demonstrando o pavor dos povos ricos e dos indivíduos ricos, em seu grito. "O Livro Negro da Fome", a que me recorro, é concludente: "a realidade desta miséria universal divide o mundo em dois grupos de seres humanos: o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem. O grupo dos que não comem habita os países pobres e se julga esmagado em sua miséria pela pressão econômica das grandes potências industrializadas. O grupo dos que comem habita as áreas mais ricas do mundo, mas não dormem pelo pavor que lhes infunde a revolta dos que não comem".

A população do Amazonas é incluída, pelo grande cientista da FAO e da Fome, entre os subnutridos e subdesenvolvidos, habitando, entretanto, uma região de florestas, de rios, de recursos florestários e terras agricultáveis. E pertence ao grupo dos que não comem.

Ora, a fome está exigindo a "utilização agrícola das zonas áridas, semi-áridas e mesmo sub-polares".

A cobertura jurídica é um mito quando não há marinha, aeronáutica, exército para sustentá-la, maxime no aceleramento de uma população de dois bilhões e quinhentos milhões, evoluindo para três bilhões, mesmo sob restrições malthusianas. Face a essas imposições, que se observa? Respondem as rebeldias emancipacionistas dos povos africanos, respondem Gôa e Nova Guiné. Face à miséria coletiva, que se vê? As lutas salariais, nos escalonamentos públicos e privados, as greves operárias, as ligas camponêsas, a princípio no nordeste e, hoje, atingindo várias unidades federativas.

Imperam maiores violências nas nações de muitos milhões de habitantes e poucas terras, o que não é caso do Brasil, nem do Amazonas. Houve, entretanto, o povoamento incerto, determinado pelo isolamento, e, neste período, se impõe a redistribuição dessas terras humanas.

Tais idéias, que preocuparam os Constituintes de 1945 na defesa do artigo 199, vêm do Império, dos primeiros anos da República, acentuando-se no domínio dos povos menores, pelo bloqueio financeiro, pelas revoluções inevitáveis, clamando por lei protetora e pelas influências externas.

Já em 1893, Eduardo Prado formulava "A Ilusão Americana", libelo contra os Estados Unidos, relembra a frase secular, repetida pela demagogia moderna: "a fatalidade faz com que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres". (pg. 134 — "A Ilusão Americana" — Ed. Prado).

Outros documentários surgiram, publicados ou escondidos em relatórios e pareceres, arquivados em ministérios e chancelarias. E agora, em 1960, o grande historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, autoridade em assuntos do norte, publica "A Amazônia e a Cobiça Internacional". Citando o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, a respeito de um "Brasil Amazônico para uma América Amazônica", precisa aquele historiador: "Dois terços, — atentem bem para êsses algarismos, os nossos leitores: — dois terços da pátria permanecem em condições precaríssimas com apenas 3.500.000 habitantes. Os outros 56.500.000 do total da população do Brasil ocupam os restantes 1/3! Ora, êsse quadro não é ignorado lá fora. Daí o interesse que se constata à volta de sua sorte, de seu aproveitamento. As pressões demográficas, as pressões da fome, as pressões do interesse econômico em torno das matérias primas regionais podem conduzir a soluções profundamente humilhantes para o Brasil. Os perigos que rondam a Amazônia entram pelos olhos da cara". (pg. 257-258 — "A Amazônia e a Cobiça Internacional").

E' exatamente nesta hora de apreensões que Milton Eisenhower discursa perante 1.500 delegados de várias procedências do Continente:

"A liberdade do mundo bem pode depender dêste Hemisfério", mas ou os líderes de jovens nacionalidades vacilantes "introduzem, por meios pacíficos, rápidas reformas sociais que prometam justiça para tôdas as classes, ou terão também de fazer frente a violentas revoluções, que poderão derrapar facilmente para ditaduras comunistas".

¹ Cuba fagulha nas Antilhas; a Guiana Inglesa, vizinha ao Amazonas, aspira sua emancipação para breve tempo e representa uma ponta de lança no extremo-norte.

Norteadores de obras sociais, de profundidade nos peraus da religião e da economia, com ação nos sindicatos e nas rivalidades dos mercados aquisitivos autopsiam as causas de tantas inquietações. Ouçamos um apóstolo iluminado :

— “Enquanto, em mãos de poucos, se acumulavam riquezas imensas, as classes trabalhadoras iam gradualmente caindo em condições de crescente mal-estar. Salários insuficientes ou de fome, esgotadoras condições de trabalho, que nenhuma consideração tinham pela saúde física, pela moral e pela fé religiosa. Sobretudo inumanas as condições de trabalho, a que eram frequentemente submetidas as crianças e as mulheres. Sempre ameaçado o espectro de desemprego. A família, sujeita a contínuo processo de desintegração. Daí, uma profunda insatisfação nas classes trabalhadoras, entre as quais se propagava e se consolidava o espírito de protesto e de rebelião”. (“Mater et Magistra” — Papa João XXIII).

Serão conceitos dos enciclopedistas do socialismo avançado ? Serão de Marx, de Engels, de Lenine ? Não ! São da derradeira Encíclica do Papa João XXIII — “Mater et Magistra”. Passemos ao Brasil.

O Manifesto de janeiro findo, lançado pelas classes conservadoras ao país, descrentes da ação administrativa e dos partidos políticos, — associações, **lions**, centros, federações, sindicatos, — é uma gesta revolucionária, que deve ser lida e comentada nas escolas, “aprovada sob o signo da justiça social, sob o signo da liberdade individual, — instrumento insubstituível de trabalho, que dignifica o homem”.

— “O Brasil não pode ser vencido; nem o será. O Brasil desafia o nosso instinto de conservação, e não merece que o desamparemos. O Brasil deve empenhar-se num esforço decisivo, nesta encruzilhada da nossa História. A honra nacional se exprime pela capacidade de um povo de construir o seu próprio destino. A deserção dessa luta será, já agora, um ato de traição à Pátria” —

* * *

V

À luz desses conceitos geo-econômicos, geo-políticos, geo-religiosos, escreveu Cosme Ferreira Filho o discutido livro “Amazô-

nia em *Novas Dimensões*", em três partes substanciais, exaltadas por Gilberto Freyre, Arthur Cezar Ferreira Reis, João Crisóstomo de Oliveira, João Nogueira da Mata, Waldemar Batista de Sales e outros.

Venho referir-me somente à parte sobre as intenções estrangeiras, aos capítulos que parafusam a obra, às obras de Eduardo Prado e Arthur Cezar Ferreira Reis — *"A Ilusão Americana"* e *"A Amazônia e a Cobiça Internacional"*, já citadas.

Pregando a imperiosa necessidade de uma "estrutura agrária nova", que ajude a evitar a pobreza e a miséria, molas paradoxais das revoluções, exige um plano de humanização, a fim de que não se improvisem ligas florestais, irmanadas às ligas camponêsas. Não combate o latifúndio, "mal necessário" em nosso desbravamento; conhecendo certos interiores, advoga, entretanto, um pedaço de terra livre para a agricultura e a pequena criação do seringueiro, como base para fixação da família.

Assegura, na primeira página, que "nenhum poder militar, como nenuhm preceito ou preconceito de âmbito nacional, impedirá que os territórios da Bacia Amazônica, tanto de jurisdição nacional, como dos países que dela participam, sejam utilizados nessa operação, embora em termos pacíficos, como episódio da solidariedade humana".

Quando êsse acontecimento irreversível ocorrer, faz-se necessário que a cultura brasileira, já se encontre nitidamente impressa na Amazônia, evitando que o recebimento de massas humanas alienígenas desfigure a unidade política e espiritual do país".

E' um conceito inapelável, imprescindível aos demais países amazônicos.

Não o esqueceram os delegados amazonenses, inscrevendo-o, em tábula de lei, na Constituição de 1946. Foram-se 16 anos; faltam 4 anos. Provou Cosme Ferreira Filho, em seu livro, a descaracterização da emenda, que, na apresentação, determinava a "valorização da Amazônia, como encargo nacional e permanente".

Bloqueou-se a idéia e, em consequência, por envolvimento político, surgiu uma espécie de Amazônia legal, subvertendo a geografia: surgiu o "Plano de Valorização Econômica" (S.P.V.E.A.), que apresentou um "opulento trabalho de 710 páginas". Afirma Cosme Ferreira Filho que o Congresso Nacional, até hoje, não se armou de coragem para enfrentá-lo, condenando-o a um melancólico engavetamento.

De qualquer forma impõe-se aos futuros legisladores a prorrogação do prazo constitucional, ressalvado, no próprio artigo 199, pelas palavras "a União aplicará, durante, **pelo menos**, 20 anos consecutivos, quantia não inferior a 3% de sua renda tributária".

Cite-se nestas considerações, como um preito de verdade e justiça, o livro "As Reivindicações do Amazonas à VI Conferência dos Governadores", organizado pelo governador Gilberto Mestrinho, destinado ao Conclave que deveria realizar-se em agosto do ano findo, supervisionado pelo ex-presidente Jânio Quadros. Folheei o volume, ainda guardado aos curiosos, no Rio de Janeiro. Tem um aspecto pragmático, em oito temas, em que se atenta à educação e à saúde, o amparo do elemento humano, e elemento brasileiro, para a ocupação melhor da terra e integração do Amazonas à civilização brasileira. A explanação dos vários capítulos constitui a história das nossas necessidades, cimentando um plano regional no plano nacional, um plano nacional num plano defensivo de tôdas as nações amazônicas.

* * *

Não se acuse o passado. O Império e a República muito despenderam pela unidade da planície, mas não fizeram tudo o que deveriam fazer. Porque não podiam, porque ainda se consolidava a Nação, porque as ambições eram diferentes, porque hectares de terras produtivas não desafiavam milhões de famintos de outras bandeiras, como manadas gordas pastando em campos desprotegidos. A abertura dos rios à navegação internacional, sãbiamente decretada pelos estadistas do Segundo Reinado, exige, nestes dias, patrulhamentos aéreos e navais, em cobertura às fortalezas solitárias e aos postos estratégicos de fronteiras.

Além de imperativo nacional, a ocupação das terras da Amazônia pelos povos que nela vivem, desde o Atlântico ao Pacífico, das serras do norte às serras do sul, nos limites históricos e jurídicos de cada uma, é, por sua vez, um determinismo latino-americano. Os caminhos estão traçados pelos próprios rios: — basta prosseguir a obra dos colonizadores, missionários e desbravadores.

* * *

VI

Em sua monografia "A Conquista Acreana", curvando-se aos 300.000 sacrificados na terra criança, em que o "bugre foi

o primeiro trabalhador", Abguar Bastos diz que "o cearense e o Acre eram dois destinos ainda sem comunhão com a vida: o primeiro à procura de uma terra que o recebesse, o segundo em busca de um povo que o tomasse. Ambos soturnos, ásperos, trágicos. Ambos libertando das costas um deserto agressivo. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios (Abguar Bastos — "A Conquista do Acre", pg. 13).

Esta imagem formosa leva-nos a outras imagens, também formosas, de Cosme Ferreira Filho, quando desenhou a "terra sem dono e o homem sem terra". Diferente é a pervagação de restingas férteis, habitadas por índios, e de rios já ensarilhados de barracões, vilas e pequenas cidades. Mais suave, incontavelmente, é a penetração. Observando os futuros ocupantes, acostumados ao rádio e aos aviões, Cosme Ferreira Filho quer mais e mergulha em imagens pagãs.

"Com relação ao deserto amazônico, — escreve —, é a terra vazia que reclama a presença humana, para ocupá-la e beneficiá-la. Como uma cortezã desprezada e esquecida, cabe-lhe ataviar-se com todos os recursos de sedução, para que o homem a aceite e a procure, possuindo-a e fecundando-a num amoroso conúbio, que provocará sua humanização e valorização" (pg. 205).

Os olhos desses beneficiadores, se brasileiros dos sertões, verão melhoramentos, que não viram em seus pagos nativos e renderão homenagens aos que aqui lutaram e morreram, aos que aqui lutam e vivem.

Quem poderá negar os entreveros heróicos dos primeiros sertanistas, seringalistas e seringueiros? Quem poderá negar a tenacidade de exploração, industrialização que se lhes seguiram? Quem poderá negar mérito e iniciativa ao poderio da Refinaria do Paredão, aos esforços de I. B. Sabbá? O impulso dos irmãos Aristóteles e Sócrates Bomfim nos depósitos de manganês do Aripuanã e na Companhia Siderúrgica da Amazônia, localizando jazidas de carvão vegetal, de reservas metálicas no rio Jatapu, mediante assistência técnica da Empresa Krupp? (Convém notar uma circunstância interessante: relí "Um Esboço da Vida Amazônica", de Sócrates Bomfim, publicado pela "Coleção Araujo Lima", da S.P.V.E.A. Nessa esplênida monografia, o idealizador e realizador da Companhia Siderúrgica dedicou poucas palavras a reservas minerais).

E as iniciativas das serrarias de João Furtado, no "império colonial" da estrada do Aleixo? Já não me demoro nas perfu-

rações da Petrobrás, nas usinas de juta, de pau-rosa, em Parintins, em Manacapuru, em vários rios e lagos da hinterlândia.

Não somente o capital das indústrias e comércio, objetivos, mas por outro lado, o capital intelectual, o revelador e renovador.

Nem se pense, à maneira de Monteiro Lobato, em anátemas às autoridades do seu tempo, que o Brasil surgisse, em recenseamento futuro, como um país de 80 milhões de mendigos. Afirmou-se, na recente conferência do Plano de Aliança para o Progresso, em Punta del Este, que o "maior recurso econômico de um país é o próprio povo". Houve reações: já estamos nos 70 milhões, que pretendem fugir àquela mendicância e fugirão, se amparados por leis agrárias e sábias.

Creio, entretanto, em oposição a destruidores pessimismos, e pelas causas expostas, na projeção industrial e mental do Amazonas, na Amazônia brasileira e na Amazônia-americana com a periferia varrida por três mares, e o coração em Manaus. Urge que essas terras se nacionalizem, urge que as populações se unam, seguindo o exemplo das próprias religiões nos tempos modernos.

VII

Cosme Ferreira Filho vem responsabilizar-se pela cátedra de Péricles Moraes, um dos maiores críticos brasileiros, cujos estudos nos orientam no conhecimento das obras de Anatole France, de Rémy de Gourmont, de Coelho Neto, Heliodoro Balbi, Leopoldo Péres e outros vultos nacionais e estrangeiros.

Amigo e contemporâneo de Heliodoro Balbi, compreendeu bem o Cid amazonense, que desapareceu nos barrancos acreanos, sem perder a fé no direito e na lei.

O maior analista da literatura amazônica encontra um substituto à altura dos seus merecimentos, apenas com uma diferença: Péricles Moraes enfurnou-se em selecionada biblioteca, abstraído em sistemas filosóficos, filológicos e literários; Cosme, enamorado tarzânico da natureza, semicego aos vortilhões sociais, possui radar para noturnos e tempestades, numa invencível disciplinação às forças indisciplinadas do mundo amazônico.

Há, em seu discurso, uma indagação e um compromisso: "Resta-me, a partir de agora, dignificar a láurea recebida, mobilizar minhas derradeiras reservas espirituais e intelectuais para convosco officiar nos sagrados rituais do culto à beleza, que tem, na Academia Amazonense de Letras, seu esplêndido santuário".

Atende, assim, ao apêlo para ser sentinela num templo, sacerdote peregrino dêste santuário, e empreenderá um trabalho incessante de pura inspiração glebária, nas variadas modalidades da arte.

Afirma-se também, nessa esfera pensamental, um esforço beneditino de revelação, no desdobramento perene dos nossos companheiro de Silogeu, especialmente pelo ilustrado presidente Leôncio Salignac e Souza — revelar, de preferência, nossa paisagem geográfica e humana, nossa história, nosso folclore. A clarinada não se extinguiu no vácuo ou no deserto. Não se colecionou ainda uma biblioteca genuinamente amazonense, de livros do Amazonas de hoje, que sobram nas livrarias ou nas estantes dos respectivos autores.

Avultam, nesse setor, João Nogueira da Mata, Ramayana de Chevalier, Genesino Braga, Mavignier de Castro, Agnelo Bittencourt, Mario Ipiranga Monteiro, debruçados na paisagem e na história regionais, além de André Araujo na interpretação sociológica, José Lindoso, Aderson de Menezes, Nonato de Castro na fenomenologia jurídica, Aristófano Antony no amanho diário do jornalismo, em artigos que são motivos de consulta e meditação, Américo Antony, na poesia, Padre Raimundo Nonato Pinheiro, na poesia e exegese sacra. E para além dos torreões da Academia de Letras, farta é a messe, semeada pelos artistas do "Clube da Madrugada", Luís Bacelar, Sebastião Norões, Elson Farias, Jorge Tufic, Farias de Carvalho e da literatura puramente didática, das associações universitárias e secundaristas, das agremiações de música e pintura, dos institutos científicos, a cuja frente pontifica Djalma Batista, a quem se poderia aplicar a frase de Silvio Romero sôbre Lívio de Castro, quando, bem moço, publicou — "A mulher e a Sociogenia", — "jovem sábio de 26 anos". E a União dos Estudantes, invertendo oito milhões de cruzeiros em sua sede, e a Associação de Imprensa e o Instituto Histórico e Geográfico, em franca recuperação? Quero referir-me, não a vôo de pássaro, mas em vôo a jato, às lucubrações dêstes seis anos, sem esquecer os livros de ensino, exclusivamente de professôres de Manaus, adotados nos colégios.

Não devemos esquecer o Teatro Escola, em que o ensaísta Gebes Medeiros, o criador da "Linha do Equador", e da Lolita Cabocla, aprimora na palco, moços da nova geração e as escolas de sambas, pela intensidade do seu folclorismo afro-amazonense.

Nem omitir um vibrante poeta, em dezembro do ano findo, o Padre Moisés Lindoso em "Plenitude", condensando sinfonias místicas orfeônicas, em que avultam o "Cântico da Revelação" e

"O Cântico do Vento", nem Nivaldo Santiago no seu Coral e Conjunto Orfeus.

Concluindo "Amazônia sob Novas Dimensões", mostra Cosme Ferreira Filho o receio infundado, para não dizer a quase certeza de que escreve para a posteridade. "Minhas palavras não serão ouvidas nem meditadas"...

Tenho certeza de que escreve para hoje e escreve para amanhã. Semeou idéias; plantou árvores. Vive pela profícua sementeira; viverá no futuro, pelo altruísmo construtivo e mental. Ainda mais: a cidade quer encontrar-se por edifícios, usinas, melhoramentos, rodovias, com o encontro das águas, derivando para a foz do Rio Negro. Quem sabe se o castanhal e o seringal do Aleixo não serão, em anos próximos, o parque da cidade, onde novos espécimes vegetais crescerão entre pássaros em revoadas? O nome de Cosme Ferreira Filho estará fatalmente ligado a êsse museu, refúgio educativo e recreativo ao mesmo tempo, fulgindo nos cânticos das crianças e ao encanto dos visitantes.

* * *

VIII

Secundarista, mal egresso das calças curtas, substituídas pelo uniforme estudantil visionou, nas rimas do soneto "Destinos", os destinos de três mosqueteiros ginásianos, ainda fortalecendo a voz para os ritmos da juventude. Vinham prelibando os vinhos da ilusão e, logo após, se separaram:

"Depois os três nos separamos, quando
a estrada imperial da juventude
tomou aspecto esborcinado e rude,
em três gargantas se ramificando".

Um seguiria o caminho da tranquilidade, acastelando-se no sul do país; o segundo triunfaria na arrancada persistente do trabalho, o terceiro chegaria exausto ao término da jornada, porque imergira no oceano das multidões: o primeiro venceu; o segundo permanece nas trincheiras vocacionais, plantando árvores, tentando indústrias, escrevendo livros; o terceiro, porque se dedicou à liberdade coletiva, tombou à margem da vereda pioneira, caluniado e ferido. Êsses últimos são duas existências

— a frase é de Cosme Ferreira Filho, na dedicatória de "Amazônia em Novas Dimensões", — que firmam os derradeiros passos no crepúsculo de ouro, escravizados, por vocação, à fascinante tirania do verde e solitário mundo amazônico".

Fechando êsse ciclo definitivo da retaguarda sem repouso em que nos encontramos, abençoando a vida em ascensões e declínios, volvemos ao mesmo átrio da adolescência, sem desvio de um minuto na fraternidade medieval que nos uniu. É o mesmo átrio em que, em crônica envolvente, João Nogueira da Mata evocou a sua geração, acorrentada a idênticos ideais, pelas aulas e pelas armas, no período convulsionado de 1930.

IX

Recepcionando o companheiro ginasiano neste entardecer, que, ao magnetismo de tantas recordações, se inunda de clarões de alvoradas, ergo a ânfora feliz à Academia e ao Amazonas, pela conquista e reconquista de um bravo soldado, que sempre se adextrou para as frentes em peleja, nos dias mais perigosos.

Transpomos, nobre Acadêmico, uma hora intensa e bela, porque movimentada e transformadora, numa transição fatal da História, hora de batalha e coragem em todos os quadrantes da Pátria e do mundo: ditar-se, ou conservar-se à margem, com desculpas vacilantes, petrificando em egoismos as reservas finais da luta, é tombar na indecisão, parar com os que param, fomentar o derrotismo, trair a vida e atrair a própria morte.

Encontramo-nos, assim, numa encruzilhada de combate e, apesar de pequenos, podemos ouvir e repetir as palavras de Rui: amamos a pátria e não perdemos o ideal. Basta um olhar em derredor. Tôdas as fôrças espirituais são convocadas a prol da liberdade e do simples direito de viver, de preferência em conquistas sem sangue. Basta observar as conferências, os entendimentos dos grandes líderes europeus, asiáticos, africanos, americanos, isoladamente ou entre o oriente e o ocidente.

O caminho da "Mater et Magistra", e da "Aliança para o Progresso", entreaberto pelos gênios apostolares do Papa João XXIII e do Presidente Kennedy, são os pendões, ou o pendão unificado e unificador da Cruzada Hodierna. "Deus o quer", em nome de Cristo e da Luz.

Em nosso país, contornando uma das maiores ameaças do regime e ao regime republicano, tôdas as fôrças também são intimadas para um desfile em conjunto, num clarim de mobili-

zação, para que sejam mantidos a paz e o nosso patrimônio territorial, integrado ao patrimônio do povo.

Pressentem-se os rumores de aludes e tempestades, que se enovelam nos céus e se aproximam vertiginosamente. Já ressôam os primeiros ventos; já se fala em revolução; já os terrorismo, explosões de sociedades em decadência e desespêro, estouram em centros populosos.

Aniquilam-se os partidos políticos, sob a voracidade de intrigantes grupos e indivíduos, ensandecidos e encadeados por interesses pessoais; condutores de massas olvidando o mandato que lhes foi outorgado, tentam sobrepôr-se aos poderes constitucionais. Desencadeia-se a alucinação coletiva; o desencanto ameniza as resistências; generaliza-se a desconfiança nas próprias autoridades; dirigentes de associações rurais proclamam a reação pelas armas; bancos estatais anunciam falência; candidatos a postos eletivos vaticinam vinganças.

Mas associações religiosas, federações de comércio e indústria, academias, rádios, jornais erguem-se contra o perigo; esforçam-se em enfrentá-lo e conjurá-lo. E o perigo passará, como passam as crises e as tormentas.

Cosme Ferreira Filho, representando o comércio do Amazonas em companhia de outros delegados, assinou, em memorável conferência de Terezópolis, a "Carta da Paz Social". Onde se verifica a execução da encíclica, discutida e aprovada generosamente pelas classes conservadoras do Brasil? Em que píncaro habitados em que arquipélago humano, em que cidade ou campo? Foi mais uma pastoral de boa-vontade. Felizmente são numerosos os que não conhecem o desânimo e transformam as dificuldades em degraus da vitória e de paz.

Nesta hora de coragem e ação, a Academia Amazonense de Letras, pela unanimidade dos seus membros, não pode ser, e não é verdadeiramente, um vazio cenáculo de encômios e discussões, ou um cláustro de dissertações bizantinas, indiferente aos rumores e às ansiedades das multidões desnorteadas: a palavra e a pena devem lembrar, semeando ou batalhando, o juramento à Bandeira e às instituições, o respeito às Forças Armadas e às forças espirituais, que lhes avigoram a intangibilidade, e devem pugnar pela cristianização e bem-estar coletivos, pela obediência aos princípios de salvaguarda continental e pela soberania da Nacionalidade.

Nesta emergência de arregimentação, contra a desagregação, nenhum reservista militar ou mental deixará de atender ao chamado, em nome da unidade e da tranquilidade da Raça: Cosme Ferreira Filho, — poeta, jornalista, amazonólogo, industrial, sobretudo praticante de lealdade, inteligência e cultura, — em continência, sentido, para a frente!

Noticiário Acadêmico

+ Acadêmico Washington Cesar de Mello

Cumprimos o doloroso dever de registrar o falecimento do acadêmico Washington Cesar de Mello, ocupante da poltrona n.º 27. Em longos anos de convívio acadêmico, conquistou a amizade de seus pares, que nêle sentiam a crepitação da chama do ideal. Inteligente e culto, formulava sempre alto conceito do culto literário, vazando o seu pensamento em linguagem escorreitada. Tinha em preparo um valioso trabalho acêrca de Rui Barbosa, um dos numes tutelares de seus pendores literários.

O corpo do acadêmico Washington Cesar de Mello foi velado em câmara ardente na Academia Amazonense de Letras, tendo recebido o adeus dos seus confrades na palavra fascinante e sentida do Acadêmico Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, presidente do sodalício.

"Requiescat in pace !"

+ Acadêmico Bruno de Menezes

Tendo vindo a Manaus para assistir aos folguedos do VII FESTIVAL FOLCLÓRICO, faleceu repentinamente o acadêmico Bruno de Menezes, membro da Academia Paraense de Letras e festejado folclorista nacional.

O Exmo. Sr. ACADEMICO PRESIDENTE decidiu, como homenagem da Academia Amazonense de Letras à sua consóror do Pará e ao próprio insigne morto, a abertura do salão nobre para a instalação da câmara ardente, até à trasladação do corpo para Belém. Foram trocadas mnesagens de condolências e reconhecimento entre as duas Academias.

A eleição do Dr. Plínio Ramos Coelho

Por unanimidade de votos, foi eleito o Dr. Plínio Ramos Coelho, Governador do Estado, para a poltrona n.º 21, cujo patrono é Tenreiro Aranha. A Academia, concedendo-lhe a láurea acadêmica, consagrou-lhe os méritos indiscutíveis de intelectual de boa estirpe, sempre devotado ao culto do vernáculo e aos problemas do espírito e da inteligência. Para receber o novo acadêmico foi designado o acadêmico Dr. Carlos Alberto de Almeida Barroso.

Relativamente à eleição do Dr. Plínio Ramos Coelho, a imprensa local pôs no mais erguido realce a justeza da ascensão ao mais alto colégio cultural do Amazonas, tendo os acadêmicos Padre Nonato Pinheiro e Genesino Braga publicado duas crônicas, que transcrevemos no presente número.

Plínio na Poltrona 21

Genesino BRAGA

Com alguma coisa além da sua madureza moral e mental; com algo mais transcendente que o espírito de cultura e de presciência de seus códigos e dogmas; e com aquêlê conteúdo de vinho que sempre nos oferece, transbordante, no cálice da glória literária, — a Academia Amazonense de Letras, fugindo à tristeza dos crepúsculos embrumados, foi colhêr, no senso estético e no saber de Plínio Ramos Coelho, castigadas dos embates da política e das refregas sociais, as flôres do pensamento e da emoção para com elas adornar e reverenciar a poltrona 21, do velho Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, nosso poeta primígeno.

Tal como os deuses pagãos arrebatavam ao convívio dos homens os heróis antigos, o cenáculo austero, tecendo de longe a teia de encanto e de afeto em que enleia a nobre exaltação da beleza, erradica das várzeas espraçadas do ideal político, para os chãos seivosos dos semeadouros da perfeição helênica, a graça vernacular e o requinte oratório que nimbam a cultura do Lidador, nesse seu "élan" de fôrça, de harmonia e de expressão com que, ao mesmo tempo, esgrime e governa, aconselha e define, labora e constrói.

Recente reunião da Ilustre Companhia, levando a efetivar bem antigas menções e julgamentos de austeras vozes conceituosas, unanimizou, nos acadêmicos, a imortalidade do talentoso vernaculista e do escritor primoroso que todos sempre saudamos em Plínio Ramos Coelho, dentro de quem também viveu e cantou um poeta, nos dias da mocidade, pelas rimas perfeitas de líricos sonetos. Bem alto proclamaram o seu talento e a sua cultura outros talentos e outras culturas do Silogeu. Foi Leôncio de Salignac, com a refulgência de seu helenismo encantador; foi Alvaro Maia, o poeta, o sociólogo e o estadista, com os acentos

sublimes de suas idéias e a excelsa formosura de seu espírito; foi Aristophano Antony, a figura fascinante do crítico e do ensaísta, em todo o seu admirável aprêço intelectual; foi o esteta e sapiente Padre Nonato Pinheiro, enlêvo e alegria de nosso espírito pelo fulgor de seus trabalhos nos suplementos dominicais dos matutinos; foi André de Araújo, o sociólogo e o pensador, com a discreta autereza de sua luz interior; foi Mário Ypiranga Monteiro, o historiador culto e consciencioso, apaixonado da Verdade e da Forma; foi Mavignier de Castro, com o suave e capitoso "sprit de France" em suas páginas harmoniosas; foi Moacyr Rosas, talentoso e fascinante em revelar os segredos da composição estética; foi Sadoc Pereira, com a sua cultura e o seu saber jurídico; foi Carlos de Almeida Barroso, com a bela afirmação de sua inteligência modelar e o equilíbrio de suas idéias. Foram todos; todos os que, naquele fim-de-tarde invernososa, à luz coada de um vitral poeirento, diante do retrato de Péricles Moraes e do busto em bronze de João Leda, se deram as mãos do espírito e do coração, vontadosos e unânimes, conscientes e bem inspirados, independentes e alteados, derredor o nome, a cultura e o ideal literário de Plínio Ramos Coelho.

Bem viva e fresca fôlha de um velho e esplêndido loureiro foi colhêr, a Academia, para completar a palma heráldica de seus brasões de glória. E o sabor, muito romano, do nome que escolheu, — opulento e redivivo no espírito e no saber do nôvo acadêmico, — traz, para ela, o hálito imarcescível do pensamento clássico e bem se impregna daquela transcendência e do "muito além" que pairou "sous la coupole", naquele fim-de-tarde invernososo consagrador de Plínio Ramos Coelho à imortalidade acadêmica.

(Do "Jornal do Comércio", Manaus, 27-4-63)

A Caminho da Acrópole Literária

Padre NONATO PINHEIRO

Como já é do conhecimento público, o Governador Plínio Ramos Coelho foi eleito para a Academia Amazonense de Letras, o mais alto cenáculo da inteligência e da cultura no Amazonas. Ocupará a poltrona n.º 21, cujo patrono é o sonetista Tenreiro Aranha. Já se manifestaram, com beleza literária e rutilância de estilo, o cintilante acadêmico Genesino Braga e o festejado jornalista e analista literário Caio Góes, pondo no mais erguido relêvo a expressão intelectual do acadêmico. Amigo pessoal de Sua Excelência, admirador de seus opulentos dotes de espírito e de inteligência, colega de estudos ginasiais no Colégio de D. Bosco, que iniciámos em 1934, no directorado do saudoso Padre Lourenço Gatti, seria um desdouro para mim, se minha pena ficasse silenciosa em face de sua ascensão ao Silogeu Amazonense.

Quando me dirigia para a Academia, conversando com os meus botões, ou melhor, com os botões de minha batina, inclinava-me a admitir que meu dileto amigo talvez não obtivesse a unanimidade dos votos. Não duvidava de sua eleição, duvidava tão somente que se realizasse sob o critério da unanimidade. Minha incerteza subiu de ponto quando verifiquei a presença, "sous la coupole", de acadêmicos que exercem ou exerceram atividades políticas, nem sempre em consonância com os ideais e programas do jovem Governador. Lá encontrei o acadêmico Alvaro Botelho Maia. Lá encontrei o acadêmico Desembargador André Vidal de Araújo. Lá encontrei o acadêmico Aristophano Antony. Isso para citar os três acadêmicos que reputo de mais alta expressão política no passado ou no presente. Sei que há outros, mas êsses, não sei se "politicamente" (quero dizer "diplomáticamente"), deixaram de comparecer... O fato é que, no que se prende aos presentes, a eleição foi por eloqüente unanimidade.

A meu juízo, Plínio Ramos Coelho já estava, há muito, amadurecido para receber a láurea acadêmica. Muito antes

de minha eleição para a Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, que se verificou em outubro de 1949, já me despertavam a atenção o aticismo de sua linguagem, do melhor sabor vernáculo, e o fulgor de sua eloquência, tribunícia e parlamentar.

O novo acadêmico ocupou com raro luzimento uma cadeira na Assembléia Legislativa do Amazonas (legislatura de 1947-1950). No dia 18 de fevereiro de 1948, proferiu notável discurso parlamentar, versando com segurança e brilho o tema da autonomia municipal. O discurso foi veementemente aparteado pelo Dr. Jaime Bittencourt Araújo, deputado e presidente da Associação Comercial do Amazonas, mas, valha a verdade, o orador foi sobremodo feliz e convincente no rebate aos apertes, em que pêsse ao valor intelectual e à posição social do aparteante, aliás meu amigo dileto e, agora, alta figura da administração estadual.

Pela grande repercussão que obteve êsse discurso parlamentar, o autor decidiu publicá-lo em folheto, entregando os originais taquigrafados à Tipografia Fenix, de S. Cardoso & Cia.. Como se tratava de assunto municipal ("Em Defesa da Autonomia Municipal"), o brilhante deputado Plínio Ramos Coelho, num gesto de deferência ao Dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge, então Presidente da Câmara Municipal, solicitou-lhe duas palavras de introdução. E Adriano Jorge escreveu lindo prefácio, que vale por uma consagração, consagração tanto mais excelente quanto se recorda que a rubrica aurifulgente do Presidente da Câmara Municipal coincidia com a do Presidente da Academia Amazonense de Letras. E o fulgurante homem de Letras, na verdade consagrou o valoroso deputado. Lendo o discurso, admirou-lhe "luminosas facetas" e "os estudos sérios, vasados na moldura elegantíssima de seu estilo". E como não bastasse o relêvo dessa referência, Adriano Jorge escreveu de próprio cunho mais êste depoimento, positivamente enaltecedor e consecratório.

"Tive a felicidade e a honra de ter como discípulo de História Natural — eu regia então essa disciplina no Instituto de Educação do Amazonas — a Plínio Ramos Coelho; e logo me impressionou a sua acuidade mental, a sua capacidade de estudo e a sua grande independência, qualidades que faziam do jovem Plínio um aluno realçado e brilhante, no seio dos seus colegas de série, todos cheios de vigor e vontade de aprender".

Muito de indústria trouxe a terreiro o discurso de Plínio Ramos Coelho acêrca da autonomia municipal, para pôr na mais rútila evidência a palavra oracular de Adriano Jorge, que foi, indisputavelmente, um definidor e cinzelador de glórias. Êste

retrocesso, — assim me parece, — consagrou o meu ponto de vista, quando pus de manifesto que o Governador Plínio Ramos Coelho já estava, há muito, amadurecido para receber o prêmio da imortalidade acadêmica.

Foi com vera satisfação, pois, que recebi o pronunciamento do escrutínio secreto, que o revelou eleito por unanimidade. Foi com satisfação, ainda, que tomei conhecimento da indicação de meu nome para integrar a luzida comissão acadêmica que foi a Palácio comunicar em caráter oficial a eleição de Sua Excelência para ocupar uma cadeira naquele alto sodalício.

Certo estou de que o Governador Plínio Ramos Coelho proferirá um discurso monumental, por essência e por excelência acadêmico, assim na forma como no fundo. Seu patrono, Tenreiro Aranha, deixou um nome indelével na literatura nacional, em que pèse ao aresto de Silvio Romero. Poeta secundário ou não, êle está nas antologias. Posso citar a de Werneck, em cujo florilégio foi incluído como o "único" representante do Amazonas. Nessa poltrona n.º 21, já tomaram assento figuras expressivas da intelectualidade, sobretudo Leopoldo Péres, cuja inteligência era uma forja de arrebóis, cujos lábios e cuja pena foram mananciais de policrômicas aurifulgências, jornalista, escritor, crítico literário e de arte, orador de altos remígios e parlamentar vigoroso, sociólogo e pensador de invejável contextura mental.

Por todo êsse conjunto de excepcionais relevâncias, prevejo uma noitada do mais suntuoso esplendor, na posse do Governador Plínio Ramos Coelho, cultor exímio do vernáculo, inteligência aberta a tôdas as refulgências do espírito e a tôdas as modalidades da cultura, alta expressão cultural que concorrerá, por sem dúvida, para o mais agigantado conceito de nossa Academia Amazonense de Letras, em cujo sistema planetário surge agora mais uma estrêla fascinante, com a missão de glorificá-la, assim na altitude como no brilho!

História da Academia Amazonense de Letras

**Funcionamento do Silogeu, na palavra do seu Presidente,
Desembargador Leôncio Salignac de Sousa**

Torrencial chuva cobria Manaus... dessas a que já nos acostumamos. Chega com ímpeto, esbravejamento, depois amaina... mas não passa de todo. Leva a "escorrer" sôbre a cidade e sua gente.

Mesmo assim,, à hora aprazada o reporter procurou a personagem escolhida ao pronunciamento desta reportagem — um dos mais categorizados a pronunziá-lo — tendo obtido os dados almejados em meio a uma palestra simples em que o entrevistado, que ora inspecionava seus livros e sua cozinha, ora atendia a porta, ora acarinhava seu cachôrrro branco, pareceu preferir que o tomem por um homem simples e quase anônimo, a que o consideram como o é na verdade, um personagem de influência no meio social, político e judiciário em nosso Estado, uma inteligência privilegiada, uma personalidade do melhor quilate, já conhecido além fronteiras.

Falamos do Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, atualmente Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas e da Academia Amazonense de Letras, para onde, foi reeleito, ocupa a cátedra da qual é patrono Francisco de Castro.

"Sou apenas um homem de estudos, que vive para seus livros e o bom cumprimento dos seus deveres", disse em certo momento o entrevistado.

O QUE É A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS — Nosso principal objetivo junto ao Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, foi o de obter seu pronunciamento sôbre a excelsa Academia Amazonense de Letras, fundada a 1.º de

janeiro de 1918 e, atualmente, em preparativos para mais uma escolha e admissão de novos luminares, a qual deverá ocorrer dentro de breves semanas, ao mesmo tempo que se espera a expansão de sua sede própria.

Obtivemos o que queríamos por meio da palavra abalizada e simples do nosso entrevistado, que iniciou seu pronunciamento falando sobre — A FINALIDADE DA AAL — “Este assunto — disse a respeito o Desembargador — envolve necessariamente a própria razão de ser das Assembléias de intelectuais, não somente em nosso, como também em outros países. Agrupando-se os homens que cultuam as letras de uma nação ou Estado, o objetivo precípua é o de cultivar e difundir a literatura pátria. Substituem-se motivos políticos, quando os aedos se reuniam para cantar os seus poemas, pela finalidade louvável de transmitir as produções dos poetas e romancistas, filósofos e prosadores, cujos trabalhos se perpetuam nas páginas dos livros ou até mesmo em as colunas dos jornais e revistas, às gerações novas. Fazendo-o também os críticos ou apologistas deixam os índices de sua erudição, de seu talento e de sua capacidade criadora. Hoje, as Academias de Letras, em geral, na França, no Brasil principalmente, numa seleção de valores, reúne expoentes de todos os círculos da atividade do pensamento, seja no âmbito científico, seja nas artes, consubstanciados na expressão de beletrismo. No Amazonas, portanto, os que o fundaram, seguiram idênticos anseios. Pelos Estatutos do Silogeu amazonense, têm este “por fim a cultura do idioma e da literatura nacional mediante a ação individual ou coletiva de seus membros”.

Assim pronunciou-se de início o nosso ilustre entrevistado, que continuou seu brilhante discorrer, declarando que a AAL “possui trinta cadeiras”. E concluiu: Quanto aos nomes de seus patronos, os fundadores procuraram por em relevo ou celebrar os intelectuais de máximo relevo no panorama das letras nacionais. Hoje, alguns estão substituídos por aqueles que, no jornalismo, na oratória, na condição de escritor, se tornaram figuras exponenciais em nossa terra, a exemplo de Araújo Lima, Péricles Moraes, Adriano Jorge, João Leda e Jonas da Silva”.

OS PATRONOS — Sabe-se que as 30 cadeiras da Academia Amazonense de Letras têm como patronos, por ordem crescente, a Péricles Moraes, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias, Silvio Romero, Araújo Filho, Adriano Jorge (também chamado o Poeta Verde da Letra), Maranhão Sobrinho, Torquato Tapajós, Machado de Assis, Barão do Rio Branco, José Veríssimo, Olavo Bilac, Tobias Barreto, Barão de Sant’Ana Nery, Graça Aranha, João

Leda, Francisco de Castro, Jonas da Silva, Coelho Neto, João Ribeiro, Tenreiro Aranha, Farias de Brito, Cruz e Sousa, Joaquim Nabuco, Araujo Lima, Rui Barbosa, Lafaiete Pereira, Aníbal Teófilo, Capistrano de Abreu e, finalmente, o insigne abolicionista pátrio, o imortal poeta Castro Alves.

A palestra foi por instante interrompida pelo aparecimento do cachorro branco do Desembargador, passando a ocupar a cadeira do seu amo. Este aproveitou para procurar informes relativos à palestra em sua farta e valiosa biblioteca particular, após o que atendeu à porta pessoas que o procuraram, sempre numa admirável simplicidade, não demonstrando, como já dissemos acima, o valor de que é portador.

A partir daí o Desembargador deu preferência a perguntas que o repórter passou a formular :

Há, na atualidade, membros da Academia de Letras do Amazonas com obras publicadas ?

— “Sim. Sem incorrer em excesso de elogio, os livros de Mavignier de Castro, de Genesino Braga, de Alvaro Maia, êste rigorosamente de paisagens, de aspectos sociológicos e de episódios e figuras amazonenses continuam a receber os aplausos da crítica do país e a receber interêsse. As poesias de Américo Antony, inspiradas nos motivos e lendas amazônicas, constituem uma verdadeira sinfonia na exaltação de nossas florestas, de nossos enrêdos hidrográficos, de nossa tradição indígena. Não sei se seria apoucado o título de Cantor da Amazônia. No mesmo gênero e com uma estranha beleza, produzindo-nos forte emotividade, os poemas de Pereira da Silva. No jornalismo, as crônicas diárias de Aristófano Antony, em “A Tarde”, onde militamos por três lustros, e, ora, em “A Crítica”, seus artigos espelham uma inteligência lúcida, um espírito atualizado nos problemas indígenas e alienígenas, quanto ao aspecto social e literário. Aderson de Menezes, cujas obras de sua especialidade em um dos ramos mais seduzentes, porém mais difíceis, as teorias em tórno do Estado, ou seja da formação e organização dos povos, desfrutam de justificado prestígio, dentro e fora de nossas lindes — Moacir Rosas, que semanalmente, se lança em artigos de apreciável lastro de erudição e já se recomendou ainda em monografias de estudos históricos na ciência de sua profissão, a Odontologia. O padre Nonato Pinheiro, cujas páginas dominicais, fartas de cultura filológica, há muito lhe colocaram às mãos as palmas de um dos mais consagrados filólogos brasileiros. Além de profundo conhecedor do idioma pátrio, é também um mestre na língua fascinante e opulenta de Racine. Um outro

filólogo, agora mesmo festejado pela imponência de sua obra sobre João Leda, é João Crisóstomo de Oliveira. Ao ingressar na Academia apresentou-se com um erudito discurso. Um grande nome, pela importância de suas obras, apreciadas e traduzidas em nações cultas; o historiógrafo Mário Ipiranga Monteiro, André Araújo, sociólogo de renome, jurista especializado em problemas da infância e da juventude e mestre de gerações. Seus livros de sua especialidade constituem espelho de robusta mentalidade e de riquíssimo lastro de saber. Carlos de Almeida Barroso, jornalista cultor de Direito e como o acadêmico André de Araújo, discípulo de Sócrates, de Platão, de Aristóteles e de todos os criadores e sistematizadores da sabedoria antiga e contemporânea. Mithridates Corrêa mente fecunda de inspiração embelezadoras, poeta e analista das letras, sem favor, um dos mais lucilantes apóstolos das Musas, tendo suas produções poéticas de par com o aprumo da metrificacão, sentido estético e, não raro, excelentes indagações e conclusões da vida humana e dos episódios da Natureza. Sem diminuir os nomes também já consagrados de tantos outros, citamos ainda Djalma Batista, festejado conferencista, crítico sutil, deixando transparecer, em paralelo à profundidade de seus conhecimentos literários e científicos, um humor todo seu, brilhante desde os bancos acadêmicos na Bahia, roseiral de inteligência, e Ramayana de Chevalier, o mago do oratória, o escritor miraculoso pelo poder de tornar reais os próprios personagens de seus romances e de fazer com que se nos perpetuem nas retinas as figuras e se nos deslumbram os painéis riquíssimos. Por que não lembrar Tiago de Melo? Seria omissão imperdoável, porque suas obras e seu nome constituem galardão ao patrimônio cultural e artístico do Amazonas. Outro pecado cometeríamos deixando de registrar os nomes de três grandes juristas, Waldemar Pedrosa, Sadoc Pereira e José Lindoso, aquele, eminente mestre do idioma francês e notável orador e José Lindoso, estilista magnífico e economista prestigioso...

QUAIS OS RECURSOS FINANCEIROS DE NOSS OSIOLOGEU?

— "Este aspecto contrasta sem dúvida com a opulência, a riqueza das inteligências que, excetuando meu modesto nome, ali se congregam numa festa eterna de perdulários das belezas do espírito. Para enfrentar os gastos obrigatórios de uma zeladora, uma senhora com evidente vocação para tôdas as aperturas financeiras, a conservação do prédio, telefone, luz e reparos de quando em quando, há apenas duas verbas, uma federal de noventa mil cruzeiros e outra, de trinta mil cruzeiros, do Estado, esta que se não recebe desde 1961. Ser presidente da Academia de Letras do Amazonas, a problemas econômicos, é, sem dúvida, pretender um prêmio de mago financista. Sòmente

agora e com exigências de tãda ordem por iniciativa nossa junto aos nossos representantes federais, houve a consignação de duas verbas, uma, de dois milhões e seiscentos mil cruzeiros para a reforma da séde e outra, de seiscentos mil cruzeiros para a organização da Biblioteca. Plantas aprovadas, planejamentos de obras, comprovação de que vem sendo obedecidos os Estatutos pela autoridade judiciária, certidões de ata de eleição e de posse de sua diretoria, sabemos lá de que mais e, depois, a espera, a grande espera da bõa vontade dos donos do dinheiro de nossa mãe-pátria. Da SPVEA, em 1961, com uma dotação de quase 2 milhões de cruzeiros, nada recebemos, apesar de múltiplas diligências e solicitações feitas aos nossos deputados e senadores”.

“QUAL O PROCESSO DE ELEIÇÕES DE UMA ACADEMIA? — Há dois, um, de iniciativa do próprio candidato e outro, pela recomendação de cinco acadêmicos. De qualquer modo,, é obrigatório a indicação de trabalhos divulgados ou livros publicados. Por escrutínio secreto, imposto pelos Estatutos, o candidato eleger-se-á com uma votação de metade mais um”.

QUAIS AS VAGAS EXISTENTES PRESENTEMENTE? — “Três cátedras estão vagas, cujos patronos são : — Tobias Barreto, de n.º 13; Tenreiro Aranha de n.º 21 e Lafayette Pereira, de n.º 27.

QUAIS OS CANDIDATOS EM COGITAÇÃO? — “O presidente da Academia não costuma, pelo menos desde minha investidura, recomendar e muito menos impor nomes de sua preferência. Há Estatutos a cumprir e, por nossa formação moral, respeitamos a liberdade de consciência em qualquer terreno”.

E' POSSÍVEL REGISTRAR ALGUM OU ALGUNS EPISÓDIOS INTERESSANTES NA VIDA DA ACADEMIA? — “E' possível sim. A eleição de 1960 para preenchimento de vagas e em que, dentre os candidatos derrotados, estava o do atual presidente da Academia, Ao contrário, no ano seguinte, aquele e êste saíram vitoriosos. Outro, na eleição da Diretoria em 1959. Chegaram votos lacrados do Rio de Janeiro e de outros pontos do país e até de Santiago do Chile. As pugnas eleitorais na Academia assumem, quase sempre, aspectos de intensa vibração e há rigorosa honestidade no processo da votação e no de apuração. Talvez um dia, no Brasil, os políticos sintam o que seja um pleito rigoroso, sob uma fiscalização severíssima em que a verdade sai das urnas, em tãda a sua limpidez. Os candidatos à láurea acadêmica passam por verdadeiro cilicio que nas outras capitais Dentro

de mais duas ou três semanas, a Academia de Letras do Amazonas irá escolher os novos imortais e muitas surpresas surgirão”.

O Desembargador Salignac de Sousa deixou o marco de sua passagem no Tribunal Regional Eleitoral, quando antes o dirigiu e, atualmente, o Tribunal de Justiça e a Academia de Letras a correção de seu poder diretivo, o que transforma aqueles dois templos, das leis e das letras, em exemplos de beleza, higiene e trabalhos acertados.

Para a presidência da nossa AAL, foi o nosso entrevistado encaminhado em 1958, por poucos meses, em substituição ao acadêmico Waldemar Pedrosa, que renunciou.

Na eleição de 1960 logrou ser reencaminhado à presidência de nosso Silogeu, desde quando, então, vem exercendo com brilhantismo e acêrto a missão confiada, da qual resulta a grandeza maior do Amazonas e sua gente. Eis em poucas palavras, um rascunho da Academia Amazonense de Letras.

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Cônego Ápio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, Paulo Eleutério, Romeu Mariz, Arthur Napoleão de Figueiredo e Líbero Luxardo.

MARANHÃO — Antônio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE — Henrique Castriaso.

PERNAMBUCO — Mário Mello.

ALAGOAS — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

SERGIPE — Luís da Costa Filho.

BAHIA — José de Figueiredo Lobo e Aloysio de Carvalho Filho.

RIO DE JANEIRO — Albertina, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Aristêo G. Leite, Cônego Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Clovis Barbosa, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldó Orico, Pascoal Bandeira Moreira Paulo Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larraigote, Seerino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Virgílio Barbosa, Adauto Nogueira Espíndola e Padre Manuel Albuquerque.

ESTADO DO RIO (Niterói) — Monsenhor João de Barras Uchôa.

SÃO PAULO — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barroso Ramos.

PARANÁ — J. M. de Santa Ritta.

RIO GRANDE DO SUL — Francisco de Paula Azzi.

* * *

PORTUGAL — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

ESPAÑA — Eugênio de Láscaris Commeno, Guillermo de Torre, Ramon de Valle-Inclan e Antônio Nadal Valldaura.

FRANÇA — Serge Debordieux e J. Dubecq.

ITÁLIA — Rafael Corso.

PERU — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

BOLÍVIA — Alcides Arquedas.

COLOMBIA — Cornelio Hispano e Guilherme Valencia.

EQUADOR — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

URUGUAI — Carlos Reyles e Emilio Oribe.

ARGENTINA — Enrique de Gandia, Manuel Urgate e Amilcar Lufs Campini.

ALEMANHA — Guilherme Glese.

SÃO DOMINGOS — Américo Lugo.

CUBA — Antônio Iraizoz.



Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX

Sergio Cardoso & Cia. Ltda.

(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmento, 78.

Manaus — Amazonas